



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CARLA MARIA CANALLE PAGNOSSIM

**O CORPO E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS:
PRÁTICAS E CONTEXTOS DE USO ENTRE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS(AS)**

Londrina
2012

CARLA MARIA CANALLE PAGNOSSIM

**O CORPO E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS:
PRÁTICAS E CONTEXTOS DE USO ENTRE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS(AS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, Linha de Pesquisa: Cultura, Poder e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Leila Sollberger Jeolás

Londrina
2012

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P139c Pagnossim, Carla Maria Canalle.

O corpo e o uso de substâncias psicoativas : práticas e contextos de uso entre estudantes universitários(as) / Carla Maria Canalle Pagnossim. – Londrina, 2012.
139 f.

Orientador: Leila Sollberger Jeolás.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Estudantes universitários – Atitudes – Aspectos sociais – Teses. 2. Juventude – Conduta – Aspectos sociais – Teses. 3. Drogas e juventude – Teses. 4. Drogas – Utilização – Teses. 5. Sociabilidade – Teses. 6. Jovens – Condições sociais – Teses. 7. Jovens – Uso de drogas – Teses. I. Jeolás, Leila Sollberger. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 316.62:613.83

CARLA MARIA CANALLE PAGNOSSIM

**O CORPO E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS:
PRÁTICAS E CONTEXTOS DE USO ENTRE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS(AS)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, Linha de Pesquisa em Cultura, Poder e Sociedade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Leila Sollberger Jeolás
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Andrea Domanico
Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre
Substâncias Psicoativas - UFBA

Profa. Dra. Martha Célia Ramírez-Gálvez
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 24 de abril de 2012.

AGRADECIMENTOS

A minha querida orientadora Leila Jeolás, pela convivência e sensibilidade em relação às questões da vida, por dividir seus conhecimentos, pela paciência com que acompanhou meus limites e pelo apoio constante durante todo o processo.

Às professoras Martha Ramírez-Gálvez e Andrea Domanico pela atenção dada ao meu trabalho.

Aos(às) docentes do Programa de Mestrado em Ciências Sociais e aos(às) técnicos(as) da Secretaria de Pesquisa e Pós-Graduação do CCH, em especial ao Cláudio Felisberto e à Rosemeri Francisquini Silvano, pelo apoio durante o curso de mestrado.

Aos(às) professores(as) e aos(às) colegas do Projeto de Pesquisa "Corpos e tecno/máquinas: riscos, consumo e marcadores de diferença", pela contribuição com as discussões teóricas e metodológicas, além dos laços de amizade e solidariedade sempre presentes nos nossos encontros e no nosso convívio, em especial ao Gabriel e ao Guilherme pela colaboração e pelo apoio ao meu trabalho.

Aos meus pais Joaquim e Maria, pelo amor incondicional, por todo apoio e compreensão nos momentos em que me ausentei do convívio mais próximo devido às minhas atividades acadêmicas e de trabalho.

Ao André (Gião), meu querido companheiro, pela paciência e pelo cuidado com que me acompanha nos momentos de angústias e de reclusão. E para além, agradeço-o por compartilhar pensamentos, leituras, experiências de vida, visão de mundo e principalmente, sentimentos.

Ao Zeco e à Romilda pelo amor dedicado ao meu marido e agora a mim também.

À Flavinha, que além de estar presente em todos os momentos, foi fundamental nos momentos de maiores dificuldades. Obrigada por você existir em minha vida. Sem você eu não teria sobrevivido.

As minhas amigas Lilia, Ana Luísa e Marcella e ao meu amigo Silvano.

A todos os meus colegas de trabalho que me apoiaram e deram suporte necessário para que eu pudesse me ausentar, especialmente a minhaquerida e incansável Iara e aos companheiros Fernando, Alcídia, Betty, Elaine e Ana Luiza Bernardi. E às amigas que fiz no SEBEC, que muitas vezes choraram e riram comigo durante todo o processo: Elisabethe e Guelma.

À Universidade Estadual de Londrina por ter possibilitado as licenças durante parte do curso de mestrado e à Direção do Serviço de Bem Estar à Comunidade, que me dispensou para usufruir de licenças parciais, férias e licenças prêmio quando precisei me ausentar do trabalho no momento da escrita deste trabalho.

Às pessoas que são atendidas por mim no SEBEC, que não apenas suportaram minhas idas e vindas durante estes anos, como também se solidarizaram e minimizaram minhas ausências. A vocês, muito obrigada!!!

Aos participantes do Grupo de Redução de Danos, por todo saber construído coletivamente e toda a vida que compartilhamos. Vocês transformam a minha vida a cada encontro.

Aos interlocutores e às interlocutoras que mediaram os encontros com os(as) entrevistados(as) e aos(às) estudantes universitários(as) que aceitaram o desafio de participar desta pesquisa. Muito obrigada pela confiança e aposta que vocês fizeram neste trabalho. Contem comigo para futuros diálogos.

PAGNOSSIM, C. M. C. **O corpo e o uso de substâncias psicoativas: práticas e contextos de uso entre estudantes universitários(as)**. 2012. 139 folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo apreender práticas e contextos de uso de substâncias psicoativas entre estudantes de graduação da Universidade Estadual de Londrina, sobretudo de maconha, cocaína e/ou crack, visando compreender quais os tipos de engajamento com o mundo ocorrem com estes jovens a partir do uso destas substâncias. O objeto deste estudo é o corpo, entendendo-o como agenciador das experiências, não sendo considerado apenas como um organismo biológico que responde a estímulos ou como sustentáculo no qual são construídas as representações psíquicas. Para atingir o objetivo deste estudo, utilizei três categorias analíticas que orientam a pesquisa sobre as práticas de uso de substâncias psicoativas: a "extensividade e intensividade", ou seja, a relação entre os modos extensivos de viver, prescritos socialmente e os intensivos, que fogem às regras sociais de conforto, longevidade e segurança; a complexa relação entre a "destruição agonística" e a "plenitude do êxtase", que se refere às experiências de prazer e de sofrimento; e os sentidos individuais e coletivos dados ao uso destas substâncias. A técnica metodológica utilizada foi a de entrevistas em profundidade, em que os(as) participantes foram contactados(as) através do recurso chamado "bola de neve". Com esta técnica, os(as) primeiros(as) interlocutores(as) indicaram e mediarão novos encontros com outros(as) estudantes. Foram entrevistados(as) estudantes universitários(as) ao longo de um ano de minha circulação em diferentes espaços, principalmente dentro do campus universitário. Este estudo problematizou a concepção médica moral sobre o uso de substâncias psicoativas na nossa sociedade, uma vez que tal concepção funciona como embasamento teórico para a política proibicionista, visando discutir o pressuposto de que os diversos usos de substâncias psicoativas são possibilidades contemporâneas de engajamento com o mundo, construindo uma reflexão sobre alternativas e limites do agenciamento individual e coletivo pelos estudantes nestas práticas.

Palavras-chave: corpo; substâncias psicoativas; práticas; estudantes universitários.

PAGNOSSIM, C. M. **The body and the use of psychoactive drugs**: practice and contexts of university students use. 2012. 139 pages. Dissertation (Masters in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

The aim of this research was the comprehension of the practice and context concerning the use of psychoactive drugs such as marijuana, cocaine or crack by the students of Universidade Estadual de Londrina. By doing this our objective was also to obtain information about the type of involvement between the world and these students. The object of this study was the body as an agency of experiences, not only as a biological organism responding to stimuli or as a place where psychic representations are constructed. Therefore, I considered the use of three analytical categories to guide this research on the use of psychoactive drugs: the “extension and intensity”, in other words, the relation between the extensive lifestyle’s pattern, dictated by society, and the intensive lifestyle’s pattern that break away with the social rules concerning comfort, longevity and safety. This research also refers to the complex relation between the “agonistic destruction” and the “ecstasy plenitude” which are present in pleasure and suffering experiences and, the individual and collective sense of the use of drugs. The methodology adopted was the semi-structured and in-depth interview technique and the Snowball sampling technique, a resource in which an interlocutor indicates another. For a year I interviewed students at the campus and out of it. This study intended to evaluate medical ethics assumptions about drug use in our society which leads to a technical prohibitive policy as well as to discuss the relation between the body as an object and subject during the drug consumption in Brazilian society nowadays. Moreover, this research attempted to provide reflections on possibilities and limits of the individual and of the collective agency regarding the use of drugs among students.

Keywords: body; psychoactive drugs; practice; university students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS: CORPORALIDADE E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.....	30
1.1 Corporalidade Nas Sociedades Ocidentais.....	31
1.2 Corpo e Uso de Substâncias Psicoativas na Contemporaneidade.....	39
2 QUESTÕES METODOLÓGICAS E ÉTICAS EM UMA PESQUISA SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ILÍCITAS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS(AS).....	45
2.1 Métodos E Técnicas De Pesquisa: Circulação E Interloquções Na Construção Do Campo De Pesquisa.....	46
2.2 Ética Em Pesquisa: Controvérsias Entre Pesquisas <i>Em</i> e <i>Com</i> Seres Humanos	51
3 TRAJETÓRIAS EM NARRATIVAS: O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O TEMPO UNIVERSITÁRIO.....	58
3.1 Apresentação Em Narrativas: Quem São Os(As) Jovens Interlocutores(As).....	59
3.1.1 Jorge: <i>"Sempre tive a cabeça meio aberta em relação a isso, então você acaba pegando, experimentando muitas coisas"</i>	59
3.1.2 Maria: <i>"Minha meta já não eram os loucos do terceiro colegial, eram os loucos da universidade"</i>	64
3.1.3 Ana: <i>"Isso faz parte da sociabilidade inclusive, e rola até um companheirismo"</i> .72	
3.1.4 Gabriel: <i>"Eu tinha uma pira de questionar a existência da realidade"</i>	77
3.1.5 Pedro: <i>"[...] já tinha fugido de qualquer controle"</i>	81
3.1.6 Carolina: <i>"Mesclado com crack, eu fumei, preferia fumar um baseado normal, mas aí vai fumando"</i>	84
3.1.7 Samira: <i>"Na época que a minha mãe não estava, as drogas estavam"</i>	86
3.1.8 Suzana: <i>"Na adolescência você tá muito à procura de alguma coisa, então, vai experimentando"</i>	89
3.1.9 Alexandre: <i>"O uso da maconha e do Daime são como tapas na sua consciência, mudam sua forma de ver o mundo, de viver"</i>	91

4 NARRATIVAS EM ANÁLISE: USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, CORPORALIDADE E RISCOS.....	94
4.1 Práticas De Uso E Contextos.....	95
4.2 <i>Embodiment</i> No Uso De Substâncias Psicoativas.....	106
4.3 Riscos Prescritos, Riscos Vividos E Estratégias De Proteção.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICE.....	137
APÊNDICE A.....	138

INTRODUÇÃO

Atualmente as discussões sobre “drogas”¹ lícitas e ilícitas estão presentes em literaturas científicas, revistas especializadas, mídia popular, discursos políticos, intervenções públicas (políticas internacionais; políticas e ações governamentais nacionais, em todos os poderes: executivo, legislativo e judiciário; movimentos sociais e religiosos) e intervenções privadas (clínicas; comunidades terapêuticas; ONGs; indústria e comércio farmacêutico, de tabaco e de bebidas alcoólicas). Sem contar a extensão das organizações paralelas, como o tráfico de substâncias psicoativas ilícitas, que trazem problemas relacionados à violência e à criminalidade abordados pela mídia e por várias áreas do conhecimento (ZALUAR, 1995).

Podemos observar o estabelecimento de relações com as substâncias psicoativas em práticas individuais e em práticas coletivas socialmente organizadas. Distintas áreas científicas vêm se ocupando, a partir do início do século XX, em construir saberes sobre diversos objetos e problemas relacionados ao assunto, sendo que até o século XIX houve preocupações localizadas em determinadas disputas políticas internacionais (como o consumo de ópio entre os chineses e a disputa geopolítica com a Inglaterra) ou nacionais: no caso brasileiro, ainda no Império, houve a proibição do uso de maconha devido a uma preocupação de controlar a mão-de-obra escrava e a crescente população negra livre no final do sistema escravagista brasileiro.

Dentre as áreas que se dedicam à compreensão da temática, estão a biologia, as ciências da saúde (medicina, enfermagem), a farmacologia, a psicologia, as ciências sociais aplicadas (direito, serviço social, economia), as ciências humanas e sociais (história, filosofia, sociologia, antropologia, ciência política), entre outras.

Esses saberes em torno das substâncias psicoativas são produtos e produções sociais, o que gera implicações não apenas científicas, mas também

¹ O conceito “droga” é o termo mais comumente utilizado pelas sociedades ocidentais para conceituar as substâncias psicoativas, principalmente as ilícitas. Este termo foi colocado entre aspas devido ao valor simbólico agregado a ele, com forte carga moral, sendo um conceito negativado socialmente. Por esse motivo, utilizarei com mais frequência o termo *substância psicoativa*, reservando a utilização do termo “droga”, entre aspas, em trechos do texto em que busco enfatizar o contexto moralista, ou ainda quando for a palavra utilizada pelos(as) autores(as) citados(as).

econômicas, culturais e políticas, principalmente por se tratar de um tema controverso na atualidade.

Atualmente o conceito de substâncias psicoativas tem sido utilizado por oferecer uma definição que não gera interpretações moralmente negativadas como a palavra "drogas" e possui uma definição que abarca um maior número de substâncias do que termos anteriormente utilizados como, por exemplo, o conceito de substâncias narcóticas. Dentre as definições hoje utilizadas, esta explicita aspectos contidos neste trabalho. Substâncias psicoativas podem ser consideradas como:

[...] um grupo de produtos químicos capazes de provocar alterações no sistema nervoso central, afetando especialmente as percepções, o humor e as sensações, induzindo, ainda que temporariamente, sensações de prazer, de euforia, ou aliviando o medo, a dor, as frustrações, as angústias, etc. (CORDATO, 1988, p. 9 *apud* MACRAE, 1997, p. 110).

Apresento de forma breve minha trajetória profissional em torno deste tema, pois entendo que ela seja parte importante do percurso que me levou até a identificação e a definição do problema estudado na presente pesquisa.

Tal trajetória se iniciou há alguns anos quando ainda cursava a graduação em psicologia², em que, dada a ênfase na formação em psicanálise, comecei a me interessar sobre o uso de substâncias psicoativas como um tóxico que é sempre associado aos sintomas psíquicos ou à angústia. Segundo a concepção psicanalítica expressa na obra "O mal-estar na civilização", Freud (1980, p. 97) entende o consumo de substâncias psicoativas pelos povos como sendo sempre usado "[...] na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça", o que, para o autor, oportuniza a estas substâncias um lugar privilegiado na libido humana. Freud defende ser exatamente essa propriedade que "[...] determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos." (*Idem*). Autores psicanalíticos contemporâneos vêm tratando o uso de "drogas" unicamente pelo viés das toxicomanias e do toxicômano, não se referindo a outras possibilidades de uso. Portanto meu interesse pelo tema das "drogas" ocorreu inicialmente pelo aspecto danoso do uso destas substâncias denominado pelas ciências da saúde de abusivo.

² Minha graduação no curso de Psicologia ocorreu de 1993-1997, na Universidade Estadual de Londrina

A partir de então, comecei a participar de programas de atendimento a pessoas que tinham queixas relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas. Particpei de reuniões de um grupo de ajuda mútua que tem, como meta principal, a mudança de comportamento e a abstinência de seus participantes, sendo que me mantive ligada a este grupo após a conclusão da graduação, mas apenas prestando atendimentos individuais a pessoas que procuravam por apoio e que apresentavam demandas de tratamento psicológico.

Ainda durante a graduação, outras questões emergiram, conectadas também às relacionadas à psicanálise. Diante da compreensão de que a subjetividade constituía-se pelas formações do inconsciente e pelo mal-estar do homem ao lidar com as insatisfações geradas no convívio social, deparei-me com as seguintes hipóteses: a da inviabilidade da meta de abstinência imposta por diversas metodologias terapêuticas como única alternativa aos sujeitos que usam substâncias psicoativas; e da possibilidade de estes sintomas (na época eu considerava o abuso de drogas especificamente como um sintoma psíquico) migrarem para outras áreas de suas vidas quando a interrupção do uso era imposta ou forçada.

Estas questões me levaram a buscar outras abordagens teóricas sobre o uso de substâncias psicoativas que não tivessem como meta central a abstinência e que pudessem dialogar com a psicanálise numa compreensão mais abrangente sobre o assunto.

Desta forma, conheci a abordagem da Redução de Danos³ que tem em seus pressupostos teóricos a compreensão de que o fenômeno do uso das substâncias psicoativas envolve questões culturais, políticas e econômicas e, portanto, constitui-se a partir de aspectos subjetivos e sociais. A abordagem da Redução de Danos considera que o uso destas substâncias faz parte da história da humanidade e pode ter um caráter mais ou menos danoso, dependendo das condições sociais, dos aspectos culturais de cada contexto histórico e dos aspectos subjetivos das pessoas que as consomem. A Redução de Danos parte da ideia de que as pessoas que usam substâncias psicoativas devem ser respeitadas em seu direito ao uso destas substâncias, cabendo ao Estado a oferta igualitária de acesso aos serviços de saúde para toda a população, usuária ou não.

³ Ver trabalhos de Domanico (2006); MacRae (2004); MacRae e Gorgulho (2003).

A Redução de Danos defende a organização de serviços que ofertem estratégias de saúde, com o objetivo de ajudar os usuários de substâncias psicoativas a reduzirem os danos relacionados ao uso. No caso da prevenção do HIV pelos usuários de substâncias injetáveis, prevê orientações, juntamente com a disponibilização de trocas de seringas descartáveis novas pelas usadas, distribuição de preservativos; no caso de usuários de crack, prevê, além das orientações, a oferta de *kits* com cachimbos, piteiras e protetores labiais, como forma de prevenir as hepatites e outras infecções. Ao longo dos anos, a Redução de Danos organizou-se, construindo conhecimento mais ampliado sobre o uso de substâncias psicoativas, o que possibilitou ampliar sua área de atuação para ações de direitos humanos, bem como orientações de saúde em geral, e em relação a possíveis substituições do uso de substâncias mais nocivas, pelo uso estrito de substâncias que causam menos danos, atendendo uma população que não quer ou não consegue abster-se das "drogas". Atualmente a Redução de Danos está estruturada em três níveis: pressupostos teórico-metodológicos, movimento social e política pública.

Faz-se necessário um breve relato da Redução de Danos no Brasil e da construção da Política Nacional sobre Drogas dos últimos anos, pois se tratam de dois pontos cruciais no curso de minha trajetória profissional e para a delimitação dos problemas deste estudo.

A Redução de Danos, que teve início na Europa, surgiu no Brasil no final da década de 1980 visando prevenir a infecção de HIV pela população usuária de drogas injetáveis. Em 1989 houve uma primeira iniciativa governamental por parte da prefeitura de Santos para implantar ações de redução de danos com trocas de seringas, mas esta ação não foi possível devido à proibição da Promotoria local. Foi a partir de 1995 que a redução de danos tornou-se realidade no Brasil; deste ano até 2003 foram abertos mais de 200 Programas de Redução de Danos (PRD), quase todos funcionando com recursos da Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS (CN-DST/AIDS), por meio de um acordo entre o Governo Brasileiro e o Banco Mundial, envolvendo recursos da UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime (ANDRADE, 2011, p. 4666).

Em 2003 houve uma retração das ações da CN-DST/AIDS em relação à centralização dos financiamentos de ações de redução de danos por parte

da sociedade civil organizada. Tais financiamentos passaram a envolver destinações menores de verbas e ficaram sob a responsabilidade dos estados e dos municípios, havendo uma sensível retração dos projetos e programas, pois, além da diminuição do recurso financeiro, muitos Estados e municípios não acataram a indicação de implantação da Redução de Danos. Com isso a maioria das ONGs, apesar de ter desenvolvido autonomia política e realizado importante controle social, não obteve independência financeira, não conseguindo manter suas ações quando do término dos financiamentos estatais.

Embora esta retração ocorrida em 2003 por parte da CN-DST/AIDS tenha gerado recuo nas ações de redução de danos, com perdas para a atenção à população usuária de substâncias psicoativas, Andrade (2011, p. 4667-68) aponta um avanço importante na implantação das estratégias de redução de danos como parte da Política sobre Drogas, pelo fato de que a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas/DAPES/SAS/MS e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD/Ministérios da Justiça assumiram uma responsabilidade maior nas Políticas de Atenção ao Uso de Álcool e outras Drogas. Entre os avanços, destaca-se a definição da redução de danos como estratégia principal indicada nas intervenções de atenção ao uso das substâncias psicoativas ("álcool e outras drogas") e o realinhamento da Política Nacional Antidrogas, transformando-a em Política Nacional sobre Drogas em 2005.

Um dos maiores problemas dessa transição foi a não previsão de como garantir que houvesse a implantação da municipalização das ações de redução de danos e que Estados e municípios seguissem as diretrizes colocadas pelo Ministério da Saúde.

O resultado foi a desarticulação do já construído e a acentuada redução do número de PRD no Brasil. Um verdadeiro retrocesso do que vinha sendo conseguido através do trabalho árduo e de negociações políticas que possibilitaram o avanço das ações de redução de Danos para grande parte do território nacional (ANDRADE, 2011, p. 4667).

Outras diretrizes e ações governamentais referentes à Política Nacional sobre Drogas somaram-se às mudanças acima descritas. A partir de 2009, com a disseminação do uso de crack no Brasil, foi lançado um Plano Emergencial para Combate ao Uso Nocivo de Álcool e Drogas e em 2010, por meio do decreto nº

7.179, de 20 de maio de 2010, o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, que teve sua reedição em 2011.

Apesar de estes planos trazerem avanços, como a intersecção das secretarias para desenvolvimento de ações sobre as "drogas"; a indicação de aberturas de leitos em hospital geral; a indicação de que haja articulação das intervenções sobre "drogas" com as ações da Estratégia de Saúde da Família, os problemas residem na não implementação destas diretrizes e muito menos da integração entre as ações e serviços. Sobre isso, é possível identificar como causa do fracasso dos planos: o não cumprimento por parte dos Estados e dos municípios das ações orientadas pelo governo federal; verbas federais insuficientes para a implantação nos estados e municípios; e ainda a dificuldade destes de aplicar as verbas federais existentes devido à especificidade de sua destinação, que muitas vezes não é adequada às necessidades locais. Havendo ainda outro agravante, que é o retrocesso trazido nestes Planos, com o financiamento de internações de longa duração, realizadas por instituições religiosas, sem equipe técnica ou com equipe escassa de saúde e com princípios religiosos e moralistas (as chamadas Comunidades Terapêuticas), o que ameaça os avanços brasileiros alcançados pelas Políticas de Saúde Mental, conquistadas com a Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial.

O resultado atual de tais direcionamentos é o incentivo para a abertura de clínicas especializadas, como já foi anunciado oficialmente pelo atual governo do Estado do Paraná, ao contrário de incentivar ou até mesmo obrigar os estados a abrirem leitos para desintoxicação em hospitais gerais. Outro resultado negativo é a privatização do SUS, por meio de terceirização de uma função que é de sua responsabilidade, como o financiamento do tratamento de pessoas que usam alguma substância psicoativa em Comunidades Terapêuticas com cunho religioso e com fundamentos moralistas de abstinência e de terapêuticas centradas em disciplina, comportamentos sociais "adequados" e trabalho, caracterizando-as fora dos princípios laicos do estado brasileiro e das diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) para saúde mental⁴.

⁴ Por incapacidade do SUS, as comunidades terapêuticas exercem grande parte dos tratamentos para usuários de substâncias psicoativas, sem acompanhamento e fiscalização adequados, e a maioria não possui condições física e de equipe para funcionar. Como o Estado não conseguirá substituí-las a curto prazo, poderia estabelecer normas rígidas sobre condições mínimas de funcionamento e de metodologia de tratamento, oportunizando um tempo para as instituições realizarem adequações. No entanto, o que ocorreu foi que, ao invés do se exigir mudanças, as regras de normatização da ANVISA, até então regulamentadas pela RDC nº 101, de 31 de maio de

Entre avanços e retrocessos na Política Nacional sobre Drogas e na Redução de Danos, houve conquistas por parte da sociedade civil, com a criação de associações nacionais e estaduais de redução de danos, de redutores de danos e de usuários de drogas. E mesmo com a fragilização sofrida por estas associações com o processo de transformação da Redução de Danos em missão governamental, o que é um princípio correto dentro das diretrizes SUS, os ganhos sociais e as conquistas em *advocacy* para as pessoas que usam substâncias psicoativas foram e são relevantes com a criação de tais associações, além de que estes processos de organização da sociedade civil são fundamentais para as ações atuais de resistências contra os retrocessos da política nacional sobre drogas. Dentre as associações que se constituíram, destaca-se a Associação Brasileira de Redutoras e Redutores de Danos (ABORDA), fundada em 1997, e a Rede Brasileira de redução de Danos (REDUC), fundada em 1998.

O conhecimento dos pressupostos teóricos e metodológicos da Redução de Danos, juntamente com o seu potencial de transformação social e política, colaborou com uma primeira revisão de paradigmas em minha formação, pois esta concepção teórica reforçou que o foco de atenção deve ser o sujeito em determinadas condições sociais, e não as substâncias psicoativas, além de que tal conhecimento provocou outro deslocamento conceitual em minha formação, o do sujeito (individual) para a atenção às construções culturais e aos contextos sociais nos quais este sujeito está inserido.

Tais mudanças conceituais consolidaram-se quando trabalhei como psicóloga de um serviço municipal de atenção a adolescentes usuários de substâncias psicoativas, no qual a maior parte da população atendida morava ou tinha experiência de viver nas ruas da cidade. Atender e me relacionar cotidianamente com uma população inserida num contexto tão específico e marginalizado socialmente e com modos de engajamento com o mundo tão distintos

2001 foram substituídas em 2011 por normas sem exigências mínimas adequadas ao trabalho (RESOLUÇÃO – RDC Nº. 29, DE 30 DE JUNHO DE 2011), incentivando não apenas a continuidade das comunidades terapêuticas existentes com ou sem condições mínimas, como a abertura de novas. Além do que a inclusão nos "Planos Nacionais do Crack" de financiamento de comunidades terapêuticas transmite a ideia equivocada de que este tipo de serviço seja parte da rede de tratamento ofertada pelo SUS, o que não pode ser naturalizado, pois não seguem princípios laicos e métodos técnicos de tratamento. Entendo que as comunidades terapêuticas devem ser regulamentadas e fiscalizadas, mas que devem continuar sendo uma iniciativa privada e não uma ação de investimento contínuo estatal.

dos que estava acostumada a lidar fez com que eu reavaliasse a atenção que daria a partir daquela experiência à interface entre as produções culturais, políticas, econômicas e subjetivas (práticas e representações) no uso de substâncias psicoativas, em cada contexto social.

Estas transformações teóricas (e de visão de mundo, no meu caso) aproximaram-me de estudos da psicologia social, mais especificamente da psicologia comunitária e da antropologia. Foi quando iniciei uma busca pela compreensão política, cultural e subjetiva do uso de substâncias psicoativas e, mais especificamente, entre a população com a qual comecei a trabalhar em outubro de 2003 - os(as) estudantes universitários(as).

A partir deste marco, passei a ter como foco de pesquisa duas questões sobre o uso de substâncias psicoativas que vão se inter cruzar no estudo aqui apresentado: a consideração do corpo como categoria analítica, entendendo-o como agenciador das experiências e não apenas um organismo biológico que responde a estímulos ou o local em que são construídas as representações psíquicas; e o entendimento de que o contexto social é de fundamental importância nas experiências das pessoas e nas relações estabelecidas por elas com o mundo.

Durante toda a pesquisa, iniciada em 2009, acessei estudos que servem de base para a discussão sobre a política internacional de “drogas” nos dois últimos séculos, além de estudos que analisam as situações da realidade brasileira sobre a temática e que apresentam uma perspectiva crítica⁵. Estes autores discutem a hegemonia dos estudos sobre substâncias psicoativas na sociedade contemporânea ocidental com ênfase nos aspectos biomédicos.

Segundo Fiore (2008, p. 4) a relação entre o fenômeno contemporâneo das "drogas" e a biomedicina é tão fortemente estabelecida que a constituição deste fenômeno ocorre simultaneamente com o processo de legitimação da medicina como ciência. No mesmo artigo, Fiore reflete sobre a relação entre o apoio da medicina no controle legal das substâncias e o contexto de disputas que envolveram a consolidação da medicina como saber científico, entre os quais “[...] deter a exclusividade do receituário e da manipulação de substâncias era uma conquista importante.” (FIORE, 2008, p. 5). Outro fator apontado pelo autor para a ligação entre biomedicina e proibicionismo foi a construção de uma

⁵ Ver Carneiro (2002a, 2002b, 2009); Costa (2007); Rodrigues (2002, 2004a e 2004b)

percepção das substâncias psicoativas como perigosas, o que gerou a associação entre as "drogas" e o desenvolvimento de uma doença do indivíduo.

À medida que crescia no século XX a implementação de políticas repressivas em praticamente todos os países, com a criminalização da produção, do tráfico e do uso de um número cada vez maior de substâncias psicoativas sem fins terapêuticos, "[...] foram os saberes médico-farmacológicos os nominalmente conclamados, na grande maioria dos casos, para fundamentarem 'cientificamente' tais políticas de repressão." (VARGAS, 2001, p. 204). Este autor emite a mesma opinião de Fiore sobre a ligação entre o fenômeno social contemporâneo das "drogas" e a construção da medicina como ciência. Em suas palavras:

[...] a criminalização de certo conjunto (de usos) de substâncias se deu em conjunção com o crescimento da importância social das atividades médico-farmacêuticas. Daí que, em todos esses casos, as políticas de repressão a partir de então tornadas hegemônicas em torno das "drogas" consideradas "ilícitas" tiveram, nominalmente, um duplo fundamento: médico e jurídico (VARGAS, 2001, p. 204).

O Brasil tem seguido a tendência dos países ocidentais de construir suas premissas políticas proibicionistas sobre "drogas" com base em pressupostos bioquímicos e médicos (farmacologia/ psiquiatria/ neurologia), e a maior parte das pesquisas divulgadas e incentivadas pelos órgãos oficiais permanece com o foco no abuso e na patologização do uso de substâncias psicoativas, além de centrar as ações não apenas nos efeitos orgânicos e nos danos individuais, como também na repressão como forma de tentar controlar o uso da população em geral, retornando a uma prática coercitiva de internações involuntárias em nome do controle da saúde e da vida de populações vulneráveis e historicamente marginalizadas, como as populações que vivem nas ruas dos centros urbanos.

Em relação às áreas da psicologia comportamental e psicanálise, o foco também é o indivíduo, pois há, respectivamente, o centramento dos estudos nos comportamentos aditivos e compulsivos e a compreensão do uso de substâncias psicoativas como sintomas psíquicos inconscientes.

As abordagens citadas operam sobre um único eixo com dois polos: de um lado, visualiza-se o objeto generalizado "droga", que causa efeitos quando em contato com organismo humano; no outro polo, o indivíduo é alvo dos efeitos deste objeto.

O eixo "droga"-indivíduo tornou-se evidente também durante a minha experiência com conselhos municipal e estadual sobre “drogas”, com ONGs e associações e em função de minha participação em eventos oficiais sobre a temática, além do acompanhamento das discussões, pronunciamentos, editais e publicações das políticas públicas nacionais e internacionais, bem como de conferências municipais e estadual na abordagem desta temática.

A centralidade desse eixo "droga"-indivíduo, predominante nos discursos governamentais, nas instituições de pesquisa e tratamento e nas agências midiáticas, abre espaço para a ocorrência de duas concepções sociais que operam de forma invisível no nosso meio: a da moral cristã, influenciada por instituições religiosas (com predominância evangélica e católica no cenário político) e uma concepção classicista, ambas reforçadas sob a guarda de pressupostos médicos, considerados como primordiais. Segundo Carneiro (2009), os paradigmas morais proibicionistas, evidenciando uma moral cristã, sobre o uso das substâncias no Brasil passaram a predominar nos discursos políticos e científicos na década de 1930, principalmente quando estas substâncias passaram a ser difundidas entre as classes populares; além de acompanhar a ordem mundial da política proibicionista - consequência de disputas comerciais e por poder e hegemonia de países como Inglaterra no início do século e décadas mais tarde dos Estados Unidos.

Tal concepção hegemônica sobre as substâncias psicoativas gera problemas que atingem a população brasileira, principalmente os(as) jovens, pois, em nossa sociedade, nesta fase, vivenciam momentos de descobertas, experimentações com a vida e busca de independência de seus núcleos familiares, o que inclui a população com a qual trabalho atualmente, os(as) estudantes universitários(as).

Alguns dos problemas causados por esta centralidade do objeto generalizado “droga” como um “mal em si” e pela patologização de todo uso que se possa ter destas substâncias fora da prescrição médica são: desconhecimento e desatenção em relação aos diversos aspectos e contextos que interferem nos usos das substâncias psicoativas e seus modos de utilização; exclusão do agenciamento singular e coletivo das pessoas que usam uma substância psicoativa, excluindo também o agenciamento daquelas que não experimentaram ou não usam, como se não pudessem ficar fora da exposição a esse “mal” quando em contato com pessoas

que usam tais substâncias; criação - contraditória - de uma divisão normativa entre as substâncias pela sua licitude; marginalização e discriminação das pessoas que usam alguma substância psicoativa, principalmente as ilícitas; falta de mídias com o objetivo de divulgar informações reais e críticas sobre tais substâncias; e ausência de políticas diferenciadas de tratamento para usuários de substâncias psicoativas, que levem em consideração as especificidades das substâncias utilizadas, do contexto socioeconômico e cultural e da subjetividade das pessoas que precisam destas intervenções.

Apesar de bastante restrito, há espaço para a ocorrência e a discussão de pesquisas que analisam os seguintes pontos no Brasil: aspectos múltiplos que vão desde práticas, prazer, sensações, afetos, riscos, preconceitos, estigmas, danos, economia, política, religião e as interações entre os sujeitos, as substâncias psicoativas e a cultura. Existem grupos científicos e pesquisadores(as) brasileiros(as) que têm se destacado na construção de conhecimento nas áreas das ciências humanas e sociais, bem como na criação de redes sociais/acadêmicas sobre a temática das substâncias psicoativas ou "drogas".

Entre estes grupos, destaco o NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, fundado em 2001, e o GIESP - Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Substâncias Psicoativas, ligado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), que desde 2005 está inserido no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os conselhos e associações federais e regionais profissionais também têm cumprido a função de contribuir para a regulamentação e defesa de princípios técnicos nas intervenções e defesa dos direitos humanos e civis de populações minoritárias. Neste segmento, destaca-se a ação do Conselho Federal de Psicologia⁶, que além de forte participação em Conselhos Municipais e Conferências relacionadas à temática, emitiu nos últimos anos cartas e documentos pela defesa dos princípios do SUS, da Reforma Psiquiátrica e dos direitos humanos e civis de pessoas que usam alguma substância psicoativa, bem como avaliações de denúncias de maus tratos e irregularidades em instituições para internações de usuários de "drogas"⁷.

⁶ Para consultar documentos e materiais sobre a temática produzidos pelo Conselho Federal de Psicologia, acessar: <http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/> ou *site* do órgão sobre a temática: <http://drogasecidadania.cfp.org.br/>

⁷ Para consultar o Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação

Estas referências significaram importantes fontes para o presente trabalho por apresentarem uma rede que integra pesquisas e pesquisadores(as) que atuam com a temática das substâncias psicoativas de forma a analisar conhecimentos vigentes, saberes hegemônicos nas sociedades ocidentais e atuais processos políticos.

Há ainda a existência de outras organizações, movimentos ou espaços sociais, que também têm contribuído com discussões não hegemônicas. Trata-se de coletivos que buscam avaliar a política proibicionista, melhorar as condições vida de pessoas que usam substâncias psicoativas e consolidar políticas democráticas pelos direitos humanos e civis. Dentre eles: Psicotropicus – Centro Brasileiro de Políticas de Drogas, organização não governamental fundada em 2003, com os objetivos de discutir a atual política sobre drogas, lutar pelos direitos humanos e sociais de usuários de drogas e propor ações sobre a temática. Esta organização teve uma participação importante na Plenária da Reunião de Entorpecentes (CND), na sede da ONU, em Viena, em 2009, quando apresentou uma Declaração com críticas à política internacional para controle das drogas⁸; Coletivo Dar - Coletivo Antiproibicionista de São Paulo - Desentorpecendo a Razão, que é um coletivo permanentemente aberto a novos membros e contribuições, organizado sem hierarquia ou ligação com grupos religiosos, com o objetivo principal de discutir a atual política brasileira sobre drogas⁹; Coletivo Marcha da Maconha, que tem como objetivos manter *site* e fórum de discussões com informações sobre os eventos locais da Marcha da Maconha, que se iniciou pelo mundo em 1999 e no Brasil a partir de 2002¹⁰; Growroom - grupo que atua em defesa dos direitos dos usuários de maconha, tendo como uma de suas principais atividades manter um Portal na Internet sobre tudo que é relacionado à planta *Cannabis sativa*, seus usos e usuários, além de um fórum que serve de espaço de convivência para pessoas adultas que consomem esta substância¹¹.

para usuários de drogas, acessar: <http://drogasecidadania.cfp.org.br/cfp-disponibiliza-edicao-revista-do-4%C2%BA-relatorio-nacional-de-direitos-humanos/>

⁸ Esta foi a primeira vez que uma organização da sociedade civil latino-americana apresentou uma Declaração à CND. Ver Declaração no endereço: <http://www.psicotropicus.org/noticia/544/>

⁹ *Site*: <http://coletivodar.org>

¹⁰ *Site*: <http://marchadamaconha.org>

¹¹ *Site*: <http://www.growroom.net>

Embora não tenha havido quebra do modelo hegemônico de forma geral em nossa sociedade, estes grupos científicos e sociais minoritários, juntamente com os movimentos sociais de redução de danos e de usuários de "drogas", constituíram redes fundamentais, desde a década de 1990, para os avanços conquistados na democratização da saúde e na desconstrução de mitos e preconceitos em relação aos usos de substâncias psicoativas, além da constante luta contra estigmas sobre quem utiliza tais substâncias e outras populações minoritárias que sofrem com o crônico processo das desigualdades brasileiras, sejam elas sociais, raciais, de gênero ou por práticas sexuais ou de uso de "drogas".

O Brasil, entretanto, ainda encontra-se repleto de diretrizes políticas controversas na atual gestão federal, em que segmentos sociais enfrentam diversos debates ideológicos sobre a temática, constantemente marcados por pressões políticas de segmentos conservadores para soluções repressivas, principalmente por parte de políticos da dita bancada religiosa, da grande mídia e de alguns partidos de direita. Estas disputas políticas também são visíveis na sociedade civil, com a ocorrência de manifestações de diferentes segmentos, por exemplo: de um lado as "Marchas da Maconha", organizadas por grupos que defendem a descriminalização do uso e a legalização da maconha e de outro as "Marchas para Jesus", organizadas por grupos cristãos para reivindicar a proibição das marchas da maconha, a retirada de materiais educativos de orientação sexual, o impedimento da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e o impedimento de legislações que avancem na legalização do aborto. As Marchas da Maconha em diversas capitais do Brasil sofreram em 2011 ações proibindo suas realizações, havendo em alguns casos confrontos com a polícia. Em São Paulo, a repressão e a violência policial na data de sua realização acabaram gerando outra manifestação, a Marcha da Liberdade, que reuniu distintos grupos em defesa de espaços democráticos de expressão.

Outras ações repressivas podem ser lembradas, principalmente por parte dos governos estaduais e municipais, como, por exemplo, a "Operação Centro Legal", em São Paulo, que resultou na ação higienizadora na região central de São Paulo, com o objetivo de retirar as pessoas que usam substâncias psicoativas, principalmente o crack, daquela região, conhecida como Cracolândia. O problema desta operação é que, apesar de os secretários municipais e estaduais envolvidos

argumentarem que haverá outras etapas na sequência da ação repressora, a única que se efetivou foi a repressiva, sendo oportuna a ressalva que, na lógica de um estado democrático e que visa o bem estar social, a ação repressiva deveria ser a última a ser implantada, e ainda se fosse considerada extremamente necessária e eficaz para a proteção das populações envolvidas na situação. O que ocorreu de fato foi uma ação policesca de higienização do centro da cidade de São Paulo, pulverizando estes usuários pela cidade e não ofertando ações consistentes de assistência social e de saúde para estas pessoas que, ao serem retiradas da região, apenas ficaram mais invisíveis e de difícil acesso. Além disso, esta ação feriu direitos humanos e civis destas pessoas que já se encontravam expostos às situações de extrema vulnerabilidade social e programática. Os pontos principais de violação de direitos civis e humanos foram o uso de força policial para retirada das pessoas que ali se encontravam e a realização de encaminhamentos compulsórios para internações.

Ainda na cidade de São Paulo, mas agora em um Campus da Universidade de São Paulo (USP), assistimos em 2011 conflitos entre a comunidade universitária, principalmente dos(as) estudantes, com a gestão daquela universidade devido à permanência de polícia dentro do Campus sem discussão ampla prévia com a comunidade universitária. Tais conflitos foram acirrados após a polícia prender estudantes porque estavam fumando maconha dentro do Campus, o que gerou debates sobre a função e os objetivos da polícia naquele espaço, em que foi questionado se estariam ali para assegurar a segurança da população universitária ou a repressão por práticas que, apesar de ilícitas, não colocam em risco a segurança, nem são consideradas pela legislação atual como caso de prisão (porte para uso pessoal ou o próprio uso).

Nos dois casos relatados, as ações foram seguidas de protestos de grupos da sociedade e manifestações públicas, inclusive de cientistas e profissionais ligados ao tema, o que reforça a ideia de que o Brasil encontra-se em disputas ideológicas sobre o tema, às quais são marcadas pela repressão do Estado e não pela promoção e garantia por parte deste de espaços democráticos para a realização de amplo debate civil.

Frente à atual situação nacional, além das pressões políticas internacionais, assistimos o atual governo federal recuar com planos controversos,

pouco regulamentados, mesclando diretrizes com base no modelo psicossocial preconizado na Reforma Psiquiátrica do SUS, algumas diretrizes de modelos "hospitalocêntrico" e moral com cunho religioso, além de outras ações repressivas e de recuos políticos como a não sustentação da indicação inicial, do governo atual da presidenta Dilma Rousseff, do nome de Pedro Abramovay para secretário da Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas - SENAD, que é defensor de ações menos repressivas e mais regulamentadoras sobre a função do Estado em relação às "drogas".

Especificamente com relação aos (às) estudantes universitários (as), quando iniciei a pesquisa, deparei-me com a ausência de políticas públicas para as populações jovens brasileiras, incluindo a população universitária, o que gera uma vulnerabilidade programática (institucional) pela ausência de medidas protetivas para estas populações. No caso dos estudantes universitários, faltam políticas em todo território nacional de assistência estudantil universitária no geral (ações preventivas de saúde, acessibilidade, permanência, moradia, segurança, garantia de educação gratuita e pública de boa qualidade, entre outros pontos), o que indica que estes(as) jovens não possuem uma rede protetiva sólida e próxima a eles(as), com a qual possam contar. Quando as ações existem, configuram-se mínimas e isoladas, sem articulação dos serviços.

Além disso, pela ausência de políticas para os(as) jovens em geral, os(as) estudantes universitários(as) parecem permanecer invisíveis ao Estado, como se, por terem chegado ao ensino superior, pudessem ser abandonados(as) à margem de políticas sociais. Isso fica evidente pelo fato de que não há políticas de Estado e nem das universidades brasileiras para assistência estudantil, conforme observado por Finatti (2007) em seu estudo sobre assistência estudantil na Universidade Estadual de Londrina, em que obteve informações nacionais sobre o assunto. Com isso, estudantes com poucas condições econômicas e sociais se veem excluídos (as) do processo mesmo após terem conseguido uma vaga em cursos de graduação, ou vivenciam o processo acadêmico de forma a enfrentar sérias vulnerabilidades e adversidades sociais.

Outro problema social gerado pela ausência de política mais especificamente de saúde, ou de medidas protetivas relacionadas às práticas sexuais ou de uso de substâncias psicoativas, cidadania, inclusão social, entre

outras, para esta população, é a perda da oportunidade de propor discussões aos(as) jovens universitários(as) sobre estas temáticas e sobre participação e controle social na vida política, o que leva a danos pessoais e sociais, uma vez que estes (as) jovens estão em um momento de muitas experimentações na vida. Além disso, o Estado deveria atentar-se ao fato de que os(as) estudantes universitários(as) são potenciais multiplicadores(as) de políticas públicas protetivas vivenciadas por eles(as) e que poderiam ser transmitidas em suas futuras profissões.

Embora nos últimos anos tenha-se iniciado uma organização por parte da sociedade civil na luta pela construção de políticas voltadas para a população jovem¹², as ações governamentais ainda são pontuais e muitas vezes ocorrem em contexto político eleitoral. Na educação universitária, algumas ações podem ser elencadas: PROUNI, estímulo e implantação de sistemas de cotas para estudantes de escola pública e de negros, vagas para estudantes indígenas, programas pontuais de bolsas, como foi o caso do Programa Brasil Afroatitude¹³, que teve renovação automática em ano eleitoral e depois foi extinto.

A consideração, nesta pesquisa, da população universitária inserida na categoria social "jovem" dá-se pelo fato de que um dos recortes aqui realizado é justamente o tempo de estudo na universidade, considerado um dos elementos característicos desta categoria sociocultural. Nas sociedades ocidentais modernas, o tempo escolar que antecede ao tempo da idade considerada por nós como adulta marca com referências comuns o tempo vivido pelos(as) jovens que têm acesso à educação, embora com muitas especificidades e particularidades.

O período de escolarização cada vez mais estendido, a entrada no mercado de trabalho, o tempo dedicado ao lazer e o acesso ao consumo contribuem com a compreensão dos universos jovens, com suas diferenças socioeconômicas e culturais. No presente caso há a necessidade de considerar as semelhanças encontradas entre estudantes universitários(as), mas sem perder de vista as diferenças internas desta população.

Mais especificamente sobre o uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários(as), não há registrada nenhuma política voltada para

¹² Ver Brasil. CNPD (1998); Abramo e Branco (2005); Jeolás, Paulilo e Capelo (2007); Jeolás (2007).

¹³ Programa Brasil Afroatitude - Programa Integrado de Ações Afirmativas para Negros - Ministério da Saúde 2005-2008

esta população. Após o início da presente pesquisa, no âmbito nacional, juntamente com uma série de editais e outros levantamentos nacionais, foi realizado o "I Levantamento Nacional sobre Uso de Álcool, Tabaco e outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras", lançado em 23 de junho de 2010¹⁴. O foco deste levantamento foi epidemiológico e em seu lançamento midiático, reforçado pelos organizadores da pesquisa, destacou-se o tom alarmista, o que destoou inclusive dos dados encontrados, que não apresentam nenhum perfil não conhecido dentro da realidade brasileira sobre uso de substâncias psicoativas nem distinções inesperadas de prevalência quando comparadas a outras populações.

O enfoque dado nos discursos e em reportagens sobre o lançamento desta pesquisa indica que os dados vêm sendo utilizados por segmentos sociais apenas para reforçar suas ações repressivas já postas e não para a efetivação de questionamentos do que não está funcionando na atual política, sem o objetivo de analisar profundamente alguns dados identificados, o que pode confundir a sociedade, aumentando dúvidas e mitos. Estes discursos foram imediatamente criticados pela pesquisadora Gilberta Acserad¹⁵ durante mesa redonda em evento no Rio de Janeiro, na data de 24 de junho de 2010, para lançamento do livro "Drogas e Cultura: novas perspectivas"¹⁶.

Diante do exposto sobre a única ação voltada para população universitária, que foi o levantamento nacional sobre o uso de drogas entre estudantes, futuras ações governamentais direcionadas para a população universitária podem ocorrer, mas de forma a apenas reproduzir os equívocos da atual política sobre a temática, com estratégias que se manterão distantes da população pretensamente atendida à medida que se mantiverem centradas na patologização do uso, com o foco na repressão e na oferta central de intervenções terapêuticas voltadas à abstinência.

Alguns dos problemas sociais identificados a respeito da utilização destas estratégias de maneira central são: excluem quem não está motivado ou quem resiste à ideia de abster-se de determinadas substâncias psicoativas;

¹⁴ Ver Brasil. Presidência da República, 2010

¹⁵ Gilberta Acserad é coordenadora do Núcleo de Estudos Drogas/Aids e Direitos Humanos da UERJ e falou novamente sobre o assunto em entrevista cedida para a entrevistadora Leilane Neubarth, pelo canal a cabo Globo News em 2010.

¹⁶ O referido livro está disponível em Labate, et al (2008), ou pelo endereço eletrônico: <www.neip.info>.

distanciam os(as) estudantes usuários(as) de substâncias de sua instituição acadêmica, fazendo com que os(as) estudantes escondam qualquer vestígio de uso, tornando o seu uso ainda mais invisível, ao invés de criar uma rede de comunicação e de proteção a que estes(as) estudantes pudessem se aproximar e se inserir; reforçam os dispositivos de poder repressivos postos pela sociedade atual como sendo legítimos.

Tais reflexões levaram-me a delimitar o recorte de pesquisa do presente trabalho: a necessidade de apreender as práticas e as representações de estudantes universitários(as) que usam substâncias psicoativas ilícitas na interface com questões culturais, sociais e subjetivas, para confrontar as concepções morais e legais hegemonicamente estabelecidas em nossa sociedade sobre a temática, com o objetivo de ampliar a compreensão sobre de que forma tais usos refletem ou demonstram o modo de engajamento com o mundo destas pessoas e quais os sentidos que dão para estas práticas.

Para alcançar os objetivos, dialoguei com estudantes da Universidade Estadual de Londrina sobre suas próprias experiências com o uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, suas práticas e contextos de uso que perpassam as experiências envolvidas nessas práticas durante o tempo vivido na universidade.

As observações anteriormente realizadas no serviço de atendimento ajudaram-me a identificar alguns usos: o constante relato de estudantes sobre o uso cotidiano de maconha (que é exclusivamente inalada via oral) e o número reduzido de busca de orientação ou tratamento por danos causados por essa substância; informações sobre uso constante por parte de alguns estudantes de cocaína inalada por via intranasal (cloridrato de cocaína - a qual chamarei a partir daqui de cocaína) e de cocaína inalada por via oral (conhecida como crack); e relatos de uso esporádico ou em situações específicas (determinadas festas ou encontros) de uso de LSD, de cocaína por via intranasal e de crack, inalado oralmente em cachimbos ou nos chamados mesclados (cigarro em que se mistura crack e maconha, ou o tabaco e o crack), entre outras substâncias, como chás alucinógenos, anestésicos, remédios, *ecstasy*.

Delimitei como recorte o uso de ao menos uma das seguintes substâncias: maconha, cocaína e crack. Mesmo considerando o fato de que as duas

últimas substâncias são derivadas da mesma planta e possuem o mesmo princípio ativo, as considerarei de maneiras distintas, por dois motivos: primeiro, os processos de preparo a partir da pasta básica de cocaína (PBC) são diferentes, sendo o do crack mais rudimentar e barato, pois não exige a transformação em cloridrato de cocaína, processo em que são removidas as impurezas remanescentes da transformação das folhas da coca em pasta; segundo, porque as vias de administração distintas determinam diferenças significativas nos efeitos das substâncias no organismo, sendo que o crack, por ser inalado oralmente, apresenta efeitos mais rápidos e elevados, com curta duração. Outra distinção analítica que surgiu durante a pesquisa foi entre o uso da cocaína inalada intranasal (cheirada) e o uso da cocaína injetada por via endovenosa, pois, apesar de se tratar do mesmo produto final, o cloridrato de cocaína, a distinção da via de administração também provoca efeitos diferentes quando em contato com o corpo¹⁷.

Outra delimitação que realizei foi a relacionada ao tipo de consumo, em que a única exigência foi a de que os(as) estudantes universitários(as) entrevistados(as) tivessem alguma relação com uma das substâncias acima descritas. Esta delimitação objetivou ampliar os tipos de uso, como forma de compreender como esses usos ocorrem no cotidiano destes(as) jovens e como se entrelaçam o contexto, as práticas, a corporalidade, a sociabilidade, o tempo universitário, entre outros aspectos.

No primeiro capítulo foco a análise das abordagens teóricas que possibilitaram esse estudo com relação à maneira como o corpo, enquanto categoria analítica, possibilita compreender o agenciamento das experiências dos estudantes no uso de substâncias psicoativas. É através dele que tais substâncias entram e produzem prazer e sofrimento, benefícios e danos, provocando transformações na percepção e experiência com o mundo, nas práticas e representações dos sujeitos, ou seja, na própria construção de suas subjetividades.

No segundo capítulo apresento minha trajetória como pesquisadora e os caminhos metodológicos seguidos, como a realização de entrevistas em profundidade, em que os participantes foram contactados pelo recurso "bola de neve", sendo que os(as) primeiros(as) estudantes contactados(as) no campo

¹⁷ Sobre conceitos dos efeitos fisiológicos das substâncias psicoativas no organismo, ver Seibel e Toscano (2001).

mediaram os encontros com outros(as) estudantes, formando algumas redes de diálogo durante toda a pesquisa. As entrevistas ocorreram com base em um roteiro apenas como guia e não como regra para os diálogos. Trago também nesse capítulo reflexões sobre questões éticas que envolvem pesquisas antropológicas com seres humanos e o processo de submissão desta pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina e a sua retirada sem a aprovação devido às discordâncias sobre algumas normas que são fundamentais para pesquisas biomédicas, mas que são injustificáveis como obrigatórias para pesquisas em ciências sociais e humanas e que na presente pesquisa, interfeririam de maneira prejudicial.

O terceiro capítulo foi dedicado às trajetórias relatadas pelos(as) nove interlocutores(as) que participaram da pesquisa. Ele está organizado em forma de narrativas com o objetivo de não fragmentar as histórias de vidas e as experiências dos sujeitos em ação, com relação ao uso de substâncias psicoativas, buscando minimizar minha interferência analítica nessa apresentação. Outro aspecto importante dessas narrativas é a experiência desses(as) estudantes quanto ao tempo universitário e como eles(as) vivenciaram o entrecruzamento destas duas trajetórias: a vida de estudante na universidade e a experiência com o uso de substâncias psicoativas.

O quarto capítulo busca a análise das narrativas à luz das teorias da corporalidade e de sua relação com o uso de substâncias psicoativas. O capítulo foi dividido em três itens - práticas de uso e contextos; *embodiment* no uso de substâncias psicoativas; e riscos prescritos, riscos vividos e estratégias de proteção; os temas abordados devem ser compreendidos em conjunto e as divisões apenas se constituem como uma forma de organizar os temas recorrentes.

Nas considerações finais, discuto como os(as) interlocutores(as) apresentaram *estar-no-mundo* e de que maneira as práticas do uso de substâncias psicoativas são incorporadas, fazendo parte de seu engajamento com a vida e com o mundo, refletindo sobre possibilidades e limites do agenciamento pelos(as) estudantes em suas práticas diante da conjuntura econômica, cultural e social do capitalismo e da política proibicionista, ambos consolidados em nossa sociedade.

**CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS: CORPORALIDADE E USO DE SUBSTÂNCIAS
PSICOATIVAS**

1.1 CORPORALIDADE NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS

Duas linhas de pensamento sobre o corpo nas sociedades ocidentais despertaram-me para a necessidade de pesquisar outras interpretações sobre a articulação entre corpo e uso de substâncias psicoativas. Questiono uma primeira linha que apresenta uma cisão entre as categorias mente e corpo, priorizando a mente como responsável por todas as experiências humanas possíveis de serem decifradas; e uma segunda, que analisa de forma restrita a função corporal como predominantemente biológica (organicista) na questão específica do uso de substâncias psicoativas¹⁸.

A primeira linha segue a tendência ocidental de designar separadamente determinados lugares, funções e importâncias para as categorias mente e corpo. Esta divisão gera outras cisões, como o dualismo rígido entre as práticas e as representações, o que tem impacto sobre a compreensão da vida humana, ignorando aspectos relacionados à experiência como um todo, deixando de englobar mente e corpo ao estar no mundo. Mudar de perspectiva significa analisar da forma mais unificada possível as sensações, os afetos, as representações, os pensamentos, as relações sociais, ou seja, a subjetividade dentro de uma concepção menos fragmentada.

Dentre os autores que buscaram questionar e desconstruir cientificamente tais divisões, destaca-se o trabalho de Csordas (2003; 2008), que contribui para a discussão por meio da elaboração de uma teoria da corporalidade na qual o corpo deve ser tomado como um sujeito da cultura e não como um objeto a ser pesquisado.

Csordas (2003) discorre sobre a necessidade de uma revisão sobre a compreensão do corpo, pois há uma tendência em considerá-lo na sociedade ocidental com um caráter fixo e biologizante, ao mesmo tempo em que ele se encontra fragmentado pela sua *mercadorização* e pelo que chamou de *amontoado semiótico* de imagens de partes do corpo. Csordas busca uma alternativa teórica que una prática e representação, corpo e mente na abordagem da corporalidade, bem como articule concepções como organismo biológico, representações e performance.

¹⁸ Ver Carneiro (2002 a, b); Vargas (2000).

Este autor aborda também outro problema nas pesquisas sociais sobre o corpo, que é o risco de tratá-lo como um sustentáculo para as representações ao considerá-lo como material biológico bruto. Para Csordas (2003, p. 4):

Esta tendência traz consigo o perigo duplo de diminuir a força da utilização do corpo como o ponto de partida metodológico, transformando-o em um objeto carente de intencionalidade e subjetividade. Desse modo, perderíamos a oportunidade de adicionar a sensação e a sensibilidade a nossa noção de eu e de pessoa, inserindo apenas uma dimensão de materialidade ao nosso conhecimento sobre cultura e história. (tradução nossa).¹⁹

Segundo Csordas (2003, p. 9), o desafio para as teorias da cultura está em que o corpo pode ser compreendido como um local da subjetividade, pois há um forte emprego, por parte das teorias tradicionais dos conceitos mente/sujeito/cultura em paralelo e em contraste com corpo/objeto/biologia. Influenciada pelo pensamento cartesiano, há uma tradição teórica que enfoca as representações em detrimento do corpo. A intenção não é a de negar as possibilidades e a importância das representações e sim alertar para os exageros de alguns teóricos em sua ênfase. Para Csordas (*idem*, p. 10):

[...] um termo que é complementar ao sujeito é o objeto, e para esse propósito sugere "ser ou estar-no-mundo", um termo oriundo das tradições fenomenológicas que captura precisamente a noção da iminência existencial [...]. (tradução nossa).²⁰

Para este autor, o termo *being-in-the-world* implica uma mudança conceitual, pois considera a linguagem como algo que dá acesso ao mundo da experiência, na medida em que ela é trazida para o universo linguístico. Ele sugere uma mudança com contornos bem definidos quando diz: "representação é fundamentalmente nominal e, conseqüentemente, podemos falar sobre uma representação. Ser no mundo é fundamentalmente condicional, portanto devemos

¹⁹ "This tendency carries the dual dangers of dissipating the force of using the body as a methodological starting point, and of objectifying bodies as things devoid of intentionality and inersubjectivity. It thus misses the opportunity to add sentience and sensibility to our notions of self and person, and to insert an added dimension of materiality to our notions of culture and history." (Csordas, 2003, p. 4).

²⁰ "[...] a term that is complementary as subject is to object, and for that purpose suggest 'being-in-the-world', a term from the phenomenological traditions that captures precisely the sense of existential immediacy [...]." (CSORDAS, 2003, p. 10).

falar sobre a existência e a experiência vivida. (tradução nossa)." (CSORDAS, 2003, p. 10)²¹. Ainda sobre a captura da imediaticidade existencial, explica que não significa que a experiência tenha que ocorrer no momento da pesquisa etnográfica, ou outra metodologia qualitativa e sim que a experiência e o engajamento com o mundo podem ser informados por quem os vivenciou.

Csordas (*idem*, p. 12) propõe que o corpo seja estudado não somente como entidade material e biológica, mas também como *embodiment*²², definido pelas experiências perceptivas e pelo modo de presença e engajamento no mundo. Assim, a elaboração do paradigma *embodiment* não implica suplantando as *representações* em detrimento das experiências, e sim a oferta de uma dialética parceria. Este autor (2008) explica que utiliza duas bases teóricas distintas, nas quais se pautou para elaborar o conceito de *embodiment*: a fenomenologia de Merleau-Ponty, que elabora a corporalidade na problemática da percepção; e a teoria de Bourdieu, que situa a corporalidade em um discurso antropológico da prática.

Merleau-Ponty e Bourdieu tentam superar as dualidades em torno da discussão “corpo e cultura”, sendo que a proposta de união destas teorias pretende ultrapassar falhas ainda existentes na efetivação da síntese buscada pelos referidos autores. Por exemplo, ao utilizar o conceito de *habitus* de Bourdieu, Csordas visa “evitar o lapso da fenomenologia na microanálise da subjetividade individual e para enfatizar a tela de fundo cultural e social que Merleau-Ponty requer, mas não elabora suficientemente” (CSORDAS, 2008, p.139).

Csordas (2008, p. 105) resume da seguinte forma os dois conceitos principais utilizados por ele:

²¹ “[...] representation is fundamentally nominal, and hence we can speak of a representation. Being-in-the-world is fundamentally conditional, and hence we must speak of existence and lived experience.” (CSORDAS, 2003, p. 10)

²² Há uma discussão conceitual em torno da tradução para o português mais adequada deste termo desenvolvido pelo autor, *embodiment*. Vargas (2001) e Rui (2007) o utilizam como “encorporação”. Já Maluf (2001, p. 101) argumenta, que apesar de diversas traduções, incluindo alguns neologismos, como “encorporação”, ou o deslocamento do sentido de outras palavras como “incorporação”, a autora considera estas duas traduções problemáticas e prefere a utilização da palavra “corporificação”, embora para acentuar o paradigma teórico proposto por Csordas, tenha mantido a expressão em inglês, medida que também utilizei em alguns trechos do texto, por entender que pode ser esclarecedor manter este conceito em sua língua de origem. Mantive as palavras “incorporação” e “incorporação” quando em citações dos autores acima mencionados.

[...] para Merleau-Ponty o corpo é um “contexto em relação ao mundo” e consciência é o corpo projetando ele mesmo no mundo; para Bourdieu, o corpo socialmente informado é o “princípio gerador unificador de todas as práticas,” e a consciência é uma forma de cálculo estratégico fundido com um sistema de potencialidades objetivas [...] visões como estão sintetizadas no conceito de Merleau-Ponty de *preobjetivo* e no conceito de Bourdieu de *habitus*.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) considera o sujeito “incarnado” ou “incorporado” num determinado tempo e espaço. As experiências do sujeito são experiências do mundo, ao mesmo tempo em que é nesta relação que é dado o sentido de cada experiência. O autor defende que em nossas experiências no mundo há uma integralidade não verbal, não racional, que se manifesta essencialmente pelo nosso corpo. A fenomenologia busca dessa forma “descrever nossa existência no mundo, nossos vários modos de *ser-no-mundo*, o que precede nossa reflexão e teorização conscientes” (MATTHEWS, 2010, p.32).

Matthews (*idem*, p. 33) afirma que é na percepção que podemos encontrar as fontes dos significados dados pelos seres humanos. Quando atribuímos significados às coisas, fazemos um retorno às próprias experiências que tivemos diretamente com elas. Percepção é o envolvimento prático com as coisas, para além do que ter uma ideia, é lidar com isso. O que esta teoria traz de contribuição às sociedades contemporâneas é a relativização de tradições positivistas e idealistas de se entender o ser humano. Segundo esta forma de entender a vida, os significados são dados a partir de interesses que os sujeitos têm nas coisas, isto muda a lógica de uma suposta anterioridade representacional, como sendo esta que possibilitaria o envolvimento dos sujeitos e suas interpretações do mundo.

Importante entender que a união entre prática e representação busca transformar o foco corporal dado à percepção em algo que é atravessado pelas práticas culturais. Csordas explica esta mudança de olhar pela análise de modos somáticos de atenção com a seguinte definição: “[...] maneiras culturalmente elaboradas de estar atento a e com o corpo em ambientes que incluem a presença de outro.” (2008, p. 372). Isto pressupõe uma transferência do foco representacional para uma visão mais fenomenológica, mas não com foco no ser individual.

Esta abordagem teórica, apesar de tentar dissolver alguns dualismos, ainda deixa lacunas que precisam ser desvendadas, principalmente no

sentido de não cair na outra ponta dualista, que é a de tentar exclusivamente pelo corpo compreender a complexidade que se faz intrínseca nas experiências humanas. Como disse Vargas (2001, p. 536):

[...] o desafio que se mantém em aberto consiste em propor uma abordagem que articule, num mesmo esquema analítico, mentes, corpos, material e simbólico, mas que as articule, não exatamente mediante o levantamento de pontes que uniriam as margens apenas na medida em que elas fossem mantidas separadas, mas mediante a investigação do que (o)corre nos interstícios, nas fendas que se abrem entre elas.

Vargas, em suas reflexões sobre as teorias sociais que discutem o corpo e a corporalidade, defende que, para avançar analiticamente, é preciso que seja realizada e levada a sério a pergunta "o que pode um corpo?", inclusive para saber o que ele não pode, argumentando que esta questão torna-se ainda mais pertinente em estudos sobre o consumo de "drogas", pois, segundo este autor(2001, p. 539), tais práticas incluem:

[...] processos de incorporação e de subjetivação [...] isto é, lá onde o corpo é subjetivado e o sujeito é incorporado, onde o material se espiritualiza e o espírito se materializa, vale dizer, onde as distinções entre corpos e sujeitos humanos ou entre material e simbólico perdem toda a nitidez.

Considerando a contribuição de Csordas (2003; 2008) em torno da importância de unir categorias como corpo e mente, representação e prática para a compreensão da corporalidade e as reflexões trazidas por Vargas (2001) a partir da pergunta: "o que pode um corpo?", são relevantes algumas ponderações, mesmo que breves, sobre como a nossa sociedade vem lidando com o corpo e, portanto, como se dá a nossa corporalidade, para então analisar a questão: "o que pode um corpo no uso de substâncias psicoativas na atual sociedade brasileira?".

Nas sociedades ocidentais contemporâneas construiu-se uma tendência a priorizar os processos mentais racionais aos processos sensoriais ou afetivos (que em nossa concepção estão mais ligados ao corpo). Por outro lado, há uma estreita ligação corporal com processos de consumo nestas sociedades, pois é para o corpo que adquirimos muitos dos produtos não apenas disponíveis, mas que também têm seus consumos estimulados. Trata-se de uma questão que se

desenvolveu interligada aos processos de modernização, industrialização, capitalismo, desenvolvimento tecnológico, pós-industrialismo, neoliberalismo e globalização.

Não pretendo analisar este amplo contexto, mas considero necessário pontuar alguns modos de engajamento com o mundo a partir desses processos, com os quais estabeleci alguma interligação com o consumo de substâncias psicoativas.

O desenvolvimento da biomedicina não apenas como ciência, mas como discurso valorizado e divulgado em nossa sociedade, o desenvolvimento tecnológico para a produção de fármacos em escalas industriais e a possibilidade de sua comercialização globalizada são os primeiros fatos que indicam possuírem relação com o modo como tratamos nossos corpos e com a visão que temos do que eles são capazes. Corpos que, racionalizados e pensados, podem e devem ser medicados para não sentir dor, para não se "entristecer" (uma vez que dentro desta lógica é o Sistema Nervoso Central que se deprime) e para que tenham extensão na existência.

Contudo, a visão do tratamento dado ao corpo com base no discurso biomédico, que se tornou hegemônico nas sociedades ocidentais, não é único. Estudos antropológicos sobre a saúde e a doença investigam a existência de múltiplos saberes que se distinguem do saber científico privilegiado da biomedicina. A antropologia se debruça na investigação de saberes tradicionais e populares sobre os processos de adoecimento e cura, bem como estes se relacionam com os saberes predominantes na sociedade envolvente. Só que, pelo não reconhecimento social destes saberes, os discursos e as práticas tradicionais e populares têm se mantido periféricos, como demonstra Azize (2002, p. 46):

A posição hegemônica nas culturas ocidentais urbanas está ocupada pela biomedicina oficial e suas representações fisicalistas, baseadas no cientificismo racionalista que rege sua maneira de ver o mundo; numa posição mais periférica poderíamos incluir as medicinas ditas não-oficiais, os saberes populares, a medicina tradicional e as terapias chamadas "alternativas". Enquanto este segundo grupo heterogêneo de práticas aparece em geral identificado a sub-culturas específicas, ocupando uma posição periférica, algumas vezes estigmatizada, a biomedicina oficial é amplamente reconhecida como um saber eficaz, representando um competente discurso de verdade.

Pela força cultural e política que o discurso médico ocupou em nossa sociedade, ele adquiriu capacidade de expansão, encampando práticas e técnicas de outros saberes medicinais tradicionais, de outras áreas da saúde e dos saberes populares, o que fez com que se tornasse o discurso dominante em nossa sociedade. Todo este contexto interfere no estilo de vida da população urbana, principalmente nas populações mais inseridas em campos intelectuais formais (educação formal) e em campos científicos. Neste ponto, a importância do olhar antropológico é a de não analisar essas interferências de fora para dentro e sim nas relações estabelecidas e partilhadas pelas populações estudadas, ou seja, na presente pesquisa, busco atender-me ao que os(as) interlocutores(as) têm a dizer sobre as interferências e tensões estabelecidas com os atuais sistemas de cuidados com o corpo, como a biomedicina e a farmacologia.

Outro modo de engajamento com o mundo e que está também ligado ao desenvolvimento da biomedicina é o da cultura de um ideal de corpo perfeito, como desenvolve Ortega (2008) em seu livro "O corpo incerto" e sintetiza Gimenes (2011, p. 460), em que os indivíduos, para alcançar saúde e estética perfeitas, desenvolvem uma *bioascese*, em que assumem a responsabilidade com o cuidado com o corpo de forma a desenvolver autocontrole. Estas práticas de autocontrole são incitadas pelo discurso do risco e geram constantes movimentos das pessoas em busca de um modelo ideal de saúde e de corpo, o que acaba por gerar também insatisfação com o corpo real, uma vez que o corpo perfeito não se concretiza.

Dentro desse contexto, surgem práticas que parecem contraditórias, como modificações corporais, aventuras radicais, uso de drogas, apresentando características contra-hegemônicas, como valorização de uma estética diferente dos modelos ocidentais de corpo ideal, busca de sensações e de experiências intensivas, "[...] mediante exposição voluntária a riscos e dor" (Gimenes, 2011, p. 462), mas que devem ser compreendidas como interfaces da mesma moeda, pois em nossa sociedade os sistemas hegemônicos vêm sendo desenvolvidos de forma a conseguirem cooptar iniciativas alternativas, incluindo-as no seu funcionamento, ou seja, incluem práticas contra-hegemônicas em sua engrenagem através das leis de mercado (formal, informal ou ilícito), da moda, de estereótipos marginais, entre outros mecanismos.

Diante da política de normalização de sujeitos ou indivíduos a partir do controle de suas práticas e de seus corpos, em concomitância com uma estratégia que começou a ser empregada com as sociedades industriais, a disciplina, há que se considerar as análises foucaultianas sobre os dispositivos de biopoder na construção de corpos dóceis e úteis, mas que na atualidade, com as novas realidades político-econômicas neoliberalistas e globalizadas, estes dispositivos configuram-se como transformações importantes. Além de corpos e sujeitos dóceis e úteis,

[...] o novo capitalismo metaboliza as forças vitais com uma voracidade inaudita, lançando e relançando ao mercado, constantemente, novas formas de subjetividade que serão adquiridas e de imediato descartadas pelos diversos *targets* aos quais são dirigidas, alimentando uma espiral de consumo de **modos de ser** em aceleração crescente (SIBILA, 2002, p. 33).

Esta nova lógica coercitiva é considerada como de controle, pois extrapola os dispositivos utilizados nos moldes exclusivamente disciplinares. Deleuze (1992, p.221) diferencia os confinamentos, centrais na sociedade disciplinar do controle estabelecido nesta nova ordem: "Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro". Isso porque os interesses do capitalismo atual, neoliberalista ou globalizado, não estão mais centrados na produção disciplinada do(a) trabalhador(a) da fábrica e sim na compra de produtos acabados de outros países ou de outras empresas, onde os serviços foram flexibilizados e as regras de trabalho precarizadas. Nesse contexto surge uma nova ordem econômica mundial que interfere no modo de ser e estar no mundo, inclusive de países em desenvolvimento como o Brasil, que permanece sob a lógica disciplinar, mas agora difusa com esta nova ordem, a da lógica capitalista dirigida "[...] para a o produto, isto é, para a venda ou para o mercado." (DELEUZE, 1992, p. 223-24), ou seja, para o consumo de objetos, corpos e práticas.

Portanto, vivemos dentro da lógica de dois controles, um normalizador ou disciplinar e outro modular, em que a coerção ultrapassa as aparências, articulando-se mais à serventia de determinada prática ao sistema dominante do que à sua existência ou extinção. Em relação às políticas sobre uso

de substâncias psicoativas, isso se torna evidenciado nas contradições entre a proibição de determinadas substâncias psicoativas e o estímulo ao consumo de outras igualmente ou mais tóxicas, indicando que a legislação e a política proibicionista têm ocupado mais a função de normalizar e controlar corpos, grupos e até países - se considerarmos as políticas internacionais proibicionistas - do que de regular o uso e proteger as pessoas que consomem tais substâncias, sejam elas lícitas ou ilícitas.

No item a seguir demonstro as partilhas morais e científicas geradas por estas contradições, como forma de controle de pessoas e corpos na abordagem das "drogas" e de que forma se dão as práticas de uso na nossa sociedade.

1.2 CORPO E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA CONTEMPORANEIDADE

É através do uso das substâncias psicoativas, em que o corpo adquire uma centralidade inquestionável que o sujeito vivencia experiências de prazer e de sofrimento que transformam sua maneira de *estar-no-mundo* e de ver o mundo. O uso de substâncias psicoativas é atualmente convencionado de acordo com a aceitação social em nossa sociedade ocidental contemporânea: aceitável ou até indicado - uso por prescrição médica; tolerável - uso recreativo de substâncias legais como tabaco e bebidas alcoólicas; inapropriado - uso de medicamentos sem prescrição médica; ou inadmissível - uso de substâncias ilícitas²³. Estes critérios demonstram a concorrência de conceitos e valores morais juntamente com a determinação biológica/ química própria da visão organicista (ou biomédica), pois, apesar de esta visão ser defendida hegemonicamente como devendo ocupar um lugar de centralidade nos estudos sobre as relações físicas existentes no uso de substâncias psicoativas, ela se torna insustentável, pois a licitude ou não de uma substância, ao menos no Brasil, não se baseia na toxicidade ou em seus efeitos, e sim em variáveis sociais e políticas.

Vargas (2001), em sua pesquisa sobre corporalidade e uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários(as) brasileiros(as), chama a atenção para o fato de que a realização de um estudo antropológico ou sociológico

²³ No capítulo 4 analiso algumas características destes diferentes tipos de uso e as nuances destas práticas, que borram os limites das convenções sociais acima apresentadas, tornando tais concepções insustentáveis do ponto de vista científico.

profícuo sobre o uso de substâncias psicoativas depende da análise do que nomeou como assimetria analítica, gerada por partilhas científicas: mente/corpo; material/subjetivo; individual/social; cultura/natureza e por partilhas morais: bem/mal; corpo/espírito; certo/errado.

O problema destas partilhas está no fato de que constroem mitos sobre a realidade, reforçando ou até mesmo naturalizando polos analíticos que encontramos na atualidade, como o entendimento de uma sobredeterminação biológica ou mental sobre as motivações para o uso de substâncias psicoativas; ou a compreensão do corpo como um objeto passivo afetado quimicamente pelo objeto "droga" ou, ainda, a compreensão de que o foco de atenção deva ser direcionado aos indivíduos e não ao modo de organização social e cultural que estabelecemos em torno da temática.

Vargas (2001, p.545) privilegia o enfrentamento de algumas dicotomias, tais como: motivação pessoal e influência do grupo; saúde e doença; agonia e êxtase; modo de vida extensivo e modo de vida intensivo. Para ele, há a necessidade de abordar o tema das substâncias psicoativas de forma integrada, avaliando o conjunto das substâncias utilizadas por determinados grupos e questionando criticamente as práticas de consumo. Neste ponto, Vargas alerta para o fato de que o tráfico e o comércio dependem de pessoas que demandam estes objetos, o que incita a reflexão para a forma como as necessidades e os desejos é culturalmente construída. Este autor considera também aspectos políticos e econômicos, como a produção e a oferta no sistema capitalista, que provocam e instigam demandas sociais por determinados objetos, sendo as "drogas" um destes.

O foco de sua análise é que a questão do corpo no consumo de substâncias psicoativas traz à baila não apenas ambiguidades que podem ser geradas pelo efeito químico que estas substâncias provocam, mas envolve ambiguidades de ordem cultural e social, como a alternância com que são marcadas nossas relações ao objeto "droga", sendo ora reprimidas, ora incitadas, principalmente pela junção das partilhas morais e científicas que os saberes e as práticas biomédicas ocasionaram, ao distinguirem o uso de determinadas "drogas" como tratamento medicamentoso (algo bom; que deve ser lícito) do uso de outras "drogas" para fins não terapêuticos (algo ruim e perigoso; que deve ser ilícito).

Em meio às ambiguidades sociais, foi construído um dispositivo das "drogas" que funciona em torno de dois polos ideológicos. O primeiro é o da aceitação de efeitos visados pelo uso das substâncias psicoativas, ou o que Vargas chamou de produção hegemônica de pessoas, com modos de engajamento com o mundo pautados pelos princípios de que a "boa morte" é aquela que deve ser adiada ao máximo no tempo, ou seja, que a vida deve vivenciada em extensão e sem dor. Nesse caso, o uso de tais substâncias é incitado. O segundo é o da negação ou rechaço do uso de substâncias psicoativas que implica uma concepção e uma materialização de pessoas e de consumos dessas substâncias que indicam um modo de engajamento com o mundo contrário ao daquele aceito hegemonicamente.

Vargas (2001, p.552-53) argumenta que, apesar de não haver espaço no pensamento utilitarista clássico para admissão do consumo de substâncias psicoativas que podem colocar a vida em risco, há que se considerar que o consumo de substâncias psicoativas ilícitas coloca em jogo na nossa sociedade "[...] a produção de outras 'pessoas'; de outros modos de incorporação e de subjetivação, de outras maneiras de engajamento com o mundo", demonstrando que estudar os modos intensivos de engajamento com o mundo envolve desafios epistemológicos e morais.

Na presente pesquisa, deparei-me com estes desafios, pois os (as) interlocutores (as) entrevistados (as) falaram de experiências e concepções que indicam a coexistência de modos ambivalentes de engajamento com o mundo e, por vezes, ambíguos, relacionados às suas experiências com o uso. Tais experiências, analisadas no capítulo 4, provocaram a inclusão de três categorias analíticas nesse estudo, sendo que as duas primeiras foram-me apresentadas por Vargas (2001, p. 557-558). Estas categorias se resumem em: "extensividade e intensividade", ou seja, a relação entre os modos extensivos de viver, prescritos socialmente, e os intensivos, que fogem às regras sociais de conforto, longevidade e segurança; a complexa relação entre a "destruição agonística" e a "plenitude do êxtase", que se refere às experiências de prazer e de sofrimento; e os sentidos individuais e coletivos dados ao uso destas substâncias e ao estar no mundo.

Na busca de ampliar entendimento sobre os sentidos individuais e coletivos de práticas subversivas à ordem social, o trabalho de Braz (2006) sobre

"*body modification*" ajudou-me a compreender as possibilidades de agenciamento dos sujeitos com relação às suas experiências.

Pelo fato de se tratar de modos singulares de criação e recriação corpórea e de modos particulares de relação social, o autor teve que investigar para além das aparências e transformações corporais, atentando-se às redes de relações sociais, às hierarquias, às formações de grupo, aos "saberes, técnicas corporais, convenções e normatividades impostas" (BRAZ, 2006, p.92), com o objetivo de ampliar a compreensão sobre os sentidos individuais de experiências corporais. Suas análises apontam, de um lado para uma subversão à ordem social estabelecida, a partir de um sentimento de pertencimento a um grupo que se configure como "alternativo" por suas práticas de modificação corporal, com marcadores sociais de diferenças bem definidos; e, de outro, para a aceitação de coerções sociais, vindas desse mesmo grupo, com a "pressão" de se seguir uma "cultura" ou uma "moda".

O estudo de Braz (2006) contribui para a análise de que o uso de substâncias psicoativas e outras práticas, como as modificações corporais, formam uma rede de possibilidades contemporâneas de engajamento com o mundo. Na mesma linha, Vargas (2001) mostra como, na atualidade, há a constante presença de experiências em que os modos extensivos de viver, que são os prescritos socialmente, fundem-se a outros modos, como os intensivos, que fogem às regras de conforto e segurança e ainda com inúmeros modos intermediários *deembodiment* (ou incorporação como nomeia Vargas). Aqui os fenômenos macro e microsociais devem ser atentamente observados, tornando o contexto social parte importante da investigação, pois "[...] diferentes modos de engajamento com o mundo não distribuem da mesma maneira, nem são agenciados com a mesma ênfase nos diferentes segmentos sociais" (VARGAS, 2001, p.559), além de que perpassam material e simbolicamente outras relações compartilhadas socialmente, em determinado tempo e espaço.

Velho (2008, p.67), em uma pesquisa para ampliar compreensão sobre o uso de substâncias psicoativas ilícitas entre dois grupos de classe média carioca da década de 1970, buscou situar as principais características do que considera o *estilo de vida*, a escala de valores morais e sociais e o *ethos* de cada um desses grupos em uma complexa teia de forças e relações.

O autor chama a atenção para a importância da análise sobre os distintos contextos sociais e estilos de vida de cada grupo que usa alguma substância psicoativa e discute algumas maneiras como as substâncias são manipuladas socialmente, que incidem na prática de seu uso. Velho (*idem*, p.205) diz:

[...] embora possam ser estigmatizantes em termos de uma cultura dominante oficial, os tóxicos são manipulados como símbolos de prestígio não só internamente aos grupos estudados, mas como forma de marcar distâncias em termos de relacionamentos entre grupos ou estratos sociais distintos. Não é apenas o tipo de tóxico - maconha, cocaína, LSD, Mandrix, etc. - mas a maneira de utilizá-lo, o contexto adequado, o tipo de ritual que vão marcar essas fronteiras. Embora o fato de consumir tóxicos permita a definição de uma categoria - consumidores de tóxicos -, isso não expressa muitas vezes o ponto de vista dos grupos investigados, que podem estar, em determinados momentos, tão ou mais interessados em se distinguirem de outros consumidores de tóxicos quanto dos "caretas".

Velho ainda discute duas características do uso de substâncias psicoativas na sociedade contemporânea, principalmente das ilícitas. Tais usos não são significados sempre de forma a contrariar a ordem social hegemonicamente estabelecida e na maior parte das vezes são utilizados para construir ou corroborar hierarquias internas aos grupos ou entre segmentos sociais. Segundo o autor:

No caso de pessoas pertencentes a estratos sociais mais elevados, o tóxico pode mesmo servir para reforçar a posição de superioridade de seus membros em relação a grupos previamente definidos como inferiores, na medida em que integra as representações de um estilo de vida sofisticado. [...] Em outros contextos pode integrar a um estilo de vida que rejeite e negue a estrutura. Portanto, o tóxico só pode ser entendido contextualmente. Mas verifica-se que na sociedade, de uma maneira ou de outra, ele é um símbolo de diferenciação. [...] Positivamente ou negativamente, ele é altamente valorado servindo de importante fronteira entre os indivíduos e grupos. Na medida em que se incorpora ou que é compreendido não isoladamente, mas como sendo um item de um estilo de vida, vai ser mais um elemento que contribuirá para o estabelecimento de hierarquias internas a uma classe, categoria ou estrato (VELHO, 2008, p. 205).

Para Rui (2007, p.26-27), que estudou três grupos de usuários de substâncias psicoativas, dentre eles um grupo de estudantes universitários, a pesquisa de Gilberto Velho é uma referência teórica aos "trabalhos brasileiros que pretendem trazer à tona o ponto de vista e a perspectiva dos usuários de 'drogas',

ressaltando 'sua visão de mundo' e o contexto de uso que confere significado à sua experiência".

A pesquisadora (2006, 2007) focou a relação estabelecida entre os modos corpóreos de engajamento no mundo com relação ao uso de substâncias psicoativas e os contextos sociais específicos nos quais eles se deram para as populações pesquisadas. Os efeitos variados como euforia, alegria, prazer, dor, *bad trip*²⁴, ressaca física e moral, são enfatizados pela autora, para quem:

Sendo o corpo a entrada por excelência das "drogas", via nariz, boca, ânus, ou veias, é ele quem "dá bandeira" ou que sinaliza o uso de "drogas"; é ele que expõe os benefícios ou os danos desse uso; é através dele que muitos adquirem ou doam "drogas" e é sobretudo por meio dele que são abertas as "portas da percepção". [...] É pelo corpo e pelos seus sentidos que tato, visão, olfato, paladar e audição ganham novos aspectos bastante distintos dos percebidos sem a "droga" (2007, p. 127).

Diante da complexidade que envolve a categoria analítica do corpo no uso de substâncias psicoativas ilícitas, busquei na presente pesquisa unir algumas reflexões teóricas, na busca de articular a teoria à realidade por mim discutida especialmente no capítulo 4. Para isso, o exercício feito nos próximos capítulos foi o de priorizar as experiências dos(as) interlocutores(as), para que este trabalho possa configurar um espaço de diálogo entre a corporalidade e as práticas dos(as) estudantes com o uso de substâncias psicoativas e os pressupostos teóricos aqui apresentados.

²⁴ Termo usado por pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas para designar alterações da consciêncianão desejadas e que causam desconforto, ansiedade ou medo, por isso a alusão ao termo *viagem ruim*. Nesta pesquisa, em diversas situações, os(as) entrevistados(as) fizeram menção a este termo, usando apenas a palavra *bad*.

**QUESTÕES METODOLÓGICAS E ÉTICAS EM UMA PESQUISA SOBRE O USO
DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ILÍCITAS ENTRE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS(AS)**

2.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA: CIRCULAÇÃO E INTERLOCUÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Uma pesquisa em antropologia pressupõe um caminhar a ser realizado, um fazer acompanhado de idas e vindas entre o campo e a teoria, em que os pressupostos teóricos e metodológicos são fundamentais e devem ser dialogados durante todo o processo.

Desde o início deste estudo, apresentei o tema e os objetivos a vários estudantes de cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina com quem tenho contato, iniciando, dessa forma, uma aproximação com o tema e com o trabalho de campo. Embora não tenha realizado um trabalho etnográfico, circulei pelo Campus da UEL e por outros campos em que estivessem presentes estudantes universitários(as), bem como suas redes de amigos e contatos e, dessa forma, construí meu campo de pesquisa - espaços onde pudesse me encontrar com estudantes que fazem uso de maconha, cocaína ou crack. Os primeiros contatos foram estabelecidos em espaços que me eram familiares, como o grupo de pesquisa do qual faço parte, disciplinas do mestrado em ciências sociais e centros acadêmicos de cursos com os quais eu já havia estabelecido parceria para a realização de atividades de redução de danos. Os(as) interlocutores(as) iniciais foram principalmente estudantes de cursos de psicologia, serviço social, ciências sociais, além de estudantes atendidos(as) por mim no Serviço de Bem-Estar à Comunidade – SEBEC/UEL²⁵.

Os diálogos inicialmente estabelecidos, os questionamentos e as inter-relações nessa fase de apresentação da pesquisa ajudaram-me a identificar de que forma poderia ter acesso às experiências de estudantes usuários(as) de substâncias psicoativas, às suas concepções e às relações existentes entre as formas de uso, o tempo e o contexto universitários.

A própria natureza da pesquisa impunha dificuldades para aplicação do método etnográfico, delineando-se como alternativa mais apropriada as

²⁵ Desde a elaboração do projeto desta pesquisa, estabeleci que não entrevistaria estudantes que estivessem em atendimento psicológico comigo durante o período da pesquisa. A participação destes(as) estudantes ficou restrita à mediação que muitos(as) deles(as) se dispuseram a fazer com colegas e aos diálogos sobre a pesquisa. Portanto, estes(as) estudantes fizeram parte apenas do primeiro grupo de interlocutores(as), denominados mediadores(as) em relação ao segundo grupo, que foram aqueles(as) entrevistados(as).

entrevistas em profundidade, em que os(as) interlocutores(as) foram contactados(as) através da técnica “bola de neve”.

No princípio da pesquisa, a incerteza dos recursos metodológicos que seriam por mim utilizados advinha do fato de que eu exercia a função de psicóloga na mesma instituição para atendimento da população pesquisada e do fato de a pesquisa tratar de práticas ilícitas. Isso me fez considerar que o estranhamento que eu provocaria com a tentativa de inserção no cotidiano destes grupos ou sujeitos, poderia gerar mais distanciamento do que aproximação em relação a eles.

Entretanto as dificuldades foram enfrentadas, sendo que os(as) primeiros(as) estudantes interlocutores(as), além de colaborarem com as reflexões metodológicas da pesquisa, também agiram como mediadores(as), fazendo o primeiro contato com outros(as) estudantes, convidando-os(as) para participarem da pesquisa. Por essa razão, considero-os(as) também como interlocutores(as), sem os(as) quais teria grande dificuldade de seguir adiante. Os contatos e os diálogos com esse grupo de interlocutores(as) se mantiveram durante todo o processo da pesquisa.

Foi pelo estudo bibliográfico sobre as teorias da corporalidade e uso de substâncias psicoativas e sobre métodos e metodologia em ciências sociais e humanas²⁶, além das trocas de ideias com o primeiro grupo de interlocutores(as) que defini a utilização das entrevistas em profundidade como técnica central desta pesquisa, uma vez que esta técnica é uma das indicadas quando há a necessidade de aprofundar temáticas e quando a população se mostra aberta ao diálogo. Nesse sentido, os(as) primeiros(as) estudantes contactados(as) demonstraram entusiasmo em mediar o encontro com outras pessoas com quem eu pudesse conversar, o que me incentivou a investir nesta técnica. Ao mesmo tempo, esta seria uma forma de abordá-los(as), preservando uma distância mínima, em que eu não me sentisse invadindo sua intimidade, muito menos interferindo ou interrompendo os comportamentos espontâneos nos momentos de lazer, sociabilidade, prazer ou desprazer em torno do uso de substâncias psicoativas, conseguindo assim escutá-los(as) mais livremente.

²⁶ Bibliografia consultada: Thiollent (1982), Becker (1994), Goldenberg (1999), Víctora *et al* (2000), Kofes (2001), Martins e Theóphilo (2009)

No caso da presente pesquisa, todos(as) os(as) interlocutores(as) entrevistados(as) e a maioria dos(as) mediadores(as) manifestaram interesse em ler o material produzido e solicitaram que lhe enviasse a dissertação após a conclusão, o que indica não apenas envolvimento com o tema, mas também expectativas quanto ao resultado do estudo.

As entrevistas em profundidade contaram com um roteiro semiestruturado, que serviu de guia e que não foi seguido à risca, apesar de que os tópicos tenham sido abordados em quase todas as entrevistas. O roteiro consta no anexo.

Os esclarecimentos sobre a pesquisa, seu objetivo, como ela se daria e as implicações éticas, como o sigilo, foram realizados no momento inicial da pesquisa, e o aceite em participar foi dado por eles(as) de forma verbal e gravado. Informei-os(as) de que poderiam desistir da participação da pesquisa a qualquer momento e lhes transmiti meus números de telefone e *e-mail* para que pudessem me contactar a qualquer momento.

A proposta inicial era a de gravar o esclarecimento e o aceite, mas isso não foi possível em todos os casos, pois, em duas ocasiões, só consegui ter abertura para solicitar a autorização para gravar depois de um tempo de conversa, quando o esclarecimento e o aceite já tinham sido firmados. Outra ocorrência foi a não gravação dos primeiros minutos de uma entrevista, por problema técnico, somente percebido após o término da entrevista, sendo o esclarecimento e o aceite também cortados. Uma terceira situação foi a de um entrevistado que quis conversar num bar enquanto tomava um suco, não sendo possível a gravação desta entrevista e, portanto, não houve registro de áudio, mas apenas anotações no caderno de campo.

Também solicitei aos(às) entrevistados(as) a autorização da utilização dos conteúdos das transcrições (revisitação do material pesquisado) e das anotações em futuras pesquisas sobre o tema.

A localização dos(as) estudantes que foram entrevistados(as) ocorreu por meio da técnica *bola de neve*²⁷, em que os(as) primeiros(as) interlocutores(as) contactados(as) mediaram novos contatos. Também utilizei redes sociais, como envio de *e-mail* e mensagens pelo *facebook* às pessoas que eu conhecia e que participavam da rede universitária com a qual eu tinha contato, para divulgar a pesquisa e convidar estudantes que se dispusessem a serem entrevistados para que me contatassem.

Busquei diversificar os(as) entrevistados(as) quanto aos cursos de graduação, o que me fez recuar na efetivação de algumas entrevistas com graduandos de psicologia e ciências sociais, com quem eu tinha mais contato. Nos cursos que eu consegui realizar mais de uma entrevista, busquei diversificar em relação ao gênero. Outra questão foi quanto às substâncias utilizadas, apesar de que nem sempre foi possível obter essa informação antes da entrevista.

A diversificação dos cursos e dos gêneros foi fundamentada no objetivo da pesquisa, que é o de entender o processo de uso de substâncias psicoativas entre estudantes de graduação da Universidade Estadual de Londrina e não de um curso ou de um gênero específico. Portanto, diversificar a população foi uma maneira de não transmitir uma ideia equivocada de que em determinados cursos ocorrem maior ou menor incidência de consumo de determinadas substâncias, ou que há a prevalência de uso entre mulheres ou homens, pois este estudo não teve como meta verificar tais variáveis.

Na questão da diversificação do público pesquisado, considero que houve limites que não foram superados, uma vez que a meta inicial era obter maior diversificação dos cursos acessados. Mas dada à tentativa de passar este estudo pela aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina²⁸, interrompi a realização das entrevistas durante vários meses, o que interferiu no número de participantes dentro do prazo que eu ainda tinha para a realização da pesquisa. Com isso, considero que não cheguei à saturação dos dados, não tanto pela questão dos conteúdos ou categorias que busquei analisar, mas pela diversidade de cursos pretendida inicialmente²⁹ e pela diversidade entre as séries da graduação em que estavam no momento da entrevista.

Dos(as) estudantes contactados(as), oito aceitaram participar e foram entrevistados(as), além de que entrevistei também um jovem rapaz com graduação em história, que havia concluído recentemente o mestrado e que manifestou muito interesse em falar sobre sua experiência com o uso de substâncias psicoativas durante o período da graduação. Estas nove pessoas constituíram o que denominei como segundo grupo de interlocutores(as).

²⁷ Ver Rea & Parker (2000).

²⁸ O processo junto ao comitê de ética da Universidade Estadual de Londrina e a decisão de suspender as entrevistas durante o aguardo da resposta do Comitê será discutido no item 3 deste capítulo.

Em relação aos cursos e aos(as) entrevistados(as), ficou a seguinte configuração: duas mulheres e um homem do curso de ciências sociais; um homem e duas mulheres do curso de psicologia; um homem do curso de ciências biológicas; uma mulher do curso de arquitetura e um homem com graduação em história e mestrado realizado na mesma instituição.

Suas histórias serão apresentadas no capítulo a seguir em forma de narrativas, que trazem relatos de suas primeiras experiências quanto ao uso de substâncias psicoativas, trajetórias de vida até a graduação e, mais especificamente, sobre este uso no contexto universitário, além de dados etário, socioeconômico, étnicos e do curso frequentado.

Durante a realização da pesquisa, surgiu um dado importante para a identificação do perfil dos(as) estudantes interlocutores(as), que foram as repetidas manifestações por parte da maioria deles(as), tanto dos(as) mediadores(as), quanto dos(as) entrevistados(as), sobre a relevância da proposta da pesquisa, porque se tratava de um estudo em ciências sociais que se propunha a escutar o que as pessoas que usam tais substâncias têm a dizer sobre o assunto e a importância política de participar desse estudo, pois seria uma oportunidade de questionar e avaliar concepções moralistas e repressivas próprias de nossa sociedade.

Os(as) interlocutores(as) que emitiram tal opinião disseram ter construído esta ideia sobre a pesquisa levando em consideração três pontos: os objetivos do trabalho, o relato de experiências e a visão dos próprios usuários das substâncias psicoativas; por se tratar de uma pesquisa em antropologia que abordaria os aspectos mais amplos do uso de substâncias psicoativas e não apenas fatores de saúde; e por saberem de minha atuação na perspectiva da Redução de Danos dentro da Universidade Estadual de Londrina.

²⁹ Houve estudantes que se dispuseram a ser entrevistados dos cursos de matemática, física, artes cênicas e que eu deixei de entrevistar por estar no aguardo da avaliação final do Comitê de Ética. Após minha decisão de interromper este processo por considerar haver conflito entre a posição final do comitê e os pressupostos metodológicos e éticos da antropologia, não havia mais tempo nem condições para localizar novamente todos estes(as) interlocutores(as) ou iniciar contatos com estudantes de outros cursos.

Os dados sobre seus posicionamentos políticos levaram-me a entender que os(as) interlocutores(as) com quem dialoguei e que fizeram parte do recorte populacional final do estudo constituíram um perfil específico, de acordo com seus posicionamentos sobre o uso de substâncias psicoativas e pela maioria cursar as últimas séries, o que impossibilitaria generalizar esse perfil para todos(as) os(as) estudantes universitários(as) da Universidade Estadual de Londrina.

Isso foi significativo na direção dada à pesquisa, pois reforçou a necessidade de articular as questões iniciais como corpo, práticas e contextos de uso, com a questão da política atual sobre a temática e como isso interfere nas experiências desses(as) interlocutores(as) com as substâncias psicoativas.

2.2 ÉTICA EM PESQUISA: CONTROVÉRSIAS ENTRE PESQUISAS *EM E* COM SERES HUMANOS

Considerando que, em uma pesquisa antropológica, os(as) entrevistados(as) são agentes do processo e que todos os procedimentos são negociados, assim como as relações são cotidianamente avaliadas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004), busquei neste estudo cuidar com atenção de cada contato, cada conversa, cada *e-mail* e telefonema trocado com os(as) interlocutores(as). A atenção dada por mim à qualidade da relação estabelecida com aqueles(as) que aceitaram participar da pesquisa ocorreu não apenas para garantir o estabelecimento da confiança depositada em mim, mas principalmente por considerá-los(as) o objetivo e a única razão deste estudo.

Fui motivada o tempo todo pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre um fenômeno de tanta amplitude e complexidade como o uso de substâncias psicoativas e pelo contato recorrente com tantos jovens que, ao fazerem uso destas substâncias, relatam prazeres e sofrimentos, benefícios e danos, transformando suas vidas. Isso me levou a considerar que os(as) participantes deste estudo não são informantes da pesquisa, mas interlocutores(as) que deram sentido às interrogações e inquietações teóricas que guiaram o estudo.

O fato de trabalhar como psicóloga na instituição universitária levou-me a um redobrado cuidado visando preservar os(as) entrevistados(as). Por isso, excluí da população a ser pesquisada os pacientes que eu acompanhava em atendimento psicológico, bem como excluí a possibilidade de realizar tratamento com estudantes entrevistados(as) enquanto esta pesquisa não fosse concluída. Caso houvesse alguma solicitação de tratamento psicológico nesse ínterim, orientaria e encaminharia suas demandas para outros(as) psicólogos(as) do serviço na UEL ou

para outros serviços do município de Londrina.

Outro aspecto considerado foi a iniciativa de submeter este projeto a um Comitê de Ética, justamente por entender que a pesquisa trata do uso de substâncias ilícitas e sua relação com o corpo, que comporta dimensões social, física e subjetiva. Desde o princípio do estudo, houve a preocupação em resguardar ao máximo a integridade física e subjetiva da população entrevistada. Mesmo antes da submissão ao Comitê de Ética, foram tomados todos os cuidados, como: o sigilo; a atenção às vulnerabilidades emergidas durante as entrevistas; o esclarecimento sobre a pesquisa, a possibilidade de desistência de participação da pesquisa a qualquer momento; a solicitação do aceite verbal; a solicitação de autorização para gravar as entrevistas e para utilizar o material coletado em futuras pesquisas em ciências sociais; e a disponibilização de telefones e *e-mails* de contato para que conseguissem me localizar a qualquer momento.

A dificuldade em encontrar um fio condutor comum com o Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina - que é ligado à Comissão de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde - CONEP - sobre a concepção do que se trata uma pesquisa em ciências sociais, seus métodos e procedimentos, surgiu desde o princípio da submissão do presente projeto. Isso ocorreu pelo fato de que há uma incompatibilidade entre os pressupostos das ciências sociais e humanas e os referenciais metodológicos das ciências da saúde que são adotados pelos comitês, forjados para a regulação das pesquisas biomédicas³⁰.

A relevância em submeter o presente projeto a uma avaliação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina residiu no fato de o estudo envolver seres humanos em relação a uma temática complexa como a do uso de

³⁰ Sobre as discussões atuais de ética e pesquisa em antropologia e em ciências sociais e humanas, ver respectivamente: *Víctora et al* (2004) e Guerriero (2008)

substâncias psicoativas, além de que, pelo fato de eu exercer outra profissão na mesma instituição, senti a necessidade de uma avaliação externa sobre os procedimentos adotados por mim nesta pesquisa, para que não ficassem dúvidas de que se trata de uma pesquisa em antropologia. No entanto, a resolução 196/96 do Ministério da Saúde que estabelece a normativa de que todas as avaliações de pesquisa envolvendo seres humanos sigam os critérios adotados, os quais são biomédicos, não oferece alternativas de espaço para avaliação, nas comissões e comitês de ética hoje existentes, às demais áreas do conhecimento, que também tomam como objeto de estudo questões que dizem respeito à vida e aos seres humanos, só que por outras perspectivas.

Foram inúmeros os impedimentos para a aprovação da presente pesquisa, a começar pelas seguintes exigências dos comitês ligados à CONEP: discriminação dos objetivos da pesquisa definidos *a priori* e sem possibilidade de serem alterados; definição desde o projeto do número de pessoas a serem contatadas e entrevistadas; definição do tipo de entrevista e do roteiro sem que houvesse a possibilidade de alterações nestes procedimentos ao longo da pesquisa; proibição do uso de dados de conversas informais, ou de entrevistas realizadas antes da aprovação do comitê; e exigência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a obrigatoriedade da assinatura e dos dados dos participantes mesmo no caso de uma pesquisa sobre práticas ilegais ou mesmo em pesquisas etnográficas.

Estas exigências precisam ser relativizadas, dependendo do contexto e das condições da pesquisa em ciências humanas ou sociais, pois muitas vezes não é possível a definição *a priori* dos objetivos, sendo estes considerados apenas referenciais iniciais. O mesmo ocorre com a definição do número de pessoas a serem entrevistadas ou abordadas, que dependerá das relações estabelecidas e do conteúdo emergido, entre outras variantes. Os contatos realizados com a população desde a formulação do problema, os diálogos construídos durante o percurso antropológico e a circulação no campo, bem como as entrevistas preliminares consistem em dados que precisam ser registrados, sistematizados e analisados na pesquisa antropológica, pois fazem parte do universo investigado. As negociações sobre a autorização e os consentimentos para participação da pesquisa devem ser reiterados a cada encontro.

Portanto, a necessidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, assinado ou verbal, nas pesquisas antropológicas deve ser analisada caso a caso, e não imposta de maneira formal e padronizada, principalmente porque nestas pesquisas os(as) participantes são interlocutores(as) e não receptores de ações como nas pesquisas biomédicas.

Uma vez que a presente pesquisa se realiza *com* seres humanos e não *em* seres humanos³¹, submeti o projeto buscando demonstrar os fundamentos teóricos e metodológicos em antropologia para a definição de alguns procedimentos distintos dos apresentados nas normas da Resolução 196/96, instituída pela Comissão de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde - CONEP.

Dentre os procedimentos da pesquisa incompatíveis com as normatizações da Resolução 196/96, dois deles suscitaram maior dificuldade na aprovação. O primeiro procedimento a ser recusado pela avaliação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina foi o do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a ser dado pelos(as) interlocutores(as) de forma verbal. E o segundo procedimento negado foi a da utilização das primeiras entrevistas que já haviam sido realizadas quando da submissão do projeto ao Comitê.

O processo dessa pesquisa no Comitê de Ética teve a duração de cinco meses, em que foram emitidos pareceres pelo Comitê e respostas sobre a pesquisa em questão. Durante o processo, argumentei sobre a manutenção de pontos considerados fundamentais, a saber: a consideração das entrevistas realizadas antes da submissão ao Comitê; o aceite para participar da pesquisa dos(as) entrevistados(as) de forma verbal, sendo este gravado e não escrito, portanto sem constar o TCLE em forma de documentos assinados pelos(as) participantes; e a preservação dos cadernos de campo, bem como das transcrições das entrevistas após a finalização da pesquisa, para futuras revisitações e estudos.

O Comitê de Ética, a partir de consulta a um representante da CONEP sobre o processo da presente pesquisa, em 13 de julho de 2011, via *e-mail*, emitiu a seguinte deliberação:

A partir da análise do representante e orientações dada por ele, é possível você não apresentar o TCLE assinado, apenas na forma

³¹ Cardoso de Oliveira (2004, p. 33-34) distingue pesquisas em seres humanos de pesquisas com seres humanos. Argumenta que a exigência do termo de consentimento escrito tem que ser criticamente revisada nas pesquisas com seres humanos, pois nestes casos os sujeitos são interlocutores e não cobaias, como nas pesquisas em seres humanos.

verbal, mas deve apresentar o Termo de Sigilo e Confidencialidade, conforme modelo disponível no site. Em relação ao uso de dados do estudo piloto, a apreciação é de que estes dados não podem constar no seu relato de pesquisa, uma vez que este estudo pode levar a alterações metodológicas, comprometendo os resultados de sua pesquisa. Sendo assim, é necessário que você apresente um documento atestando que estes dados não comporão os resultados obtidos em seu trabalho. Informamos que as demais pendências foram atendidas, necessitando apenas nos enviar estes dois documentos para que possamos emitir parecer de aprovação de seu processo.

Dada esta deliberação e a falta de tempo hábil da pesquisa para a continuidade do processo no Comitê de Ética, o que exigiria tempo para novas fundamentações teóricas e metodológicas e as devidas avaliações do Comitê, retirei-me do processo de avaliação do comitê de ética.

Apesar da aprovação oficial ter sido impedida pela discordância metodológica, considero que tenha sido válido o processo, uma vez que entendo que determinados assuntos e temas são complexos e que os comitês de ética poderiam auxiliar na avaliação do processo ético, verificando a articulação entre os conteúdos (objetivos da pesquisa e pressupostos teóricos) e os procedimentos (etnografia, grupos focais, realização de entrevistas, roteiro das entrevistas, questões relativas a sigilo e exclusão de participação da pesquisa de determinadas populações, quando for o caso). No caso da presente pesquisa, entendo que os pontos mais delicados referiram-se à articulação dos pressupostos teóricos com o procedimento escolhido de entrevista em profundidade; a coerência entre o roteiro e os objetivos da pesquisa; e a exclusão da participação desta pesquisa de pessoas que estivessem em atendimento psicológico comigo. Estes pontos tiveram parecer favorável na avaliação do Comitê de Ética.

A partir desta experiência, levanto duas reflexões sobre a situação de não reconhecimento da especificidade da pesquisa em antropologia por parte dos comitês de ética. A primeira é referente à sobreposição das ciências biológicas, médicas e exatas em relação às ciências humanas e sociais que, por terem objetos muito distintos, encontram dificuldades para terem reconhecidos seus processos metodológicos e de trabalho. Sobre o assunto, MacRae e Vidal (2006, p.647) argumentam:

[...] embora tenha se tornado muito difundida e bem-aceita a ideia de que a questão das drogas só pode ser apreendida em toda a sua complexidade por meio de uma abordagem biopsicossocial, as ciências da saúde detêm uma quase hegemonia sobre o discurso considerado legítimo e competente para esse tema. Assim, outras abordagens, como aquelas que privilegiam os aspectos socioculturais da questão, são frequentemente julgadas pelos critérios da biomedicina, diferentes dos critérios vigentes nas disciplinas das ciências sociais, dentro de cujos padrões foram originalmente concebidos e realizados.

MacRae e Vidal (*idem*) ainda acrescentam um exemplo destas situações de sobreposição entre as ciências da saúde e social:

[...] nas pesquisas sobre o uso de psicoativos, a adoção de métodos qualitativos, costumeiros na antropologia e em certos ramos da sociologia, é freqüentemente criticada por uma suposta falta de rigor científico e objetividade. Pouco adiantam os argumentos de que, mais uma vez, os defensores dos padrões clássicos da biomedicina estariam ignorando as funções constitutivas da cultura na construção e percepção da saúde e da doença.

A segunda reflexão se refere à consequência política desta sobreposição metodológica no âmbito dos comitês de ética instalados no Brasil. Tal sobreposição inviabiliza a submissão de pesquisas antropológicas em comitês de ética, pois há uma incompreensão por parte dos(as) avaliadores(as) dos pressupostos metodológicos de outras áreas de conhecimento que não a biomédica.

Esta discussão se faz necessária, principalmente porque se encontram em tramitação no Congresso Nacional dois projetos de lei que pretendem transformar as atuais normas brasileiras contidas na Resolução 196/96 e que segundo Duarte (2011), terão "[...] um texto legal ainda mais vinculante - com graves riscos para a existência da pesquisa em ciências humanas."

Em meio a esta situação, o Conselho Diretor da Associação Brasileira de Antropologia - ABA apresentou uma moção, em 03 de novembro de 2011, enviada aos Ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia, entre outros Ministérios, no sentido da necessidade da urgente separação da regulamentação da ética em pesquisa em ciências sociais e humanas da regulamentação da ética em pesquisa em ciências biomédicas.

As principais proposições desta moção foram: revisão da Resolução 196/96, restringindo-a ao campo de ação da biomedicina; elaboração de outra Regulamentação específica para as ciências sociais e Humanas, com ampla participação destes profissionais, possivelmente no âmbito do Ministério da Ciência e Tecnologia; e representação das ciências sociais e humanas nas discussões de quaisquer outros diplomas legais em tramitação ou que venham tramitar no Legislativo Nacional sobre a temática da ética em pesquisa "que envolve seres humanos", no sentido de um efetivo controle da ética em pesquisa no país³².

³² Documento acessado pelo *site* da ABA: <<http://www.abant.org.br/news/show/id/173>>.

**TRAJETÓRIAS EM NARRATIVAS:
O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O TEMPO UNIVERSITÁRIO**

3.1 APRESENTAÇÃO EM NARRATIVAS: QUEM SÃO OS(AS) JOVENS INTERLOCUTORES(AS)

Ao todo foram nove jovens entrevistados(as), um recém-formado e oito estudantes de graduação da Universidade Estadual de Londrina, sendo um homem do curso de ciências biológicas; duas mulheres e um homem do curso de ciências sociais; duas mulheres e um homem do curso de psicologia; uma mulher do curso de arquitetura; um homem graduado em história que havia concluído mestrado na mesma universidade.

Apresento momentos da história destes(as) interlocutores(as) e seus percursos atravessados pelo uso de substâncias psicoativas antes e durante o período da graduação em uma universidade pública. Os nomes são fictícios e alguns dados foram suprimidos ou alterados para a preservação do anonimato. Não especifico a série do curso em que os(as) entrevistados(as) estavam, com o objetivo de evitar qualquer possibilidade de identificação dos(as) estudantes entrevistados(as).

Neste capítulo busquei construir suas trajetórias por meio de narrativas com o objetivo de apresentá-las de forma mais ampla e com mínimas interferências³³.

3.1.1 Jorge: *“Sempre tive a cabeça meio aberta em relação a isso, então você acaba pegando, experimentando muitas coisas”*

Jorge é um rapaz de 25 anos, branco, que se autodenominou de classe social alta e que no momento da entrevista cursava os últimos anos do curso de Ciências Biológicas. Seus pais têm profissões dentro das ciências agrônomas, o que o estudante associa como motivação para o seu grande interesse pelo campo, pela natureza e pelas plantas e por sua escolha pelo curso de ciências biológicas. Antes de iniciar o curso de graduação, morava com os pais em uma cidade do interior. Seus pais o sustentam na universidade e, segundo o estudante, mesmo quando tinham poucos recursos financeiros, os pais se esforçaram para dar uma

³³ As falas dos(as) entrevistados(as) serão colocadas em *itálico* se tiverem mais de três linhas e em *itálico* e entre “aspas” em frases que estiverem em meio ao texto, com o objetivo de destacá-las da redação geral ou de citações de trabalhos e estudos referenciados nesta pesquisa.

educação de boa qualidade para ele e seus dois irmãos, mantendo-os durante o ensino fundamental e médio sempre em escolas privadas.

Desde criança teve muito contato com a natureza e, a partir dos cinco anos, um especial interesse por plantas. Sempre pensou em agronomia, por esse lado do cultivo das plantas. Aos dezessete anos mudou de ideia e disse para os pais que queria fazer outro curso que também lidava com meio ambiente. Masseu pai, que não gostou da ideia apresentada por ele na época, levou-o a fazer um acompanhamento de orientação vocacional. Durante o processo, ele conheceu o curso de biologia e se decidiu por isso. Hoje ele tem certeza de que foi a escolha certa, pois encontrou uma área científica de interesse, a botânica. Seu pai ficou contrariado, mas acabou aceitando. Segundo o estudante, foram duas as situações em que tem recordação do pai ter ficado um tempo sem falar com ele: aos dezesseis anos, quando os pais souberam do seu uso de maconha, e quando decidiu que não prestaria mais vestibular para agronomia.

Jorge relata que suas primeiras experiências com uso de substâncias psicoativas ocorreram quando era bastante garoto. Nas festas, ao perceber um copo de cerveja sem dono ou abandonado, bebia. Depois começou a fumar cigarro de palha aos 13 anos, por farra com os amigos. Foi também nessa época que passou a tomar mais bebidas alcoólicas e não apenas como nas primeiras experimentações relatadas. Também com aproximadamente 13 anos, começou a fumar maconha, com a qual mais se identificou, estabelecendo um uso cotidiano. Não se lembra ao certo com que idade estava quando experimentou solventes, mas imagina que tenha sido na mesma época. Resume que foi aproximadamente entre seus 13 e 15 anos que teve suas primeiras experiências de forma mais contínua com as substâncias psicoativas junto com um grupo de amigos, com os quais permaneceu ligado durante toda a adolescência, mantendo contato com os amigos mais próximos desse grupo até os dias atuais.

Por volta dos 16 anos, em convivência com outro grupo de colegas de maior poder aquisitivo, começou a utilizar os derivados de coca, discriminando-os da seguinte maneira:

Crack... fumar mesclado, mesmo... fumava misturado... crack nunca puro mesmo, nunca fumei... sempre misturado com maconha... é... cocaína mesmo, também... misturada já... mas eu sentia... nunca gostei do ato de cheirar, vamos dizer assim... Eu acho muito... não

sei, parece que ataca a sua moral mais ou menos assim... você colocar alguma coisa no seu nariz, assim... pra mim não é...

Quando questionado se já havia injetado cocaína, respondeu que nunca: *"isso também é outra coisa que eu acho muito ofensivo pro meu corpo que... não... [...] Esse conceito eu sempre tive mesmo... pra mim... nunca pensei. Não tenho medo de agulhas, de doar sangue, eu sempre doei sangue, na verdade"*.

Segundo o estudante, usou estes derivados por um período curto: *"[...] eu acabei tendo contato com esse pessoal com mais poder aquisitivo... que tinha mais contatos, vamos dizer... e acabei entrando também nessas daí"*. Alega que foi por um período curto porque não gostou da experiência: *"[...] do jeito, a situação que aquela droga te deixa. Eu não sou uma pessoa que gosta de ficar agitada, eu gosto de ficar calmo"*.

Relatou ainda que, através da convivência com um amigo (que pertencia ao grupo que se manteve ligado durante toda a adolescência), que frequenta uma religião ayahuasquera, teve aos 17 anos uma vivência de seis meses com esta religião e com o uso da ayahuasca, distanciando-se do uso desta substância ao mudar para Londrina. Relaciona o fato de ter conseguido se distanciar de algumas substâncias que considera mais agressivas a esta experiência religiosa.

Jorge considera que teve um uso muito pesado com bebidas alcoólicas, mas aos 17 anos, quando teve sérios problemas com acne, fez um tratamento por oito meses em que o uso de álcool era proibido. A partir daí ficou desta época até três anos antes da data da entrevista sem tomar nada de bebidas alcoólicas. Segundo ele: *"dos 17 aos 22, mais ou menos, eu não bebi álcool nenhum, nada, nada mesmo... não gostava, parei assim... gostava, mas sabia que era uma coisa que às vezes você não consegue se controlar... então eu tinha deixado"*.

Já na graduação, período em que teve conhecimento e contato com as substâncias sintéticas (LSD, ecstasy, anfetaminas), começou a usá-las, principalmente quando participava de festas, mantendo esse uso durante quatro anos aproximadamente.

Jorge disse ter feito uso de muitos tipos de substâncias psicoativas. Segundo ele, quando se tem a possibilidade de ter experiências e contatos como os que ele teve na universidade e se tem a *"cabeça meio aberta"*, como ele, acaba

experimentando muitas coisas: "[...] só que eu acho que nesse processo de experimentar, se você tiver consciência... você vai saber o que vai fazer bem, o que vai fazer mal pra você".

Considera Londrina uma cidade de fácil acesso a quase qualquer tipo de droga:

[...] na verdade, eu acho que até as piores, na verdade são as mais fáceis de encontrar... por exemplo, é o caso de solventes... Como eu já... já passei por essas coisas, eu sei... Eu sei?! Assim... eu acho, na minha percepção que certas coisas eu já descartei porque traz muito problema... que é o caso desses... dos derivados de coca também... eu acho que... tem essa funcionalidade até, mas tudo depende também do jeito e do uso, né?

O uso da maconha é bastante presente em seu cotidiano, inclusive para estudar, considerando ter uma relação tranquila com as substâncias psicoativas. Disse que não usa mais drogas sintéticas e comentou sobre sua relação com o álcool:

[...] hoje em dia eu consigo me controlar mais, tomo uma vez aí... uma vez a cada 15 dias, no máximo. [...] Fico atento, na verdade... se eu deixar... por exemplo, se eu sentar numa mesa e começar a tomar uma cerveja agora esse horário, vamos dizer... se deixar mesmo... falar não, vamos ver... isso eu fico até 2h da manhã. [...] Fico atento pra não dar uma brecha, por assim dizer, pra não deixar passar.

Em relação ao tabaco, quando entrou na faculdade ainda fazia uso e teve um aumento considerável no consumo, pois segundo ele, cigarro e café combinam, além do que, no tempo em que iniciou o curso, havia a facilidade em consumir café nas cozinhas dos centros de estudos, que não eram tão restritas como atualmente. Além disso, havia muito mais fumantes do que hoje, o que tornava ainda mais comum sair da sala e acender um cigarro. Parou de fumar tabaco devido aos danos físicos (respiratórios), apesar de considerar que a maconha também lhe faça mal, mas julga que o dano é menor e lhe dá mais prazer e outros ganhos, como trazer relaxamento, calma, alteração da percepção, coisas para ele positivas que não encontrava no tabaco. Ao contar sobre o processo de retirada do tabaco, disse da substituição que fez por maconha, pelo fato de gostar e sentir falta do ato de fumar: "quando eu tava fumando cigarro, o jeito que eu fiz pra parar foi começar a

fumar um pouquinho... na hora que eu tinha aquela vontade mesmo, eu dava dois traguinhos de maconha".

O estudante disse pensar na possibilidade de buscar outras maneiras de utilizar a maconha com o objetivo de reduzir os efeitos por ele identificados como danosos ao pulmão - apesar de que entende ser difícil, pois precisaria de processos industriais para transformá-la, por exemplo, em spray, o que é inviável pelo fato de a maconha ser proibida. Porém, ao final de sua fala sobre essas alternativas, reconheceu que, se isso fosse possível, não seria uma mudança fácil para ele, pois disse gostar do ato de tragar e não consumir mais maconha fumada geraria a perda deste prazer.

Jorge fala que a maconha faz parte de seu cotidiano, desde a hora que acorda - após tomar seu café da manhã, depois do almoço - até a noite.

Falou rapidamente da sua concepção sobre a utilização de algumas substâncias psicoativas com o espiritual. Para explicar sua concepção, citou o livro organizado por Bia Labate (2008), que fala sobre as plantas de poder (disse que utilizou o livro da biblioteca da Universidade). Dentre estas plantas, citou a folha de coca para os povos andinos, que tem significado distinto do uso da cocaína (substância produzida em laboratório a partir da folha de coca); citou o *cambô* (secreção produzida por um sapo), que ele já usou e considera como "*[...] uma substância psicoativa que, apesar de afetar levemente a consciência, é mais que uma substância psicoativa, é considerada mais uma vacina, utilizada na maior parte por grupos indígenas brasileiros*", que estão localizados entre os rios Uacaly, Juruá e Purus, entre o Peru e o Brasil - estados do Amazonas e Acre. Jorge considerou seu efeito uma supervitamina:

[...] eu passei mais de 3 ou 4 meses sem ter uma gripinha (sic)... e eu sempre sou meio ruim do pulmão, meio... qualquer abalação (sic) eu já fico meio ruim... por causa de... infelizmente, querendo ou não fumar qualquer coisa te faz mal pro pulmão.

O entrevistado explicou que, apesar de relatar diversos usos durante o tempo universitário, no espaço do Campus Universitário consumiu apenas o tabaco e a maconha. Disse considerar que as outras substâncias psicoativas que já usou não combinam com o momento de aula e, portanto nunca sentiu vontade de consumi-las no ambiente acadêmico.

Sobre a interferência do uso de substâncias psicoativas no seu curso, o estudante considera que muitas pessoas acham que o fato de ele demorar tantos anos para concluir seu curso tem relação com o consumo de substâncias. Mas o entrevistado relaciona suas dificuldades no curso a duas situações distintas do uso de qualquer substância: a primeira, por ter vivido em contínua "farrá" no primeiro ano, pois estava morando sozinho pela primeira vez e tudo era novo, era amigo de todo mundo, ia praticamente a todas as festas que ocorriam; e a segunda, por ter desgostado do curso que era focado, no período em questão, à área genética e de laboratório, que ele não suportava, tendo chegado ao ponto de parar um trimestre.

Jorge percebeu que houve preconceito por parte dos professores(as) e que isso atrapalhou por alguns anos a sua relação com os docentes e com o curso. Pelo seu jeito e suas ideias, Jorge acredita que muitos(as) professores(as) concluíram que ele consome muito mais substâncias do que ele de fato faz ou fazia.

Quando se referiu às coisas que faria diferente se estivesse hoje nos primeiros anos do curso, disse que levaria mais a sério o curso e não teria feito o uso tão "escancarado" das substâncias, devido ao grande preconceito existente no Brasil. Não refere "arrepentimento" sobre as coisas que usou porque considera que isso fez parte de seu "desenvolvimento". Sobre isso citou como parte do desenvolvimento: "viver diversas experiências com substâncias diferentes, experimentar", "curtir as alterações da percepção", "sociabilizar".

Encontra-se nos últimos anos do curso e falou de planos para seu caminho futuro- concursos e busca de trabalho.

3.1.2 Maria: *"Minha meta já não eram os loucos do terceiro colegial, eram os loucos da universidade"*

Maria é uma jovem de 25 anos, negra, que se autodenominou de classe social baixa e que no momento da entrevista cursava os últimos anos de ciências sociais. Não falou da profissão da mãe, mas disse que sua família passa por muitas dificuldades financeiras, fazendo diversas referências à mãe como alguém que batalha muito e que sustenta a casa. Referiu-se poucas vezes ao pai e

quando o fez, demonstrou indignação pela mãe sustentá-lo. Antes de iniciar o curso de graduação, morava com os pais em uma cidade do interior de São Paulo.

Sobre o uso de substâncias psicoativas, Maria disse que isso fez parte de sua vida desde a adolescência. Na verdade, diz que já verificava o uso de maconha entre pessoas da sua família antes de começar a usar a substância. Em suas palavras:

Tinha umas brincadeiras que uns tios meus eram usuários. Minha mãe fazia piada: "ah! Muito louco..." Então assim, ao mesmo tempo que eu via na televisão que era algo proibido, que a sociedade falava que era algo proibido, tinha na minha família um ar de proibido, mas legal.

Maria contou que de alguma forma, usar substâncias psicoativas passou a fazer parte de uma identidade que queria construir para si:

Na adolescência eu era da tribo do rock and roll, dos que tentavam ser alternativos e assim, era um dos elementos que eu acho... do grupo, o consumo de drogas. Tem a famosa frase: sexo, drogas e rock and roll. Eu já ouvia rock and roll, já tinha feito sexo e não tinha usado drogas. É meio idiota hoje falar disso, mas depois de repensar esse uso, parece que nossa, como a gente é imbecil às vezes, mas era o negócio de participar, de experimentar.

Suas falas indicam que a sua relação com as substâncias psicoativas não se trata de algo estagnado e imóvel. Como diversas coisas na vida, a relação se transforma, cria nuances. Para ela, o usar "drogas", a princípio, tinha relação principalmente com a busca de ser "louca", portanto busca de um "status" e também com um desejo de vivenciar experimentações, como iniciação sexual, relacionamentos e o uso de substâncias que alterassem a percepção. Esse desejo, para Maria, ficou lá no começo, na adolescência, mas a relação com as substâncias continuou permeada por uma vontade de pertencer a um grupo com o qual se identificava. Diz, para demonstrar isso, que muitas vezes, no tempo da graduação, fumou maconha numa roda, mesmo sem estar com vontade, ou mesmo com medo de lhe fazer mal, porque não queria quebrar a corrente da roda em que estavam fumando um "baseado". Atualmente, o que acha que mais prevalece é o prazer que as substâncias lhe trazem: "O consumo que ficou depois foi pelo prazer, porque era

gostoso, não era porque eu queria fazer parte de nada não, dos universitários, não era não".

A maconha foi a primeira substância usada por Maria quando tinha por volta de 15 anos. Nessa época, fazia parte de um grupo de teatro em que era uma das mais novas. As outras pessoas, que tinham entre 22 e 24 anos, já fumavam. Maria queria usar também, mas como já tinha ouvido algumas críticas a colegas, como: "ah... *Fulano fumou um e deu pala, ficou fazendo besteira*", criou a estratégia de experimentar sozinha, como relatado a seguir:

Para não passar vergonha na frente dos outros, eu quis experimentar sozinha. Olha! O raciocínio era aquele, experimento, me adapto e depois eu fumo com a galera, tipo, faço parte, sou legal, sou, né... Meu... ai Jesus (demonstrou vergonha disto). [...] eu comprei de um menino da minha escola, que diziam que ele era o malucão da escola, ai coitado... Quando eu fui pedir para ele, ele nem tinha o canal. Mas quis ir atrás pra demonstrar que era malucão mesmo. Ele levou e eu enrolei o baseado, na minha casa. Estava eu e acho, mais uma amiga, a Tuti. Ela não quis fumar, ela achou minha atitude idiota, mas eu queria que ela estivesse junto, porque caso acontecesse alguma coisa, eu não sabia no que ia dar, né?! Daí eu enrolei, não aconteceu nada, tinha cheiro de bosta de vaca [...].

Depois ficou um bom tempo sem fumar maconha porque não tinha sentido nada. Maria considera, então, que experimentou outras substâncias na busca mesmo de ser "louca".

O tabaco, ela experimentou aproximadamente no mesmo semestre em que usou a maconha. Maria disse que o uso do cigarro deu-se nas saídas com o pessoal do teatro com quem ela "andava". Na sequência, usou bebidas alcoólicas:

Aí eu fui para o álcool. Eu acho que, eu queria mesmo, de algum jeito, ser louca. Queria mesmo estar lá. Porque tinha a questão do status também, no grupo. Digamos, como se fosse uma forma de iniciação, como se você tivesse passado por alguns estágios. Se você já transou, ouve rock and roll, é descolada, usa roupa de... (não entendi o que ela disse). Olha as coisas!!! Sensação de pertencer. Meu, antes na escola eu era a CDF, a sem graça e depois comecei a ser descolada, a participar do movimento estudantil, foi na mesma época... Eu tava na UMES, comecei a fazer discurso nas escolas sobre carteirinha de estudante, para o pessoal participar. Aí o pessoal começou: ah! Maria, tipo, queriam ser meus amigos, sabe? Ô ilusão que a gente tem... E eu gostava, lógico que eu gostava.

Relatou sua primeira experiência com o álcool:

[...] eu tava com essa mesma amiga e com outro rapaz, e eles estavam falando de beber, de ficar chapado... e eu tomei um copo de Martini, de uns 250 ou 300 ml, quente, louca, né? Eu pensei, como é que este negócio fedido, incolor, vai fazer alguma coisa? Virei de uma vez, quebrei meu dente... (E mostrou seu dente quebrado). E não demorou muito tempo eu comecei a passar mal, eu lembro que eles me carregaram.

Sobre a cocaína, os alucinógenos, alguns remédios, entre outras substâncias que ela não especificou por não lembrar os nomes no momento da entrevista, experimentou-as aos 17 anos, quando estava no terceiro colegial.

Quando experimentou o álcool e quebrou o dente, Maria disse ter pensado: *"nossa, o negócio é potente"*. E seguiu contando um pouco mais da relação com o álcool, com outras substâncias e com o espaço escolar:

[...] Daí eu fiquei mais um bom tempo longe (do álcool). Bom tempo, não sei dizer quanto. Mas eu sei que com 15 anos eu tava no primeiro colegial, no segundo colegial eu lembro que eu já saía para festas de amigos, no bairro e voltava um pouco mais tarde. E no terceiro colegial eu tava fazendo cursinho para prestar o vestibular e aí eu já bebia e já fumava. Não lembro exata... Ah! No primeiro colegial mesmo, lembro que a gente foi na casa de alguns amigos, tinha festa, a gente tomava cerveja e eu gostava de ficar embriagada. Fumei outras vezes maconha, mas não sei dizer quanto. [...] E aí no terceiro colegial eu tava fazendo cursinho e eu ia para as festas universitárias, que eram as bambambãs. Tinha uma festa na UNESP que eram três dias. Meu, eu achava eles o máximo. Minha meta já não era mais os loucos do terceiro colegial, era os loucos da universidade. Pensando num processo, nas fases, eu tinha que avançar mais fases.

Do terceiro colegial até a sua entrada no curso de graduação numa universidade pública em outra cidade, permaneceu bastante envolvida com o meio universitário da UNESP de sua cidade: *"eu queria fazer parte, era minha meta, queria estudar, queria ser alguém, queria dar aula"*. Durante estes anos, continuou a experimentar e usar diversas substâncias, algumas durante o dia e outras em suas constantes saídas à noite. Dentre as substâncias, citou as seguintes: alucinógenos, como lírios plantados na universidade, cocaína e maconha (nesta época fumava e gostava dos efeitos).

Segundo suas falas, as experiências e as metas se entrelaçaram até a entrada num curso de graduação, pois se, por um lado, queria estudar e ser

aprovada num vestibular de universidade pública, por outro viveu experiências que despendiam seu tempo e energia. Em alguns pontos da entrevista, Maria reflete sobre o aparente conflito entre o desejo de estudar e se formar e o desejo de ter experiências com pessoas e com substâncias psicoativas e do quanto isto lhe custou mais tempo para alcançar seu objetivo de ingressar na graduação e graduar-se.

Explica que nos últimos meses do ano de sua aprovação no vestibular deixou de frequentar o cursinho preparatório e passou a estudar em casa. Esta decisão foi influenciada pela mudança de uma amiga, pelo desejo de entrar numa graduação e também pelo desejo de se distanciar de uma situação amorosa:

No ano em que eu passei no vestibular, ela (amiga com quem sempre saía junto nas baladas) foi para o Japão. Daí eu fiquei nesse mesmo ano lá, no início com o mesmo consumo, bebendo, saindo. [...] foi depois de um tempo, em 2003, que eu fiquei mais de boa, que eu lembro que foi nos últimos três meses do ano, que fiquei estudando sozinha em casa, sem ir no cursinho que eu tava matriculada, daí eu passei. Por que? Porque o cursinho, a galera saía, tinha a galera da universidade e eu sabia que com essa vida, ficar bebendo, eu não conseguia me concentrar, não conseguia estudar. Pensei, vou dar um tempo... Daí também no cursinho tinha o menino que eu gostava, que tava ficando com outra garota, daí eu não queria ver ele.

O curso de graduação representava um sonho e a escolha profissional. Portanto isso fazia parte de suas metas desde o início da adolescência. Quando estava no ginásio (ensino fundamental) pensava em ser professora, pois para ela era a profissão que representava o saber. Mais tarde teve vontade de fazer psicologia, mas desistiu por causa da concorrência. Pensava que não ia passar. Nesta época de escolha da profissão e de qual curso de graduação prestaria, estava participando de movimentos sociais estudantis e teve ótimos professores de sociologia. Foi por estas experiências que decidiu pelo curso de ciências sociais, pois seria um curso que lhe possibilitaria dar aulas, ser professora, aprender e ensinar. Maria fez três anos de cursinho e durante este tempo sempre prestou vestibular para o curso de ciências sociais.

Segue seu relato sobre o dia que soube de sua aprovação no vestibular:

[...] no dia que eu passei no vestibular, minha mãe tinha me dado R\$ 200,00 (duzentos reais) para eu pagar uma conta, numa época em que o salário mínimo era 500,00 (quinhentos) ou 400,00 (quatrocentos)... Ela me deu para eu pagar uma conta alta. Eu saí com a roupa para passar o final de semana fora bebendo, bebi todas, perdi minha mochila com minhas roupas, com o dinheiro. Fiquei desesperada. Como é que eu ia falar para minha mãe que eu acabei perdendo o dinheiro e eu tive que acabar contando. Ela sabia que eu bebia, ficava preocupada, mas ela não sabia o grau porque não me acompanhava, não via. Mas nisso, várias vezes bêbada, eu transei sem camisinha, fiquei com pessoas que eu não queria, pessoas que em sua consciência eu jamais ficaria, arrisquei saindo com pessoas dirigindo bêbadas. Que mais que eu fiz?! Ah! A questão do risco e prazer, lá da professora de antropologia. Eu sempre penso neste livro "Risco e Prazer", sabe, você quer ultrapassar os limites.

Maria contou sobre a sua vinda para a cidade onde iniciou o curso de graduação. Segundo ela, após passar no vestibular na universidade pública de Londrina, mudou-se para a cidade e iniciou sua vida universitária tendo apenas R\$20,00 no bolso, o que a levou a dormir na rodoviária durante uma semana:

Aí vim para cá, fui para casa do estudante, quer dizer, fiquei na rodoviária, fiquei desiludida da vida, fiquei uma semana dormindo na rodoviária, dormindo em cima das malas. Durante o dia guardava as malas no guarda-volumes, com vinte reais que eu ia para aula, comprava os passes, o que eu comi foi... no primeiro dia tomei um litro de leite, que me deu uma disenteria e eu tava com corrimento porque eu havia transado lá onde eu morava sem camisinha. Tava daquele jeito, sem dinheiro... Pelo amor de Deus! Só não voltei porque lá tava foda também. E aí tinha um menino que era da cidade de onde eu vim, que ele me viu e aí ele pagou passagens, pagou comida. [...]. Então eu não lembro direito, mas acho que várias pessoas tentaram me ajudar, dando comida, sei lá, porque com vinte reais... Ah! Eu lembro que eu pedi dinheiro para comer salgado e ia dormir na rodoviária. Daí um policial me viu na manhã da sexta-feira e me instruiu a procurar a assistente social da prefeitura, ali na Maternidade, perto da rodoviária. Eu fui lá, elas não acreditaram que eu havia passado na faculdade e estava dormindo na rua. Elas me encaminharam para uma Casa Abrigo em que viviam mulheres e crianças em situação de risco, ou que fugiram da violência do marido. Aí eu fiquei na Casa Abrigo por quase três meses.

Maria disse ter feito tentativas de buscar políticas estudantis para que pudesse permanecer no curso de forma mais sustentável, mas naquele ano não houve seleção para moradia estudantil devido a uma transição deste órgão. Até aquele ano, ele era administrado pelo DCE e havia recentemente passado para a administração da universidade. Sobre isso Maria disse: "Eu não tinha onde morar e

ela [sem identificação] não podia me indicar a Casa do Estudante porque estava caindo aos pedaços. E eu deixei meu nome cadastrado lá. Na prática para mim foi nula a assistência."

Devido à ausência de políticas públicas para a assistência estudantil, Maria permaneceu ainda mais um tempo na Casa Abrigo do município de Londrina. Sobre o momento em que ficou abrigada nessa instituição, disse ter vivido em poucos meses sentimentos muito distintos por estar naquela condição. Em suas palavras, pensou e sentiu o seguinte:

[...] ainda bem que eu tava na Casa Abrigo, mas lá era outro esquema, né, meu?! Não podia sair, tinha que ficar lá o dia inteiro. Só saía no final da tarde para ir para a universidade. Só que... nos primeiros dias eu pensei, nossa meu, que legal, consegui um lugar, vou poder estudar, quando melhorar, eu arrumo um emprego, tal. Só que não podia sair, a tia lá, que cuidava da casa, que ainda não era institucionalizada, porque hoje é a mantida pela prefeitura... Naquela época ela falava: 'limpa minha casa, porque como você tá numa situação diferente das outras meninas, às vezes você fica saindo e elas podem achar ruim, então assim você fica o dia todo na minha casa, elas não te veem e não sentem falta quando você for para a UEL a noite'. Meu, eu limpava a casa dela todinha, lavava toda a roupa e levava a filha dela na escola. Achei ela uma cachorra!!! Mas eu fazia, por ora. Isso foi me dando desgosto de eu morar lá [...].

[...] tava tão pesado ficar na Casa Abrigo que teve vezes que ao invés de eu ir para a universidade, eu fui para o centro da cidade, com os hippies tomar rabo de galo. Meu, só os rabo de galo... Imagina dois copos de rabo de galo se você não janta, o que não virana cabeça de um ser. Eu fazia isto ao invés de ir para a universidade porque eu podia sair no final da tarde para ir estudar. Meu, eu lembro que nesta época eu consegui um auxílio sim no serviço da UEL que atende aos estudantes, eu ficava na Secretaria umas horas por dia ou por semana, não me lembro e eu recebia os passes para ir para a faculdade todos os dias. [...] E sábado às vezes eu falava que eu ia ligar para minha mãe, eu pegava um realzinho que eu tinha economizado ou trocado dos passes e eu tomava uma latinha de cerveja.

Foi diante de seu incômodo em permanecer na Casa Abrigo de Londrina (ainda não institucionalizada) que a Casa do Estudante da Universidade Estadual de Londrina apareceu como um recurso extraoficial:

[...] um menino na minha sala estava na mesma situação que eu de procurar um lugar e já tinha encontrado a Casa dos Estudantes, que tava lastimável, mas que para a gente ainda era melhor do que a

Casa Abrigo, melhor do que a rua e melhor do que voltar para casa dos pais. Eu fui para lá.

Já morando informalmente na Casa dos Estudantes, Maria teve contato com diversas substâncias psicoativas. A partir de então construiu uma longa história com a Casa dos Estudantes, com a formação acadêmica, com o uso de substâncias psicoativas e com um rapaz que conheceu e começou a namorar logo que se mudou para a Casa dos Estudantes, com o qual continuou o relacionamento até a época da entrevista.

O seu namorado também usava diversas substâncias. Quando o conheceu, entendia que ele tinha uso abusivo de álcool acima de qualquer outra substância. Depois de dois anos, o uso do álcool pareceu ter diminuído e foi quando descobriu o que o namorado estava usando de forma abusiva o crack.

Maria relatou ter vivido muitas situações de vulnerabilidade devido à sua situação financeira entrelaçada ao uso de substâncias psicoativas, principalmente o uso de álcool e cocaína - "*cheirada*" - e práticas sexuais de risco. Experimentou o crack, tendo algumas experiências com esta substância, mas disse evitar seu uso, pois considera seus efeitos intensos e, por isso, muito perigoso.

Ela identificou uma considerável melhora em suas condições de vida a partir do segundo ano quando conseguiu um trabalho, independente de que nesta época continuava com uso de tabaco, álcool e cocaína. Para a estudante, o trabalho (estágio) que conseguiu a partir do segundo ano em Londrina, possibilitou organizar sua vida, deixando de passar fome e situações precárias, como não ter como se alimentar e nem se deslocar para a faculdade, por exemplo.

Maria construiu seu percurso de graduação de forma que essas redes da vida se mantiveram imbricadas o tempo todo. No momento da entrevista, Maria estava morando em sua casa própria - financiada pelo Programa Habitacional Municipal -, estava cursando os últimos períodos das formações em licenciatura e bacharelado, havia iniciado uma especialização, mas não sabia se conseguiria terminá-la porque se mudaria, pois havia passado em um concurso público para docência de ensino médio em outro estado. Sobre as interfaces entre uso das substâncias psicoativas utilizadas por ela e a graduação, disse que interferiu no sentido de que se não tivesse vivido tudo isso poderia ter terminado seus estudos

antes (teve reprovações e abandono de período letivo), mas que tudo o que viveu também fez com que ela seja quem se tornou e completou:

[...] eu não posso dizer que se eu voltasse atrás eu não usaria, porque eu experimentei muita coisa legal. Precisava experimentar. Tive a sorte de não ter passado, não ter encontrado mais dificuldades, por hora. Legal pelas sensações, pela revisão de valores, de padrões sociais. Nem tudo que é colocado como padrão, como por exemplo, não use. Como eu acabei de falar, eu conheço pessoas, eu ouvi falar de pessoas que usa, esporadicamente e que não pira o cabeça. Ou mesmo a maconha, que vamos dizer que é mais branda, meu, isso daí então nem se fala, conheço muitas pessoas que usam isso para estudar, que fica calmo, que fica de boa, a não ser nesse estudo aí da relação da maconha com o despertar de outras doenças, neurológicas e tal, do mais problema nenhum. Agora a cocaína e o crack eu já não posso dizer com tanta amplitude. O crack eu não falo, jamais, não indico. Mas maconha beleza eu acho. E isso eu acho que na universidade é muito difundido. As pessoas fumam, fumam de boa, toda república que você vai tem um ou outro que fuma maconha.

3.1.3 Ana: "Isso faz parte da sociabilidade inclusive, e rola até um companheirismo"

Ana é uma jovem mulher, negra, de 22 anos, que se autodenominou de classe média baixa, cursava os últimos anos de ciências sociais. Sobre a sua residência de origem, disse que se trata de uma casa de militantes de um partido político. Atribui à sua mãe o fato de ter se interessado pelo seu curso. Durante a sua adolescência participou de movimentos sociais, sendo que o primeiro contato mais direto foi em uma viagem à Brasília com a juventude do partido (de esquerda) que a mãe participava. Ana conta sobre o efeito da viagem em sua escolha do curso de graduação:

[...] eu vi que boa parte da minha revolta, que era uma revolta de adolescente... assim... em relação a... [...]Eu tava com 15 anos nessa época... e eu vi que existiam pessoas que estavam, de alguma forma, preocupadas com algumas angústias que eu tinha e que eu não sabia explicar da onde elas vinham... porque, afinal de contas essa questão... é... o fato de eu ser questionadora, de não conseguir... assim... não conseguia aceitar uma percepção da vida de uma maneira..., por outros sistemas explicativos, seja ele religioso... sei lá... não me satisfazia de alguma forma. E aí eu comecei a me interessar por essa questão das Ciências Sociais, (que) surgiu na minha vida através da militância... Mas a partir do momento em que a militância começou também a não responder as questões... aí eu procurei o curso.

Teve as primeiras experiências com algumas substâncias na adolescência, fumando maconha ocasionalmente, primeiro com a turma da escola, aos 13 anos, depois em festas, viagens com o grupo do movimento social da juventude. Aos 16 anos interrompeu totalmente o uso, pois engravidou.

Sua filha é criada pela sua mãe - avó da criança -, para que ela possa estudar. A mãe a sustentou nos primeiros anos de faculdade, mas agora Ana se sustenta sozinha com bolsa do CNPq e bicos de garçonne em bares.

Ana explica que, por conta da interrupção do uso por causa da maternidade (gravidez e depois ter uma bebê para cuidar), retomou o uso de maconha quando entrou na universidade: *"aí no primeiro ano de faculdade esse uso começou... paulatinamente, se tornou constante... é... consumo de outras drogas ou outras substâncias psicoativas..."*.

As substâncias psicoativas que experimentou na universidade foram: LSD (doce), cocaína [pó, farinha, padê (apelido que significa para dentro)].

Ana teve contato e uso com estas substâncias que, na sua concepção, não são de tão fácil acesso, entre o segundo e o terceiro ano. Relaciona este fato por nesta época já ter mais amigos e já fazer parte de grupos, além do contexto específico, que chamou de *"condicionante"*, pois foi morar em uma casa em que dividiu o espaço com mais pessoas e diminuiu gastos com moradia, sendo estas duas variáveis (morar com mais pessoas que usavam substâncias psicoativas e gastar menos com moradia) facilitadoras de seu uso de outras substâncias. Explica que, onde morava antes (em condomínios próximos a UEL), suas amizades faziam uso apenas de álcool e maconha. Ela considera que isso esteja relacionado principalmente ao custo de vida nestes condomínios, mais caros do que moradias no centro da cidade, por exemplo, o que restringe o acesso de pessoas que não possuem alto poder aquisitivo a estas substâncias, diminuindo as oportunidades, como foi o seu caso.

Sobre a maconha, conta que a mudança de hábito foi um processo:

[...] aqui você tem oportunidade e acesso, livre acesso... não tem família... apesar, assim... a relação da minha família com o uso da maconha é muito tranquilo... a minha mãe usa também e ela sabe que eu uso, então... sempre foi muito tranquilo, assim... a gente nunca teve problemas em casa. [...] (O contexto) é de

responsabilidade mesmo com a minha filha, né... e aí não dava mesmo... mas quando eu vinha pra cá...

A diferença entre o seu uso de tabaco e seu uso de maconha reside apenas no fato de que não pode fumar maconha na rua ou em lugares públicos. Mas para a estudante, ambos os usos fazem parte de seu cotidiano. Sobre essa relação com a maconha disse que a usa em muitos contextos, como:

inclusive para estudar... sabe é... pra mim ela não provoca... não tem efeitos, assim, absurdos e degenerativos, que eu fico burra, retardada... pelo contrário, eu acho até que eu entendo melhor as coisas que eu tenho que fazer quando eu fumo um antes de estudar (risos)... me faz bem até...

Segundo Ana, ela falou destas coisas porque a mídia sempre coloca no discurso uma imagem depreciativa de que, quando o indivíduo consome a maconha, paulatinamente ele se torna burro; porque existe um discurso biomédico que ratifica essa ideia de degeneração dos neurônios. E complementa:

[...] pode ser que esse discurso biomédico... ele tenha a sua validade, mas... pro meu estilo de vida e pro estilo de vida de alguns companheiros, de algumas pessoas que tão no meu cotidiano... é uma relação muito tranquila, então, faz parte da sociabilidade, inclusive da universidade, né... as pessoas que consomem maconha, elas costumam andar juntas e isso faz parte da sociabilidade, inclusive, e rola até uma, um companheirismo.

Como sociabilidade, ela define a existência de um espaço que possa haver o uso da maconha durante as rodas de conversa, por exemplo, na universidade existem locais que os(as) estudantes costumam se reunir para fumar um "beque". E como companheirismo, referiu-se ao fato de que em algumas situações ou ocasiões há o compartilhamento do cigarro com alguém desconhecido, ocorrendo o que nomeou de reciprocidade. Em relação ao estilo de vida, o resumiu como gostar de algumas coisas parecidas como música, política, conversar sobre questões da vida e da sociedade.

Em relação às outras substâncias, prefere utilizar em festas ou momentos específicos, porque são substâncias mais fortes, que causam mais danos: *"no dia seguinte você fica quebrado (risos), bate aquela depressão... você fica mal."*

Sobre o "doce" (LSD), relatou que pelo fato de seu efeito ser prolongado, alguns efeitos podem retornar no dia seguinte ao fumar um "beque". Por isso, para a estudante, *"não é qualquer dia que você pode usar então, né... e nem qualquer quantidade, então a gente procura tomar em torno de ¼ ou ½, né... numa festa, numa situação específica... só pra diversão mesmo"*.

Sobre a cocaína, disse *"cheirar esporadicamente"*. Relacionou o fato de ser esporádico a alguns motivos: o custo, o fato de o grupo ser mais privado e o uso de não ser viável em qualquer espaço por causa de possíveis preconceitos e discriminações. Cheira cocaína em média uma vez por mês e consome LSD umas duas vezes aproximadamente, pois, segundo a estudante, *"o doce é mais gostoso (riso)"*.

Teve uma experiência com crack, mas não gostou. Interpretou isso por causa do efeito causado e por se tratar de uma substância, na sua opinião, socialmente condenável. Além de ter acompanhado uma situação muito ruim, de total descontrole, de um amigo próximo que está preso e sendo julgado por ter realizado um assalto e assassinado de uma pessoa.

Também usou algumas vezes cogumelo e uma única vez argyreia nervosa, mas não gostou da sensação, pois fez mal para seu estômago. Relaciona parte de seu mal-estar por não saber a quantidade a ser tomada. Relata que usaram mais que o dobro de sementes indicadas. Disse que não pretendia usar mais, pelo menos por enquanto.

Faz uso constante de tabaco e álcool, mas não falou sobre estes usos. Quando a questioneei se usava álcool, Ana respondeu em tom de brincadeira: *"Consumo álcool também, mas álcool não é droga (risos)"*.

Considera que o tempo da graduação interfere no seu consumo da seguinte forma:

O tempo da graduação, assim, ao mesmo tempo que você tem mais liberdade, muito mais acesso, na direção contrária, tem muito mais responsabilidades. Então, provavelmente, com as responsabilidades do final do curso, esse consumo provavelmente irá diminuir, pelo menos o do doce e o do pó, né? A maconha, ela... ela pode ajudar inclusive nesse processo, então eu não acredito que ela vá diminuir... Mas provavelmente as outras substâncias devam diminuir por conta da responsabilidade também de tempo de curso. Na contramão da liberdade, da possibilidade do consumo, possibilidades por questões objetivas e também subjetivas... Na contramão tem a questão do

término da graduação, que é sempre conturbado, sempre complexo, cercado por crises, crises de final de graduação (que) todo mundo passa...

Disse "curtir" usar maconha, cocaína e LSD e que busca "*manter uma relação de autonomia com estas substâncias*". Para isso, tenta manter o uso controlado, ou ao menos com o controle de quando deve ou não usar, e em que situações pode ou não usar. A estudante fez uma diferenciação entre autonomia e dependência, pois considera que:

[...] enquanto você manter a sua autonomia pra fazer as coisas que você tem que fazer... Eu mantenho a minha bolsa, eu mantenho as minhas responsabilidades com a graduação, com a minha filha independente daquilo que eu faça... Agora, a partir do momento que essas substâncias começarem a interceder na minha vida e nas minhas escolhas de tal forma que eu comece a negligenciar as minhas responsabilidades, aí ela já não me serve mais, já fica complicado.

Segundo Ana, isso não significa que ela não seja dependente dos usos que faz das substâncias psicoativas. Quando a questionei de quais substâncias ela considera-se dependente, a estudante respondeu:

Provavelmente de todas (risos), com certeza... Em maior ou menor grau. Dependência não no sentido de que eu vou morrer se eu não usá-las, mas no sentido de que, de alguma forma, elas são importantes num determinado momento... A maconha, ela é importante no momento com os amigos, no momento de uma cervejinha gelada, no momento de estudar... O doce pra ir numa festa... Se eu for numa festa e só beber cerveja e só fumar maconha, não vou conseguir curtir a festa porque você fica... Arrrrrgggghhh... Você fica passando mal porque (com) cerveja e maconha, você fica derrubada, não curte a festa... Se você toma um doce, que tem uma dose de anfetamina e aí você consegue curtir a festa... É uma dependência? É uma dependência, mas que não interfere na minha autonomia de conseguir exercer as minhas responsabilidades. E o crack, ela interfere porque, realmente ela gera uma dependência, assim... Quimicamente falando..., eu não sei nem explicar..., mas eu vi isso acontecendo com outra pessoa..., então, eu não gostaria que isso acontecesse comigo.

Ana disse que entende que manter o uso controlado não é simples, então colocou algumas regras, sendo a principal a questão do limite de quando usar e do quanto gastar, procurando não gastar mais do que pode, de forma que isso não

a prejudique com o orçamento mensal. Disse fazer isso porque não quer deixar de usar, considerando que é importante para ela poder curtir o uso.

Reconhece que teve um tempo que o uso foi mais intensivo, chegando a prejudicar as atividades acadêmicas. Entende que no início do uso e das experimentações é mais difícil se posicionar de forma mais tranquila, sem ter um uso muito intenso. Mas houve um momento do curso que sentiu que precisava optar entre determinadas atitudes: *"[...] então foi o ano que eu, assim, resolvi utilizar com mais prudência..., mas acho que isso é um processo, não foi de uma hora para outra. Foi preciso algum tempo até eu saber administrar... Agora eu considero que é uma relação tranquila... agora."*

Ainda contou que o seu gosto pelo uso de substâncias psicoativas está relacionado a uma estratégia de sobrevivência, de enfrentamento da realidade da vida, principalmente pela inquietação social que seu curso de graduação gera.

3.1.4 Gabriel: *"Eu tinha uma pira de questionar a existência da realidade"*

Gabriel é um jovem de 23 anos, oriundo de classe média. A escolha pelo curso de ciências sociais foi sua segunda opção. A primeira foi jornalismo, mas já havia feito vestibular para ingressar neste curso algumas vezes, sem êxito. Ao procurar outras alternativas, encontrou o curso de ciências sociais e o incluiu em seus concursos.

Seus pais moram no interior de outro estado e o apoiam na questão acadêmica, sustentando-o enquanto faz a graduação. Tem um irmão que iniciou graduação antes dele. Gabriel nunca havia morado longe dos pais e, ao mudar para Londrina, se sentiu só. Considera que o fato de namorar na época com uma garota que morava em outra cidade colaborou para seu sentimento de solidão, pois quase não saía em Londrina.

Antes de entrar na graduação, não havia usado nenhuma substância ilícita e não fumava tabaco. Sua experiência na adolescência havia sido o álcool, com o qual considera ter tido abusos *"normais de adolescentes"*, como chegar algumas vezes embriagado em casa.

Depois, durante a entrevista, disse ter experimentado acidentalmente a maconha ainda no colegial, pois dava uns tragos em cigarro de tabaco e viu uma rodinha, pensou que fosse um cigarro de palha (tabaco) e pediu um trago. Quando isso aconteceu, já havia bebido e disse ter ficado "*meio transtornado*" porque não sabia o que estava acontecendo. Diante desta experiência, por um tempo, não sentiu vontade de fumar maconha e por isso disse não considerar esta experiência.

Ao mudar para Londrina passou a consumir álcool cotidianamente, pois ao sentir-se sozinho, viu no álcool uma forma de lidar com isso. Manteve esse padrão de uso durante um ano e percebeu que estava consumindo em média uma garrafa de vodca por mês, o que o assustou. Nesta época em que começou a "*ver*" que tinha algum problema com a bebida, mudou para outra "*república*" em que tinha mais companhias e isso fez com que diminuísse o consumo sozinho em casa, passando a usar mais em festas.

Após esta mudança, teve duas situações sociais também difíceis, em que estava embriagado e que considera ter se colocado em risco na rua. Depois da segunda situação – envolveu-se em uma briga e foi preso, ficando aproximadamente 24 horas na cadeia -, decidiu não ficar mais tão embriagado, pois durante o período em que ficou preso, sentiu muito medo do que lhe poderia acontecer. Entende que já bebia bastante antes de entrar na universidade; com o fato de morar sozinho, sem o controle dos pais, passou a beber mais.

Estava no segundo ano quando foi preso e, a partir desta situação, sentiu necessidade de diminuir a bebida. Foi nessa mesma época que também teve o que considerou sua primeira experiência com maconha. Em ambas as situações, tanto com o uso do álcool, quanto com o uso da maconha, sua relação manteve-se ambígua, pois ao mesmo tempo que "*curte*", angustia-se com efeitos proporcionados por esta alteração da percepção, como por exemplo, no caso da maconha, o de perder a "*[...] lógica da temporalidade e da existência*".

Considera que após estas experiências "*ruins*" com estas substâncias, foi sua vivência na universidade que possibilitou mudar seus conceitos sobre o uso de substâncias psicoativas, uma vez que via que "*tinha uma galera que fumava maconha e eles conseguiam se relacionar com as outras pessoas de uma forma bacana [...]*". Foram observações como esta que levaram o estudante a se interessar por pesquisas "*das 'drogas'*".

Só voltou a usar maconha depois de um tempo, relacionando seu retorno ao consumo a dois fatores mais específicos: início do namoro com uma "menina" (estuda com ele) que fazia uso constante de maconha e tabaco e a desnaturalização de conceitos e de valores morais sobre a temática por meio de seus estudos.

Com sua namorada, aprendeu a "tragar corretamente" e, dessa maneira, começou a perceber os efeitos mais explícitos da maconha, passando a comprar o produto e não apenas usar circunstancialmente quando alguém lhe oferecia.

Gabriel disse que passou a fumar todo dia antes de dormir, mas com esse hábito surgiu um problema, que foi o de não conseguir dormir. Considera que, mesmo com este dano, o consumo foi produtivo porque assistiu muitos filmes, aprendeu a escutar música "chapado". Mas resolveu "dar um tempo" com a maconha porque o uso estava atrapalhando as suas atividades na universidade. Depois de um tempo (não soube precisar quanto) foi retornando o uso aos poucos. Então experimentou LSD em um evento estudantil fora da cidade. Nesta época a regularidade do uso de maconha era três vezes por semana e LSD, uma vez por mês.

Também na mesma época tomou chá de cogumelo duas vezes, sendo que a primeira experiência foi "bacana" e a segunda vez desprazerosa. Em suas palavras, Gabriel contou a experiência:

[...] eu não consegui curtir a brisa do cogumelo e como era no apartamento, eu me senti muito preso, muito sufocado naquele apartamento e daí eu desci e foi uma coisa horrível assim, eu perdi a noção de tempo, perdi a noção de indivíduo, eu não sabia se eu tava pensando ou se eu tava falando. Eu não sabia o porquê eu tava louco, porque eu perdi a causalidade: eu tomei o chá de cogumelo e por isso eu tô tendo estas viagens. Eu não conseguia definir, eu achava que eu ia morrer... Eu acho que eu tava com uma síndrome do pânico.

A partir de então, relatou ter começado a sentir crises de ansiedade e sintomas de pânico apenas ao fumar maconha. Devido ao mal-estar que sentiu, tomou a decisão de parar de usar todas as substâncias por um tempo. Dentre elas, o álcool foi a que sentiu maior dificuldade em se abster.

Quando retornou com o uso da maconha, as crises de ansiedade e pânico voltaram a acontecer, o que levou o estudante a interromper novamente o uso de maconha, retomando mais uma vez o seu uso, pouco tempo antes da entrevista, desta vez com algumas mudanças na forma de usar: diminuiu a quantidade e mudou o horário de uso, deixando de fumar a noite sozinho em casa e selecionando momentos mais prazerosos para ele, como por exemplo, para escutar música e cozinhar. Também exercitou outras técnicas, como ioga e meditação, para superar a ansiedade no momento do uso, já que disse insistir nesta prática de usar maconha porque gosta de seus efeitos, gosta de se deslocar até "*certo ponto*" da realidade, só não gostava quando perdia totalmente a noção de realidade ou quando tinha "*bads*", em que surgiam pensamentos "*persecutórios*", de que a polícia o pegaria, por exemplo.

Citou que o consumo de tabaco deu-se em um dos momentos que estava abstinente da maconha, pois sentia vontade de fumar algo, passando a ter uso diário e durante ou entre suas atividades cotidianas.

Na época da entrevista, disse que aprendeu a se relacionar com a maconha, com o LSD e com o álcool e que o uso que lhe incomodava era o tabaco. Disse já ter sentido vontade de parar de fumar tabaco, mas não conseguiu. Numa primeira conversa que tivemos, disse estar com vontade de interromper o uso de tabaco. Em outro momento, alguns meses depois da primeira conversa, disse que "*já não estava mais na pira de parar de fumar*".

Seus pais não sabem dos seus usos de substâncias psicoativas em geral. Em relação ao álcool, sabem do uso, mas o estudante apenas relatou tensões sobre o álcool na adolescência. Gabriel acha que sua mãe sabe que ele usa maconha, mas nunca falaram sobre o assunto. Para Gabriel, o maior incômodo de eles não saberem disso esteve mais ligado ao consumo de tabaco, pois é o uso que sente vontade de fazer quando está em férias na casa dos pais. Para usar, acabou criando a estratégia de esperar os pais dormirem para se dirigir até o quintal e então fumar escondido. Define esta situação da seguinte maneira: "*Não é bacana assim, [...] eu me sinto muito criminalizado [...]. Não curto o relaxamento que dá porque eu fico preocupado se meus pais vão ver, se vai ter cheiro na roupa. Então não é bacana agora que eu fumo a mais tempo*".

Gosta de estudar sobre o tema das substâncias psicoativas. Em relação ao curso, não percebe efeitos danosos do seu consumo, mas fez outra relação ao comparar as duas trajetórias: o curso de ciências sociais, que "*provoca*" questões existenciais, já fez com que ele sentisse vontade de usar substâncias psicoativas como forma de expandir seus conceitos e quebrar paradigmas.

3.1.5 Pedro: "[...] já tinha fugido de qualquer controle"

Pedro é um jovem de 20 anos, branco, classe média alta, que na data da entrevista estava cursando os primeiros anos de Psicologia. Antes de iniciar a graduação já morava sozinho. Sua família mora no estado do Paraná.

Dos 10 aos 15 anos teve um uso que chamou de "*expressivo do álcool*". Dos 14 aos 15 anos bebeu muito, sendo a época em que tomou os maiores "porres". Após esta fase, ficou abstinente de qualquer substância psicoativa durante um período, por um motivo específico que optou por não falar na entrevista. Aindano ensino médio, voltou a consumir, tornou-se fumante (tabaco) e em uma semana experimentou maconha, solvente (benzina) e cocaína (inalada intranasal).

Pedro considera que seu uso das substâncias ilícitas foi bastante moderado até o terceiro ano do ensino médio, usando em média 1 a 2 gramas de cocaína por mês ou a cada dois meses (dependendo da ocorrência ou não de festas) e 5 gramas de maconha por semana. Disse que seu uso aumentou quando seu pais descobriram que consumia maconha: "*foi quando eu caí (foi descoberto) em casa a primeira vez*". Considera este fator como desencadeante porque a partir daí houve muitos conflitos, o que culminou inclusive na sua mudança da casa dos pais. A partir de então, Pedro relata ter tido um uso muito intenso de drogas, principalmente de cocaína. Reporta-se a este período como de grande instabilidade, em que não morava mais com os pais e mudou de casas várias vezes. Nessa época, segundo Pedro, praticamente parou de consumir maconha e passou a "*cheirar*" cocaína em grande quantidade, chegando a consumir 10 gramas por semana. Não conseguiu dizer o período específico de tempo, mas pelas datas e anos relatados, este uso mais intenso durou cerca de dois anos. Antes destes acontecimentos desencadeados pela descoberta dos pais do seu uso de maconha, Pedro disse que usava maconha algumas vezes na semana e cocaína por volta de

uma vez por mês e que se sentia satisfeito com aquele uso, por isso relaciona sua mudança com algo desencadeado a partir da reação dos pais.

Nos primeiros oito meses deste uso (aproximadamente), teve duas experiências de injetar cocaína. Considera que as duas situações não foram bem sucedidas no sentido de alcançar o prazer possível devido à forma de aplicação, mas que na segunda já foi possível distinguir tipos de prazer: *"é como se eu tivesse cheirado muita cocaína de uma vez só [...]".* Só que passou a fazer um consumo maior de cocaína injetável apenas depois de um ano, quando teve acesso à cocaína de maior pureza. Segundo Pedro, nessa época conseguiu ter uma experiência *"orgasmática", "um processo quase mítico" com a "droga".*

Sobre o contexto vivido nesta época, destaca que entrou em contato com algumas situações bastante oportunas para o consumo de cocaína. Passou a ter vários amigos³⁴ que comercializavam cocaína, o que possibilitou acesso a *"drogas"* de melhor qualidade a preços reduzidos. Além de aprender com eles, com sua própria prática e com informações científicas, mais especificamente sobre as propriedades químicas das substâncias, como a pureza da cocaína. A esse conhecimento, o estudante nomeou como *"conhecimento acadêmico"*.

Disse ter se inserido neste meio por causa de sua forte *"ligação com o pessoal que faz música, a parte underground da cidade, assim, pessoas bem subjetivas na sociedade, onde o consumo de 'drogas' é algo bem comum"*. Considera sua condição acadêmica (do conhecimento científico que buscava) uma forma de se destacar, o que lhe gerou *"status"* neste meio.

Relatou de forma menos detalhada o uso de outras substâncias, como: LSD, haxixe, argyreia nervosa, cogumelos, solventes (pelo menos 4 tipos), morfina, anfetaminas, MDMA, lança perfume, *salvia divinorum*.

Pedro em diversos momentos da entrevista demonstrou ter forte relação com a educação formal, sendo a universidade e a graduação uma meta presente em toda sua trajetória durante o ensino médio. Após contar sua trajetória geral de uso de substâncias, perguntei a ele sobre o tempo na universidade. O estudante iniciou o assunto dizendo da importância desse aspecto em sua vida:

[...] a universidade claro, ela é parte gritante da minha existência, domina aí grande parte do meu tempo, não teria como não ser

³⁴ Na sequência da entrevista disse que, destas relações, às vezes, surge alguma realmente afetiva.

afetado ou não afetar as minhas relações com drogas, ou seja, tanto as relações com drogas afetam a relação com a universidade, quanto a relação com a universidade afeta a relação com drogas... É uma via de mão dupla.

Sobre a escolha do curso, disse que a princípio pensava em fazer jornalismo, mas depois percebeu que não era bem o que queria e escolheu psicologia.

Na época em que estava concorrendo ao concurso de vestibular para o curso de psicologia, após ter realizado a prova, ficou um mês em abstinência, pois nesse momento surgiram as primeiras preocupações: *"eu sempre me considerei uma pessoa de muito autocontrole e tudo e aí eu tinha percebido que, realmente, já tinha fugido (riso) de qualquer controle."* Após um mês de abstinência voltou a usar em menor quantidade, mas depois de um tempo havia aumentado o consumo novamente, retornando ao padrão anterior. Foi quando decidiu parar novamente com o uso de cocaína. Para isso, afastou-se de determinadas pessoas, de alguns *"meios"* e substituiu o uso de cocaína pelo uso de maconha, como forma de suportar a abstinência da primeira.

Segundo Pedro, iniciar o curso de graduação foi um grande estímulo para interromper o consumo de cocaína, pois este consumo, por estar excessivo, limitava a sua capacidade de estar presente em compromissos. Relata que, para ele, *"o consumo de cocaína afeta muito mais a relação com a universidade e não o contrário"*, sendo que em poucas situações percebe o universo da graduação como estimulando o uso de cocaína. Uma das situações que já percebeu esta relação (com ele e com outras pessoas) foi a de usar cocaína como estimulante para conseguir realizar trabalhos atrasados e provas.

Sua narrativa demonstrou uma intensidade não apenas na quantidade, mas na força da relação estabelecida por ele com esta prática. As sensações de prazer e de dependência atravessaram toda a narrativa de forma imbricada. Relatou detalhadamente técnicas, peso, diversas maneiras de usar, atividades e relacionamentos com o grupo de usuários e com os traficantes, os quais algumas vezes, tornaram-se pessoas próximas, com laços de amizade.

3.1.6 Carolina: *"Mesclado com crack, eu fumei, preferia fumar um baseado normal, mas aí vai fumando"*

Mulher, jovem estudante dos últimos anos de Psicologia, branca. Não perguntei sua idade, mas, pelos dados de datas e entrada no curso, calculo quetinha, na data da entrevista, aproximadamente 26 anos. Não perguntei sobre a classe social; sobre esse aspecto apenas houve alguns dados, como o relato de que a residência onde morava com a família, antes de vir para Londrina para estudar, era na periferia; outro dado é que não tem que trabalhar para se sustentar em Londrina, recebendo dinheiro de sua família. A estudante administra o dinheiro recebido para incluir no seu orçamento o gasto com o uso das substâncias psicoativas, pois a quantia que recebe é específica para os gastos com moradia (república), alimentação, transporte e material escolar.

Teve experiências de uso de substâncias psicoativas anteriores à vinda para Londrina. Entende que seu uso aumentou depois da entrada na faculdade, relacionando isso à oportunidade, principalmente a de ter liberdade para fazer coisas que curte, sem ter que dar satisfação para a família. Quando vai para a cidade onde mora sua família, usa substâncias com o namorado dentro do quarto dele, que é o lugar de maior privacidade lá.

Começou a usar bebidas alcólicas com 12 anos, mas apenas após alguns anos esse consumo tornou-se mais comum. O tabaco foi por volta dos 17 anos, quando pegou um cigarro do seu pai. A princípio não gostou de ter fumado, mas continuou usando. A maconha usou pela primeira vez com 19 anos junto com o namorado, pois os dois queriam experimentar. Depois de um tempo usou cocaína (inalada via intranasal). Outras substâncias que experimentou já na graduação foram: LSD, chá de cogumelo, crack em forma de mesclado (misturado com maconha).

Carolina disse considerar-se uma pessoa aberta a essas experiências, por isso aproveitou as que se apresentaram. Avalia que teve época em que usou mais, coincidindo com fases em que o grupo de amigos todo consumia de forma intensiva e outra época em que também o grupo de forma geral diminuiu, inclusive por perceber que estava bastante intenso o consumo.

Carolina relatou que usa cocaína de forma esporádica e que às vezes sente vontade de usar. Esta substância lhe gera sensações prazerosas,

como a euforia. Então mesmo que a cocaína traga uma porção de angústia, segundo ela, sente desejo de usá-la em algumas situações.

Já o uso de LSD e cogumelo é mais raro porque não usa muito quando sai, pois não gosta de *"ficar louca assim, perto dos outros"*. Sobre os momentos em que gosta de usar estas substâncias, disse:

[...] às vezes em casa, bebendo cerveja, ouvindo música... pra mim também é bem gostoso assim... E o cogumelo também foi uma... porque ele também só dá em certas épocas do ano, né (riso)...então você depende da época... mas... e é muito intenso, então não é uma coisa que dá pra ficar usando toda hora [...].

Atualmente, Carolina disse usar, de forma mais cotidiana, o tabaco (diário), a maconha (quase todo dia, mas mais nos finais de semana) e o álcool (não especificou a frequência).

Em relação ao curso de graduação escolhido, relatou que sempre gostou e que relaciona isso com uma busca sua por entender melhor as relações humanas. Não prestou vestibular logo após terminar o cursinho, então considera que escolheu realmente o que queria fazer. Ainda sobre o curso de psicologia, disse ter se decepcionado com as pessoas que fazem o curso, pois vê nelas um utilitarismo que não gosta, para ela entre as pessoas que fazem psicologia parece haver *"menos busca de conhecimento em muitos momentos e mais busca de algum status [...]"*, completando: *"[...] eu acho que em alguns momentos eu achei elas (sic) mais conservadoras do que as outras... de outros cursos, de outros lugares."* E resumiu que gosta do curso que faz, mas tem mais amigos de outros cursos do que do seu. Segundo ela, o que a aproxima de possíveis amigos(as) é o estilo de vida, coisas e gostos em comum, independente de que curso a pessoa faça. Sobre estilo de vida, disse ser preciso ter os mesmos gostos, a mesma concepção sobre as "drogas", dizendo que não é fundamental que a pessoa consuma alguma substância psicoativa para fazer parte do grupo, mas que tenha uma concepção que seja próxima a que o grupo tem e que essa pessoa aceite o uso pelos(as) amigos(as).

Reforçou a ideia de que a universidade não a estimulou a gostar de usar substâncias psicoativas, apenas neste momento de vida há mais oportunidades, o que não significa que estar em outros lugares faria com que não

usasse, pois ela mesma já havia citado que em sua cidade usa constantemente dentro do quarto do namorado. A diferença é que os espaços seriam mais restritos.

Informa que já passou por diferentes fases em relação ao uso e que hoje considera que está tranquila, usando em situações de interação social e quando deseja. Usa tabaco, maconha e álcool mais cotidianamente, com uso esporádico de cocaína.

3.1.7 Samira: *“Na época que a minha mãe não estava, as drogas estavam”*

Jovem com aproximadamente 26 anos, branca. Mora numa república com outras pessoas que, segundo ela, têm o mesmo estilo de vida que o seu: gostam das mesmas coisas, como música, lazer, forma de ver a vida, usam ou aceitam como cotidiano o uso de substâncias psicoativas. Não deixou claro a classe social em que se situa. Alguns dados ajudam a localizar a sua situação social e econômica durante a graduação. Relata que não trabalha porque seu curso é integral, o que aponta para um mínimo de condições financeiras para sua permanência na universidade. Mas também relatou que, quando teve um aumento de consumo de cocaína e outras substâncias, diminuiu o consumo de alimentos para conseguir comprá-las, o que significa que tem de fazer uma reorganização financeira para incluir gastos não previstos para a subsistência.

Começou a usar tabaco, maconha e álcool na adolescência e relaciona esses eventos à situação de conflito familiar (entre os pais, que se separaram). Para a estudante, seus momentos de uso mais abusivo estiveram ligados a sentimentos de angústia. Experimentou o cigarro (tabaco) e o álcool no mesmo dia, aos 12 anos. Foi em um Ano Novo, em que a mãe estava *“trancada no quarto”*, depois de uma briga com o pai (estavam em vias de separação), quando Samira resolveu procurar uma amiga na casa dela. Chegando na casa da amiga, soube que ela não estava, o que resultou no fato de Samira sair naquele dia com a irmã mais velha da amiga. Esta moça usava tabaco e álcool e os ofereceu para Samira. A estudante resumiu os fatos deste dia da seguinte maneira: *“[...] eu acho que isso aconteceu por um contexto na minha vida em particular, assim, da minha família, acho que separação, momentos que eu tava passando e, tipo, a oportunidade também junto a esse contexto”*. Considera que o uso foi muito mais

ocasional do que por uma curiosidade latente. O que disse ter sido diferente com a maconha. Samira contou: *"Agora, já a maconha eu sempre tive uma curiosidade [...], a maconha eu sempre, tipo, comprava brinco, colar... (risos - mostrou um brinco que estava usando de fibra de cânhamo), sempre tive assim, não sei, uma afinidade."*

Iniciou o uso de maconha com 15 anos porque sentia curiosidade, então procurou *"um menino da sua rua"* que sabia que fazia uso e pediu para ele conseguir a substância para ela. Usou por algum tempo, sempre sozinha porque sentia vergonha de fumar tanto o tabaco quanto a maconha. Usou cocaína e LSD uma única vez antes do ingresso na universidade, passando a ter mais contato com cocaína (sempre inalada via intranasal) e outras substâncias durante a graduação. Disse que também tem *"afinidade ou interesse"* pelo álcool. Já pelo tabaco, apesar de consumi-lo constantemente, não sente o mesmo, manifestando-se contrária a esse uso.

Sobre as outras substâncias já utilizadas pelo menos uma vez, citou as seguintes: chá de cogumelo, ayahuasca (perguntou se era considerada "droga", uma vez que o uso é em contexto religioso, mas não discorreu sobre esse uso), argyreia nervosa, crack em forma de mesclado (misturado com maconha).

É amiga de Carolina e, assim como ela, disse entender que a universidade propicia maior oportunidade, porque facilita o encontro entre pessoas que têm afinidades, que desejam ter experiências com as substâncias psicoativas e que estão em condições de fazer este uso com maior intensidade ou regularidade, pois estão longe do controle familiar direto (morar na mesma casa, por exemplo).

Relatou em vários momentos ambiguidades em relação ao seu próprio uso, dizendo fazer usos com que não concorda, como o de cocaína e de tabaco. Para ela, os dois geram mal-estar, incômodo, problemas estéticos (tabaco: pele feia, dentes amarelos; cocaína: emagrecimento) e de saúde (os mesmos dados relacionados à estética, somados a problemas pulmonares e de ansiedade). Por isso considera-os altamente viciantes, uma vez que, mesmo assim, continuou usando os dois frequentemente por um bom tempo. Sobre a cocaína, relatou que existem alguns efeitos positivos, como euforia e mudança do estado de consciência, que concorrem com os efeitos negativos.

As relações estabelecidas em sua fala sobre a interferência entre o uso de substâncias e o tempo da graduação na sua vida podem ser resumidas da

seguinte maneira: o tempo universitário propiciou maior oportunidade para a estudante fazer laços com pessoas, conhecimento e objetos que são de seu interesse e isso favoreceu suas experimentações, não apenas de uso das substâncias, como também de vivenciar relacionamentos novos e até "*estranhos*" ao que ela acreditava, pois sempre foi uma garota "*romântica*", deparando-se no tempo universitário com relacionamentos afetivos sexuais que lhe causaram angústia, como "*todo mundo ficar com todo mundo*". Essa gama de experiências, somadas aos processos subjetivos de Samira, provocou uma desestabilização emocional na estudante, que precisou se distanciar do curso durante um período para lidar com suas questões; a reflexão que Samira faz é que o uso mais intenso que teve de cocaína foi mais consequência deste processo do que provocador da situação; na fase que intensificou o uso percebeu danos emocionais, de saúde, além de desorganização em suas atividades acadêmicas. A percepção dos "*prejuízos*" que estavam ocorrendo pelo uso provocou uma diminuição no consumo, sem grandes dificuldades, uma vez que estava conseguindo lidar com seu estado emocional, que, na sua opinião, tornava-a mais vulnerável ao aumento do consumo e na forma comolidava com outras relações que lhe angustiavam, como as sexuais afetivas. Resume da seguinte forma a sua percepção sobre como se dão as relações na universidade: "*[...] as relações aqui na faculdade estão mais relacionadas às práticas que você tem, se for ver, assim... os amigos que a gente tem são os que usam as mesmas substâncias que a gente.*".

Atualmente o uso que lhe incomoda é do tabaco. Em relação ao álcool e à maconha, o uso permaneceu constante, mas estável, conseguindo controlar melhor os abusos de álcool em situações em que o uso intenso é mais propício. Sobre a frequência com que usa cocaína, durante todo o processo foi diminuindo, sendo que o consumo que chegou a ser diário, hoje é de três vezes ao mês, "*no máximo*", e em menores quantidades a cada uso.

3.1.8 Suzana: *"Na adolescência você tá muito à procura de alguma coisa, então, vai experimentando"*

Suzana é uma jovem de 25 anos, branca, classe média, estudante de Arquitetura e Urbanismo, estava nos últimos anos do curso no momento da entrevista.

Teve experiências que considerou pontuais com diversas substâncias ilícitas aos 13 anos, quando viajava em férias para a casa de seu pai no Rio de Janeiro e lá saía em companhia de uma prima de 21 anos, que era boêmia e fazia parte de um grupo de teatro. Para Suzana, esta experiência significou em sua vida um momento de inserção, em que queria fazer parte daquele grupo quando estava naquela cidade, mas também um marco em relação ao uso de substâncias psicoativas, não pelo seu uso diretamente, mas por uma situação que acabou presenciando com a sua prima. Sobre esta situação, relatou:

[...] a gente foi numa rave, eu , minha prima e mais um monte de gente... e eu não me lembro o que ela tomou [...] mas ela ficou sem falar durante duas semanas. Depois que a gente voltou da festa, [...] ela parou de falar... eu lembro que eu... conversava com ela e... ela não conseguia falar... e até hoje eu não sei se foi uma coisa que deu, que ela não conseguia falar ou se ela... deu um trauma em algum momento ela parou de falar durante duas semanas e aquilo foi... muito chocante pra mim, assim... de você tentar se comunicar com alguém e a pessoa...

Depois deste ocorrido, não tem mais lembranças de ir a estas festas e até hoje não sente vontade de usar substâncias que a deixam *"muito louca"*. Em relação ao uso durante a adolescência, citou LSD, cocaína, maconha e álcool.

Naquela época, Suzana, que já estava envolvida com natação desde bem pequena e namorava um garoto que também praticava esporte com objetivo profissional (atletismo), parou de ir nestas festas, de usar qualquer substância e mergulhou no esporte. Sobre o significado que o esporte teve na vida dela, disse: *"[...] quando você tá na adolescência, você tá muito a procura de alguma coisa, né, então vai experimentando... eu acho que eu fui para esse lado (do esporte)... foi vindo e aí chegou uma hora que foi o mais forte"*. Praticou esporte profissional até a sua decisão de fazer um curso de graduação, em que teve que escolher uma das duas alternativas, pois não seria possível conciliar as duas atividades.

Em relação ao consumo de substâncias, voltou a consumir álcool quando iniciou a graduação, pois já não praticava mais esporte e, portanto, não tinha mais tantas restrições. O consumo a princípio deu-se nas festas já no primeiro ano, na *"recepção aos calouros"*. Mas depois este uso passou a fazer parte de seu cotidiano, em momentos de relaxamento ou sociabilidade, quando saía com amigos para dançar, ouvir um show. O uso da maconha retornou um pouco depois, passando a ser cotidiano quando começou a namorar uma jovem, que estuda com ela e é usuária habitual. Atualmente o uso destas duas substâncias faz parte de seu cotidiano, sendo que o álcool é reservado principalmente para os momentos em que as tarefas foram encerradas, como finais de semana e férias.

Divide o apartamento com sua namorada e mais uma amiga. É sustentada pela família, pois seu curso é integral e, segundo ela, *"bastante puxado"*.

Em relação à forma de interferência do tempo universitário em sua vida, ela disse que sempre provoca mudanças e citou que quando entrou na faculdade havia apenas namorado homens e hoje ela tem um relacionamento estável (mais que namoro) com uma garota, então só isso é uma grande mudança. Mas em relação ao uso de maconha e de álcool, a interferência que percebe é pela característica de seu curso, de ser muito estressante, que na sua avaliação, acaba estimulando o seu consumo de álcool. Exemplifica dizendo que, devido à grande tensão e excesso de atividades do curso, ela utiliza o álcool para aliviar, relaxar, o que na sua concepção repõe as energias para suportar o ritmo do curso.

Suzana avalia que a presença maior ou menor de pessoas que usam substâncias psicoativas ilícitas na universidade é sazonal. No curso dela, observou que houve uma diminuição de pessoas que usam substâncias ilícitas, da mesma forma que houve também mudança em outros aspectos, como o estilo de vida destas pessoas, que não são atualmente tão boêmias e que quando saem para uma balada, vão especificamente assistir *shows* sertanejos, o que não é o estilo que ela gosta. Em sua opinião, a vida cultural de Londrina vem sofrendo com estas mudanças, pois há cada vez menos espaços para diferentes apresentações musicais, ficando os espaços de sociabilidades restritos ao universo sertanejo. Estas mudanças culturais da cidade fizeram com que atualmente ela quase não saia para programas noturnos, sendo que os momentos de relaxamentos são feitos em sua casa.

3.1.9 Alexandre: *"O uso da maconha e do Daime são como tapas na sua consciência, mudam sua forma de ver o mundo, de viver"*

Jovem, branco, de 26 anos, classe média baixa. Mora com seus pais, mas não informou sobre a opinião dos seus pais em relação ao seu uso de substâncias psicoativas.

Os conteúdos do diálogo com Alexandre estão mais concisos porque esta conversa ocorreu em um bar, por escolha do interlocutor, que queria tomar um suco enquanto conversávamos, sendo que tivemos interferência das presenças de uma jovem com quem se relacionava na época e de um amigo que se juntou a nós (sem saber que se tratava de uma entrevista), o que suscitou outros assuntos não diretamente ligados à pesquisa, além de limitar alguns questionamentos meus. O relato que segue é resultado de meus apontamentos, uma vez que esta entrevista não foi gravada.

Alexandre já fazia uso antes de iniciar o curso de graduação de História. Conta que usou algumas substâncias, mas falou mais especificamente de três substâncias, dividindo-as em dois grupos: a cocaína que excita e deixa o *"ego inflado"* e *"a maconha e o Daime que expandem a consciência"*.

Conta que a sua concepção sobre as "drogas" foi mudando durante o curso de graduação, pois em relação a cocaína teve experiências pessoais, vivências em situações coletivas (festas, reuniões) e uma relação com um amigo consumidor de crack, que o levaram a desgostar deste uso, construindo uma concepção crítica sobre o consumo de cocaína em pó e crack.

Em primeiro lugar, falarei sobre como concebe a relação estabelecida entre o uso de "drogas" e a universidade. Para Alexandre, no universo acadêmico, por se tratar de um espaço dedicado ao saber, espera-se menos preconceitos, o que nem sempre ocorre de fato, mas há esta pré-concepção em nossos imaginários. Trata-se de um espaço e de um tempo de maior liberdade e de muita convivência social, festas, encontros, rodas de conversas, em que os diversos usos de substâncias psicoativas se fazem presentes como uma possibilidade bastante valorizada e cultivada.

Com o passar do tempo e devido às experiências acima relatadas, Alexandre mudou de concepção e de prática. Segundo Alexandre, um dos efeitos da cocaína passou a lhe chamar a atenção negativamente, que é o das pessoas ficarem autocentradas, falarem muito e escutarem pouco ou nada. Isso lhe remeteu à sua própria experiência com esta substância, pois entende que seja muito difícil se despir de toda a carga egóica que carregamos, então decidiu que não queria fazer o uso de uma substância que intensifica esta característica. E ainda um terceiro aspecto que considera que tenha interferido na sua concepção sobre as substâncias de cunho químico (laboratório) e que geram uma forte dependência, foi a proximidade afetiva e acadêmica - com a convivência nas atividades do curso e em um projeto social - com um outro estudante que tinha um uso extremamente abusivo de crack.

Sobre esse fator, disse ter ficado bastante sensibilizado, sentindo a raiva do amigo e da situação. O amigo passou a descuidar de um projeto que tinha dentro da universidade, de interesse coletivo e particular seu, chegando ao ponto de roubar pertences do projeto. Para ele isso foi muito triste, pois, além das perdas materiais, prejudicou também o nome e a honra do projeto e a sua, fazendo com que se criassem dúvidas sobre a seriedade do trabalho, o que colocou em risco a continuidade da proposta.

Em relação ao efeito egóico do consumo de cocaína em situações sociais, Alexandre disse ter construído uma reflexão entre este efeito e o sistema capitalista em que vivemos, em que o consumo de objetos e pessoas é estimulado e que o ter é a ordem do dia. A partir dessa percepção, mudou diversos hábitos alimentares e de consumo de substâncias psicoativas, pois passou a valorizar outras ordens, menos capitalistas e mais espirituais.

Atualmente participa de rituais daimistas e sente que isso tem o ajudado a mudar a lógica de seus sentimentos, raciocínios e práticas gerais da vida.

Passou a consumir apenas maconha e ayahuasca em contexto religioso, pois não estava feliz com o seu consumo de cocaína, não gostava mais de seus efeitos e nem dos efeitos do álcool. Sentia que o efeito da cocaína exacerbava seu lado "*egoísta*" e "*narcísico*", o que o fez querer parar com o uso. Atualmente usa a ayahuasca durante rituais religiosos e a maconha em diversas situações, pois

sente que ambas provocam abertura e expansão de sua consciência, além de bem-estar e tranquilidade.

Tem interesse em pesquisar sobre o assunto e diz que sua motivação por participar da pesquisa e da construção de trabalhos educativos sobre o tema é porque há muita hipocrisia relacionada à questão e em sua opinião isso não colabora com o processo de crescimento das pessoas e de construção de um conhecimento crítico e autônomo.

**NARRATIVAS EM ANÁLISE: USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS,
CORPORALIDADE E RISCOS**

4.1 PRÁTICAS DE USO E CONTEXTOS

Ao longo desta pesquisa, mais especificamente através das entrevistas, observei a complexidade dos contextos sociais emergidos nas trajetórias dos(as) interlocutores(as). Suas histórias de vida são singulares quando comparadas entre si, não devendo haver uma homogeneização em torno da categoria estudantes universitários. Houve sensíveis diferenças em vários aspectos relatados nas trajetórias: situação econômica familiar; situação econômica durante o período da graduação; estilo de vida e uso de substâncias psicoativas antes do início da graduação; grupos de amigos(as) distintos entre os(as) entrevistados(as); tipos de uso heterogêneo de substâncias psicoativas. Desta forma, busquei mostrar as diferenças existentes entre os usos, considerando os pontos em comum como forma de ampliar a compreensão dentro do contexto universitário, mas sem os tomar como causais, pois cada trajetória apresentada pelos(as) estudantes continha diversas variáveis, o que impede uma análise direta de causa e efeito entre o uso de substâncias psicoativas e tempo universitário.

Como forma de situar o(a) leitor(a), apresento os principais contextos que emergiram nas trajetórias de uso de substâncias psicoativas dos(as) estudantes entrevistados(as) e que são pontos que atravessaram o tempo universitário, a saber: situação econômica; política brasileira sobre drogas; contexto familiar; redes de relações.

Com relação à situação econômica de alguns entrevistados, a discussão sobre vulnerabilidades - pessoal, social e programática - pode ser destacada, uma vez que no uso de substâncias psicoativas a questão das vulnerabilidades é um dos elementos que se interliga ao contexto como um todo. Fatores como pobreza, falta de acesso às políticas assistenciais, ausência de trabalho compatível com as atividades acadêmicas, falta de dinheiro para adquirir as substâncias para consumo em determinados momentos, geram contextos desiguais e de maior vulnerabilidade. Estes fatores de vulnerabilidade não significam necessariamente maior passividade por parte das pessoas mais vulneráveis, indicando apenas que ficam mais expostas a situações perigosas ou de fragilidade. Vale ressaltar como mesmo as situações de maior vulnerabilidade podem também apontar para agenciamentos por parte dos(as) interlocutores(as). Busquei analisar

quais as situações de vulnerabilidade envolvidas nas práticas destes(as) estudantes e quando essas implicam maiores riscos nas situações de consumo das substâncias psicoativas, sempre buscando informar as substâncias utilizadas nas diversas situações.

A narrativa de Maria, por exemplo, mostra como o contexto socioeconômico baixo interferiu em sua vida, diferentemente dos(as) outros(as) estudantes, pois foi a única que afirmou pertencer à “classe baixa” e que trouxe questões relacionadas à desigualdade social durante a conversa.

Maria (25 anos, Ciências Sociais) relatou que, durante o ensino médio em escola pública, precisou trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Seus trabalhos eram de babá e outros “bicos”. Ao contar que realizava estas atividades por necessidade, falou também de sua preocupação com estereótipos sociais, indicando haver uma internalização ambígua sobre estes estereótipos:

Como eu tava falando da cocaína, em 2002, às vezes a gente... eu tava trabalhando esse ano, eu era babá, olha, imagina o risco que a menininha corria (riu), não... não corria não, jamais eu ia matar ela, fazer alguma coisa assim, tipo de machucar... Risco eu falo porque às vezes dá impressão, uma adolescente irresponsável, que usa. [...] já fui de ressaca, nunca fui alcoolizada, nem fumava perto dela, fumava escondida cigarro no banheiro, lavava a mão para não ficar cheiro porque eu achava que se minha patroa soubesse que eu fumava, ela não iria me deixar cuidar da filha dela, mesmo ela fumando. Contradições, né? Umas drogas podem, outras não podem. Umas pessoas podem usar, outras não.

Outras questões socioeconômicas perpassaram a história de Maria. Durante o ensino médio pensava em fazer psicologia, mas não prestou o vestibular porque a concorrência era grande e entendeu que não passaria por ter estudado em escola pública e de periferia. Houve diversas situações antes e durante a graduação em que teve de lidar com a tensão entre o desejo de estar em um dado lugar, com outras companhias e de usar determinadas substâncias nestas ocasiões e a falta de dinheiro, o que a levou a se colocar em algumas situações de risco para participar das atividades de lazer, mesmo sem condições financeiras adequadas, como pegar carona sob o efeito de álcool com homens desconhecidos.

Mais especificamente, quando chegou à Londrina para estudar, conforme já relatei em sua narrativa, Maria sofreu dificuldades econômicas distintas dos(as) outros(as) entrevistados(as):

[...] fiquei na rodoviária, fiquei desiludida da vida, fiquei uma semana dormindo na rodoviária, dormindo em cima das malas. [...] Tava daquele jeito, sem dinheiro. [...] Fui encaminhada pela assistência social do município para uma Casa Abrigo em que viviam mulheres e crianças em situação de risco, ou que fugiram da violência do marido.

[...] a Casa dos Estudantes, que tava lastimável, mas que para a gente ainda era melhor do que a Casa Abrigo, melhor do que a rua e melhor do que voltar para casa dos pais. Eu fui para lá.

Outros fragmentos do relato de Maria demonstram a força de sua fala com relação às suas condições socioeconômicas durante o curso de graduação e o uso de substâncias psicoativas:

[...] no primeiro ano eu bebi muito! [...] Aí no segundo ano que eu estava na cidade, eu comecei a trabalhar, foi legal porque eu comecei a ter uma renda. Eu podia comer coisas gostosas. [...] Meu, na Casa dos Estudantes, às vezes eu via o povo fritando batatinha. Oh! Como é barata a batatinha. [...] eu sentindo cheiro, morrendo de vontade e não tinha. Vou contar um segredo agora: eu roubei geladeira na Casa dos Estudantes. Ai que vergonha! Que vergonha, que vergonha.

E teve uma época que, com o meu dinheiro, eu investi nuns corres. Tipo a gente (ela e o namorado) comprava um quilo de maconha e a gente revendia. Eu dava para ele \$400,00, o total da bolsa, antes de pagar as coisas e ele vendia, e em uma semana ele me dava os \$400,00 e tinha o dele para as coisas dele, pra comprar o beque dele e para as outras coisas, porque tinha outras coisas. [...] às vezes (o namorado) ia buscar droga para os outros e ganhava cocaína ou ganhava maconha. Lá no boteco que falei, ele era camarada, fazia os corre para alguém e daí rolava uma trouxinha para a gente. Por isso que eu cheirava. Não cheirava muito!

Nesse ponto, chamo a atenção para a força como Maria fala da interferência da sua situação econômica na sua vida e não na relação específica com o uso de substâncias psicoativas. Algumas das maiores vulnerabilidades percebidas ocorreram em torno da falta de condições de moradia, de alimentação e de transporte (para o estudo e para as “baladas”), sendo as relações com essas substâncias uma via de lazer. Muitas vezes ganhava “drogas” por ser mulher, ou era compartilhada pelos(as) amigos(as), ou ainda, uma maneira de escapar da tensão gerada por estas situações, como Maria relata, quando disse que, às vezes, escapava da Casa Abrigo para tomar uma cerveja, com o dinheiro que havia ganhado para o passe, ou quando disse que deixava de ir para a universidade para tomar rabo de galo com os *hippies* do calçadão de Londrina.

Logo que chegou a Londrina, segundo a estudante, estes eram os momentos em que conseguia um pouco de liberdade, uma vez que na Casa Abrigo só podia sair para estudar.

Os(as) outros(as) estudantes relataram viver em condições socioeconômicas distintas. Mesmo Alexandre (26 anos, História) e Ana (22 anos, Ciências Sociais), que afirmaram pertencer à classe média baixa, não relataram ter passado por situações extremas de fome e de dificuldade com moradia, como Maria relatou. Alexandre morava com os pais durante a graduação e Ana, apesar de relatar que, atualmente depende exclusivamente de sua bolsa de estudo e de "*bicos*" com garçoneiro para se sustentar, contou com o apoio da mãe nos primeiros anos para se manter em Londrina, além de a mãe cuidar de sua filha de 5 anos na cidade onde mora, com o objetivo de possibilitar os estudos de Ana.

Já Pedro, em seu relato, disse ter vivenciado um contexto econômico bastante distinto, se comparado ao de Maria, pois pertence à classe média alta, envolvendo-se na época do uso mais intenso com uma elite cultural e econômica consumidora e também com pessoas ligadas a estes grupos que "*comercializavam*" tais substâncias, principalmente cocaína, conseguindo adquirir cocaína de boa qualidade, acima da média ofertada, por preços baixos quando comparados ao preço comercial, três vezes maior. Isso, segundo Pedro, fez com que tivesse acesso à quantidades bem maiores do que se não tivesse estes contatos. De qualquer forma, disse ter gastado muito dinheiro, pois durante um tempo consumiu em grande quantidade, mas não relatou grandes problemas como consequência destes gastos porque disse ter dinheiro e ganhar "*drogas*" por causa das "*boas relações com o meio*".

A partir das experiências dos(as) interlocutores(as) que relataram situações econômicas antagônicas, pude refletir que a condição econômica não se mostrou um fator causal para seus consumos, mas atravessou estas relações, interferindo em algumas situações, ocasionando maior ou menor vulnerabilidade. O relato de Pedro contribui para a compreensão da complexidade das relações estabelecidas entre uso e a condição econômica, obrigando a relativização do senso comum existente em nossa sociedade de que há uma relação direta entre pobreza e consumo de "*drogas*". Para além dos polos de riqueza ou pobreza extrema, em

relação ao consumo de substâncias psicoativas, são nos meandros destes polos que se pode perceber um constante agenciamento destes(as) estudantes em relação às situações econômicas vivenciadas, como forma de sustentar o uso, como por exemplo: encontrar maneiras de ganhar "drogas" (Maria, Pedro); diminuir gasto com comida, uma vez que não se sente fome quando se usa cocaína (Carolina, Samira); separar um valor (\$50,00 a \$100,00) da orçamento para o consumo, no caso de álcool e maconha, e se organizar com o restante para administrar os outros gastos (Suzana); vender "drogas" ou investir um dinheiro na venda de "drogas" para retirar daí a substância a ser utilizada (Maria).

Após discutir a questão econômica, abordarei alguns aspectos trazidos pelos(as) interlocutores(as) sobre a política proibicionista brasileira e sobre os modelos biomédico e moral vigentes em nossa sociedade, para refletir sobre os efeitos destes nas relações familiares ao tratarem da questão do uso de substâncias psicoativas.

Em relação à atual política sobre as "drogas", diversos(as) entrevistados(as) falaram da relação entre a política proibicionista e o conceito moral sobre as substâncias psicoativas, o que gera um silenciamento por parte das pessoas que usam, pois precisam manter anônimas suas práticas, como forma de se protegerem de discriminações. Há um jogo por parte destes(as) interlocutores(as) entre mostrar para os pares, explicitando para alguns e escondendo de outros(as) colegas que não comungam das mesmas práticas ou concepções, para os pais, para os professores(as). Ou ainda entre esconder qualquer tipo de uso dos pais e para algumas outras pessoas, ou mostrar parcialmente, como é o caso do espaço universitário, em que pareceu para estes(as) estudantes mais comum mostrar ou deixar os(as) professores(as) e a comunidade em geral tomarem conhecimento do uso da maconha, do álcool e do tabaco, enquanto o uso de outras substâncias permanece mais escondido. Em diversos momentos das entrevistas, disseram se sentirem incomodados com a política proibicionista, considerando-a não protetora; disseram perceber que gera problemas, como a necessidade de esconder o uso (Carolina, Samira, Pedro), as pessoas demoram para entender que se pode procurar um espaço com profissionais para conversar sobre o assunto (Maria), conversam apenas entre os pares (Samira, Pedro). Com isso, entendo que os(as) estudantes encontram nestes modelos sociais hegemônicos motivos e justificativas para se

manterem anônimos e isolados entre si, diminuindo a possibilidade de diálogo com pessoas diferentes de seus círculos sociais sobre seus usos e possíveis estratégias que poderiam colaborar com a sua proteção.

Sobre a interface entre a visão moral sobre as drogas predominante no Brasil e os efeitos desta visão sobre as práticas de uso de substâncias psicoativas, Maria traz um relato que me fez analisá-lo como outra consequência gerada em conjunto com o isolamento dos grupos, que é a não credibilidade em conceitos sociais por parte dos(as) jovens que, a partir disso, realizam práticas como desafio aos conceitos morais sobre as "drogas". Maria diz:

Hoje eu tenho mais claro estes comportamentos, até porque eu estudo educação, comportamento, juventude, ciências sociais, que eu faço, mas antes não tinha essa ideia. E como é "foda" você não ter quem procurar, não ter adultos que te..., ou, pessoas que passaram por situações, pra discutir, eu acho que não é falta de informação, porque informação tem na televisão, é como estes temas são trabalhados, como tabu, como algo proibido, não chegue perto, você vai morrer. Aí eu experimentei a maconha, vi que não deu nada, eu pensei, esses "caras" são todos mentirosos. Estão escondendo o ouro (risos), por que eu não posso? Posso e vou.

A narrativa mostra ambiguidade nos discursos, que emergiram em outras entrevistas: reconhecimento de que o uso traz ou pode trazer danos e ao mesmo tempo valorização deste uso, que agrega valor à pessoa, como relatado por meio das expressões: "dar status", "ser legal", "ser louco", "cabeça aberta". Ao mesmo tempo que defenderam uma postura reflexiva sobre a realidade social brasileira, também indicaram usar estes discursos para reafirmar suas práticas de forma não reflexiva.

Em relação às interferências familiares não apenas no uso, mas no enfrentamento destas questões, os(as) entrevistados(as) foram unânimes em dizer de que se trata de um assunto difícil de conversar com a família, relacionando esta dificuldade aos conceitos hegemônicos moral e biomédico. Alguns deles conseguiram criar estratégias que julgam ser adequadas e que não lhes trazem sofrimento, como falar de algumas substâncias e de alguns tipos de uso, decidindo não tocar no assunto sobre outras, ou, omitir sobre o uso de todas, principalmente de todas as ilícitas.

A principal consequência apontada pelos(as) interlocutores(as) a partir deste silenciamento parcial ou total foi o distanciamento que isso gera entre estes(as) estudantes e suas famílias, reforçando a ideia de omissão do uso. Apesar de que a maioria dos(as) estudantes não relatou nenhum dano como consequência do distanciamento entre eles(as) e os pais, vale ressaltar o quanto esse distanciamento pode interferir na busca de ajuda por estes(as) jovens, quando da percepção de algum problema relacionado ao uso.

Para Pedro (20 anos, Psicologia), a situação familiar interferiu de maneira diferente, pois os pais descobriram o seu uso. O estudante afirma que a reação dos pais foi repressiva e que incorreu no aumento de seu consumo:

Costumava consumir 1 a 2 gramas de cocaína por mês ou a cada dois meses, dependendo, se não tivesse festas. Costumava consumir, aproximadamente, 5 gramas de maconha por semana, no máximo. Foi quando eu caí em casa a primeira vez, quando meus pais ficaram sabendo que eu fumava maconha. [...] Bom, quando esse episódio aconteceu foi que eu passei a, obviamente, né? Eu diria, apesar de não parecer óbvio. Quando eu passei a, obviamente, consumir muito mais drogas. Uma coisa fantástica o que a repressão familiar pode fazer pelo seu comportamento, né? Quanto mais eles falam pra você não fazer isso e quanto mais consequências são impostas, maior o consumo de drogas (Pedro, 20 anos, Psicologia).

A fala de Pedro traz duas questões que devem ser discutidas à luz de estudos sobre os efeitos da política proibicionista, principalmente no controle de práticas e dos corpos, e à luz da possibilidade de agenciamento de corpos em práticas subversivas.

Sobre isso, Braz (2006) e Vargas (2000) trazem contribuições para a reflexão da primeira questão, que é o quanto práticas subversivas podem, ao mesmo tempo, indicar uma ligação ou quase que uma relação de dependência à ordem estabelecida. Ao buscarem subverter a ordem, em várias entrevistas, estes(as) estudantes não demonstraram se questionar sobre a possibilidade de estarem submetidos, mesmo que de uma forma diferente, às regras sociais estabelecidas, ao construírem um estilo de vida ligado a um tipo de consumo, fator que se faz presente na nossa sociedade e é consonante com a lógica capitalista; ou pela não interrogação das interfaces de suas práticas com o "negócio das drogas ilícitas", que sabemos atravessar poderes paralelos e institucionais (interesses políticos nacionais e internacionais e corrupção) de nossa sociedade.

A segunda reflexão, possível a partir da última fala de Pedro, é o problema gerado pelo modelo moral sobre as substâncias psicoativas que constrói uma ideia homogeneizada do objeto "droga", dificultando a compreensão social das diferenciações entre elas e dos diferentes efeitos possíveis, o que tem causado reações desproporcionais por parte de familiares ao descobrirem em seus meios pessoas que usam alguma substância. Os pais, ao descobrirem que Pedro usava maconha, tiveram "reações repressivas", as quais, pela avaliação dele, geraram apenas o aumento do uso das substâncias no geral, principalmente da cocaína, que não foi a substância descoberta na época.

Segue uma fala de Suzana que também se faz emblemática para demonstrar como os estereótipos sociais são criados em relação aos tipos de pessoas que usam substâncias ilícitas, indicando que estes não ajudam na comunicação, colaborando com o silêncio em torno do assunto. Suzana contou:

A primeira vez... eu comecei muito nova... quando eu tinha uns 13 anos... mas por influência direta, assim... eu sou do Rio e eu morava com a minha mãe em São Paulo e quando eu ia pro Rio... sabe quando você vira a personalidade? [...] eu tinha uma prima muito mais velha do que eu ...e eu saía com ela e ela [...] então foi meio que nessa época, assim, que eu experimentei assim... ecstasy, maconha, lança... até cocaína. [...] A minha mãe... acho que... nunca desconfiou, assim... de qualquer coisa, assim... eu sempre fui muito centrada, sabe? [...] nem... percebeu, ou alguma coisa desse tipo, porque [...] o filho do meu padrasto, ele era meio... sabe quando vocês aquela imagem de "drogadinho" [...] então minha família inteira focou nele, sabe... ele era o problema, então... ninguém tava olhandopra mim, pra minha irmã ou pra qualquer outra pessoa. [...] Eu ia bemna escola... então... não tinha nada errado... e eu não ia contar pra minha mãe uma coisa que ela nunca mais ia deixar eu fazer, né? (risos).

Esta fala permite refletir sobre a existência de crenças sociais de que uma substância possui um tipo específico de pessoa que vai consumi-la, ou que o uso de determinadas substâncias levam a determinados comportamentos estereotipados e de que forma tais crenças geram consequências, como a de não se levar em consideração que alguns outros tipos de pessoas também podem fazer esse uso e que usos podem ocorrer sem gerar determinados comportamentos.

Para além de contextos sociais mais gerais, notei a presença constante de redes de relações entre os pares, importantes porque através delas os(as) entrevistados(as) disseram construir seus estilos de vida e manifestaram o

desejo de pertencimento a um grupo específico. Estas interações criadas entre eles constroem redes sociais complexas que levam a questionar a relação de causa e efeito normalmente estabelecida entre uso de substâncias psicoativas e influência dos grupos entre os pares.

Os(as) entrevistados(as) circulam entre grupos distintos dentro e fora da universidade e estabelecem redes diversas, não podendo ser enquadrados como pertencentes apenas a um grupo determinado. Outro aspecto que se mostrou revelador foi a busca por laços sociais específicos, ou seja, em diferentes ambientes, eles procuraram pessoas com as quais têm algo em comum, como crenças, gostos, músicas, arte em geral, *habitus*, incorporando novos laços e transformando outros.

Para melhor compreender estes fenômenos, utilizo a diferenciação feita por Simmel entre os fenômenos de sociação e da sociabilidade. Este autor (2006, p. 59) compreende que "a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades".

Simmel busca mostrar dessa forma que existem muitas situações, incluindo momentos históricos macrossociais, em que os homens interagem uns com os outros em torno de interesses "sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes" (*idem*, p.60), o que denominou de sociação. Além dessa maneira de interação, para o autor, podem ocorrer formas autônomas geradas pelas interações sociais que, se inicialmente continham interesses e finalidades concretas, "adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade" (*idem*, 2006, p. 64). O autor define sociabilidade como:

[...] a mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade. Posto que, **para a sociabilidade**, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, **a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia** (grifo nosso) (*idem*, p. 64-5).

Apesar de as entrevistas terem mostrado que a maioria dos(as) estudantes já tinha experiência com o uso de substâncias psicoativas, quando se

mudaram para Londrina para iniciar a graduação, o fato de entrarem no contexto universitário e, para sete dos(as) nove entrevistados(as), sair da casa dos pais, significou uma entrada em um mundo novo, aberto a novas experiências. Nessa nova forma de estar no mundo, criaram novos laços sociais. Sobre este processo de chegada a um novo espaço, os(as) interlocutores(as) relataram procurar conhecer e se aproximar de pessoas que tinham preferências parecidas, o que incluía o uso ou ao menos a aceitação do uso de substâncias psicoativas pelos(as) colegas. Dos(as) nove interlocutores(as), apenas Gabriel (23 anos, Ciências Sociais) não tinha tido nenhuma experiência com o uso de substâncias ilícitas antes da entrada no curso de graduação e somente Alexandre já morava com a família em Londrina antes de iniciar seu curso.

Seguem alguns relatos:

[...] na universidade, por mais que eu tenha feito uso em outro momento, parece que é normal. No meu caso, eu acho que abusei um pouco e me relacionei com alguém que tinha um uso abusivo, mas eu via pessoas que faziam um uso que aparentemente, não sei se dá para chamar de saudável, mas conseguia controlar. E é um negócio gostoso. E eu pensava por que eu não posso viver, usar, fazer minha cabeça de vez em quando? Porque apesar de ser socialmente proibido, nas entrelinhas, nos bastidores da universidade muitas pessoas usam. O crack menos porque acho que as pessoas..., ninguém fala. Mas a cocaína, pessoas que você menos imagina, usa. E é legal, é gostoso (Maria, 25 anos, Ciências Sociais).

[...] e aí, depois, quando eu vim pra faculdade foi uma coisa, gradativa, assim... desde o primeiro churrasco, que você já tem bebida liberada... você é calouro, você quer... beber e já começa a beber e até hoje, entendeu (Suzana, 25 anos, Arquitetura).

A maioria dos(as) entrevistados(as) relacionou a oportunidade de usar uma substância psicoativa de forma mais intensa com o fato de sair da casa dos pais, pois há a maior liberdade de usar na sua própria residência, de retornar das baladas alcoolizado(a), ou chapado(a).

Sobre esses pontos, Pedro (20 anos, Psicologia) não demonstrou ter a mesma relação com a universidade, indicando que sua rede de sociabilidade nesse espaço é bem restrita e que estar na universidade serviu mais como um motivo para diminuir o uso de pelo menos uma substância, o da cocaína injetável. Um fator que pode ajudar a compreender esta diferença para Pedro é que ele iniciou o uso intenso da cocaína injetável antes de entrar no curso de graduação e antes

mesmo de sair da casa dos pais. Após a intensificação do uso optou por sair da casa dos pais, sendo que o momento de entrada no curso ocorreu em uma fase de sua vida em que já havia experienciado morar sozinho e em que sentia que precisava tomar uma distância do uso intenso de cocaína.

A socialização propiciada pelo compartilhamento do uso de substâncias psicoativas no tempo universitário inclui: conversar, ouvir música, dançar, envolver-se em relacionamentos afetivos sexuais - fluidos ou duradouros. O ambiente e o tempo universitários foram referenciados pela maioria deles como sendo de aceitação social, principalmente para o uso da maconha. A universidade foi considerada um espaço que representa a suspensão de coerções sociais e parentais acirradas, além de propiciar a vivência de novos conhecimentos, novas redes de amigos(as), novas experiências, incluindo o uso de substâncias psicoativas, um espaço favorável ao encontro de “*cabeças abertas*” (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

Para o estudante Gabriel (23 anos, Ciências Sociais), no contexto universitário há uma moral diferente, que considera a possibilidade de se conhecer e começar novas práticas, podendo isso ocorrer com a sexualidade, com o conhecimento filosófico ou com o uso de substâncias. “*Na universidade, se você quer cheirar, vai encontrar alguém que faz isso, se você quer fumar também*”.

Sobre a socialização no contexto universitário, utilizei a reflexão de Simmel sobre diferenciação entre socialidade e sociabilidade, pois apesar do relato da ocorrência de encontros sociais como via de acesso ao uso de substâncias psicoativas, pude notar relatos de experiências nas quais o pareceu predominar era o que Simmel nomeou como sociabilidade.

Jorge (25 anos, Ciências Biológicas) relata que, por mais que fizesse uso constante de substâncias psicoativas, o que o envolvia e o que o ocupou a ponto de não estudar como deveria no primeiro ano foram as festas e os encontros com novos(as) amigos(as):

[...] o meu primeiro ano, eu fiquei realmente por... vamos dizer... farra... Tava o primeiro ano fora de casa... é... você chega na universidade e é tudo novo... é tudo... nossa... sem contar as festas...e quando eu entrei aqui ainda era festa de república... então eu conhecia muita gente de república... então eu entrava na maioria da festas de graça... e... era amigo do pessoal, então você tem um vínculo maior [...]

Houve outros pontos percebidos, como a ambivalência com que apareceram as concepções de liberdade e de aceitação social, pois os(as) estudantes reconheceram que estas não são encontradas de forma homogênea em toda a população universitária. Relataram sobre a vivência de situações em que sofreram preconceitos e sobre os mecanismos adotados para se protegerem contra possíveis discriminações, entre os quais, o mecanismo mais utilizado foi o de manterem suas práticas anônimas, falando sobre estas práticas apenas nos grupos que compartilhavam as mesmas experiências. Outro aspecto relatado foi a percepção por parte dos(as) estudantes de que a comunidade universitária está em constante transformação, principalmente em seus gostos e estilos de vida, e que isso interfere na intensificação ou diminuição do uso de determinadas substâncias, bem como nas substituições de uso de algumas substâncias por outras.

4.2 *EMBODIMENT* NO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Em diversos momentos, os(as) entrevistados(as), ao falarem do uso de substâncias psicoativas, referiram-se às experiências envolvidas nestas relações, como sensações, pensamentos, percepção, afetos e sentimentos - bons e ruins, constituintes de laços fortes e efêmeros. Essa complexidade de sensações, percepções e emoções geram relações que não podem ser explicadas de forma simplificada apenas pelos efeitos orgânicos das substâncias, tampouco somente pela influência do contexto social.

As experiências destes(as) estudantes indicam que a corporalidade ocorre de forma integrada e relacional, unindo categorias como corpo e mente; indivíduo e sociedade, conforme teoria defendida por Csordas (2003 e 2008). Ao escutar os relatos dos(as) estudantes, pude perceber de que forma as práticas e as técnicas do uso de substâncias psicoativas implicam a relação direta com o corpo, suas percepções, sensações e emoções, ou seja, os seus engajamentos com o mundo, o que inclui a criação de estratégias não somente de proteção ou cuidado de si, mais ou menos evidentes, mas também a criação de técnicas ou modos de uso que possibilitem a continuidade do consumo e um melhor alcance dos resultados desejados com tais usos.

Dentre as sensações e percepções que os(as) estudantes acessaram, há algumas categorias nativas que se assemelham, o que me leva a considerar a existência de aspectos comuns no contexto universitário, que se ligam aos efeitos químicos das substâncias e às singularidades de cada grupo e de cada pessoa. Categorias como *"expandir a consciência"*, *"ter cabeça aberta às experiências"*, *"questionar a realidade"* estiveram presentes em todas as entrevistas, indicando um modo de *ser* e *estar-no-mundo* que valoriza a possibilidade de experimentar novas sensações, mas que também indicam a existência de um foco nos processos mentais ou racionais como sendo a forma possível e desejada de experienciar a vida por estes(as) interlocutores(as). Esse mecanismo possibilitou a análise do forte laço que os estudantes demonstraram com as funções mentais como via de acesso às alterações desejadas, o que aponta para um *habitus*, ou seja, para uma forma de viver incorporada por eles(as).

Em relação a esta busca por expandir a realidade, também emergiram outros dados, como relatos sobre uma sensação de angústia ou de ansiedade como efeito possível dessa alteração da consciência. Sobre essa sensação, Gabriel (23 anos, Ciências Sociais) disse associá-la à abertura da mente promovida pelo uso de maconha ou alucinógenos. Contou também que procurava administrar os efeitos indesejados da maconha, realizando ações que o ajudavam a se centrar, a se manter conectado com a realidade, pois percebeu não suportar a perda total da *"noção de tempo, de realidade e de indivíduo"*. Para o estudante, conseguir controlar suas *"bads"* possibilitou manter o uso, visto que gostava destes efeitos, desde que relativamente controlados. Em sua narrativa, as sensações e os pensamentos aparecem concomitantemente, formando uma continuidade na sua experiência com as substâncias. Seguem os relatos do estudante:

[...] quando eu fumava maconha todo dia a noite, eu tinha uma pira de questionar a existência da realidade. [...] se a realidade não existe e se o mundo são as minhas ideias, então eu sou um super-homem. Isso me angustiava. E daí com leituras na universidade, com um relacionamento melhor com a maconha, eu fui perdendo, eu fui deixando de lado, fui vendo que não é por aí o caminho e tal. Que a realidade existe, que ela é apreensível, mas ela existe e daí eu fui me encaminhando para uma relação melhor, assim, com as drogas.

[...] Da última vez que eu tomei o doce, a gente tava numa festa, eu e minha namorada, a gente voltou para casa e eu comecei a ter um princípio de ansiedade, de não saber direito o que tava acontecendo

e duvidar da realidade de novo assim. Daí minha namorada falou, calma, você tá tendo uma "bad", vamos fazer uma respiração, vamos por um mantra e daí que me ajudou bastante assim.

[...] a ioga me ajudou a perceber isso, que eu fico ansioso com medo de ficar ansioso, com medo da "bad", então minha respiração começa a mudar e isso vai criando um ciclo de ansiedade. Então se eu romper com este ciclo no começo, eu acho que é bacana. Respirar de uma forma mais devagar, no começo, então isto já corta a "bad" desde o começo. Esta relação tem me ajudado bastante a sair das "bads", do mau relacionamento com as drogas.

Ao falar da angústia de duvidar da realidade, Gabriel externalizou um pensamento e um posicionamento ocidental contemporâneo, que é a valorização das lógicas racionais. Sentir que sua linha de pensamento estava "solta" trouxe angústia para o estudante, só que era esse mesmo efeito que também lhe trazia prazer, pois usar maconha e LSD em determinados contextos mostrou-se um caminho bem sucedido para se distanciar da lógica racional. A via encontrada pelo estudante foi a mediação corporal e mental, com técnicas menos racionalizantes, como ioga e meditação, que o acalmavam e o centravam, tornando o uso de maconha menos ameaçador de sua integridade. Portanto, mediante o efeito não desejado da ansiedade, procurou técnicas com os objetivos de acessar as alterações desejadas e controlá-las quando excediam o suportável.

Sobre a sensação de ansiedade ao usar uma determinada substância psicoativa e os efeitos desejados com o uso desta substância, Samira (26 anos, Psicologia) contou:

A cocaína... [...] quando eu experimentei, eu não achei tão ruim assim, só que depois na faculdade, eu acabei achando, assim, um uso que não me trazia tanta satisfação, tanto na hora de usar, quanto depois. [...] Durante (o uso de cocaína) muito incômodo, porque você fica angustiada, eu falaria: é uma ansiedade, não tem do que exatamente e não tem o que fazer, na verdade, porque tá dentro de você... Você pode sair correndo, que essa ansiedade não passa. Então eu acho que isso é o ruim, mas eu acho que ela é bem viciante porque eu acabei usando muitas vezes, mesmo com tudo isso.

Apesar da angústia na hora, ela traz uma euforia também, que eu acho que concorre com a angústia. Uma euforia agradável, até assim, uma sensação... você perde o sono... até coisas que estavam te incomodando, você acaba resolvendo... só que ao mesmo tempo gera essa angústia que incomoda. Então eu acho que é por isso que eu acabava usando de novo... porque eu acho que eu tava conhecendo... e por causa do uso das pessoas, né? Muita gente

usando próximo... aí eu acabava usando também. Porque eu sempre tive interesse em drogas, em geral, na verdade.

Eu acho que as drogas [...] as drogas mais fortes, cocaína e LSD, têm o caráter não de: "Ah! eu quero fugir da realidade.", mas que elas trazem uma nova... uma nova forma de ver essa realidade, entendeu? [...] Eu acho que as questões, na verdade, do cotidiano do mundo de hoje em dia... assim, que fazem o uso aumentar, porque o cotidiano dá muitas possibilidades e muitos limites ao mesmo tempo, então eu acho que isso é uma coisa que influencia, na verdade, e as drogas acabam sendo um momento de lazer, até de conforto, que você não encontra normalmente, ou que você busca e a rotina não te fornece.

Os relatos de Samira (26 anos, Psicologia) são significativos no sentido de que, de alguma maneira, estes elementos permearam todas as entrevistas e ajudam a pensar no caráter multifatorial do uso, pois este une dimensões diversas, entre as quais se destacaram: o efeito indesejado de ansiedade; o prazer e o desprazer; o caráter "viciante" das substâncias; a interferência das pessoas e do contexto; o desejo de acessar uma nova realidade ou uma nova sensação; a submissão aos efeitos das substâncias uma vez ingeridas; eo modo de engajamento no mundo de cada estudante.

A partir dessa multiplicidade de elementos em torno do uso de substâncias psicoativas realizado pelos(as) estudantes universitários(as) entrevistados(as), destaco o aspecto das concepções sociais sobre as "drogas" construídas no contexto universitário, não por entender que esse aspecto tenha uma centralidade causal, mas por verificar que todos(as) os(as) estudantes entrevistados(as) me contaram, de modos diferentes, sobre a existência da conexão entre estas concepções e as suas práticas de uso. Como disse Velho (2008, p. 205), "tóxicos são manipulados como símbolos de prestígio não só internamente aos grupos estudados, mas como forma de marcar distâncias em termos de relacionamentos e estratos sociais distintos."³⁵

Os(as) entrevistados(as) revelaram que eles e seus pares possuem concepções sobre tipos de substâncias e de uso com base em critérios químicos e os efeitos gerados na interação com o corpo. Porém, em seus relatos, também emergiu o fato de que esses efeitos são socialmente construídos. Para estes(as)

³⁵ Esta conexão contextual foi intensamente analisada por Velho (2008) e retomada por Rui (2007) e Valença (2010) em estudos com a população universitária.

estudantes tanto o desejo de utilizar determinada substância quanto o acesso às sensações ao utilizá-las estão ligados a um sistema classificatório e hierárquico construído com base na aceitação social das substâncias psicoativas, podendo esta regra estimular ou desencorajar determinado uso ou, mesmo quando não influencia diretamente o consumo, pode interferir nas sensações e no modo do uso (via de administração, frequência, intensidade, local).

Foi o caso, por exemplo, da maior concordância com o uso da maconha, quando comparada ao consumo das outras “drogas” ilícitas, o que possivelmente fez com que mesmo as sensações ruins vividas durante seu uso, como alguns relatos de “*bad trips*” recorrentes, tenham sido interpretadas de forma mais amena, menos tensa do que em relação aos possíveis efeitos de outrassubstâncias psicoativas.

Por outro lado, identifiquei estigmas gerados pela abordagem social em relação aos efeitos do uso de crack, que potencializa o medo do uso desta substância, o que ocasionou reações diversas citadas pelos(as) entrevistados(as), tais como: redução do prazer (Ana, Samira e Carolina); interferência no desejo de usá-la (Gabriel e Pedro); ou ocorrência de sensações de medo, mesmo quando da obtenção de intenso prazer pelo uso (Maria).

Maria, Alexandre, Ana, Pedro e Gabriel relataram que a ideia que têm do crack advém da forma como a sociedade lida com esta substância e também da vivência com pessoas próximas que tiveram suas vidas descontroladas a partir do uso contínuo, chegando a prejudicar, inclusive as pessoas em volta com suas ações. Samira e Carolina relataram terem visto pessoas estragarem suas vidas por causa do uso de crack, mas não fizeram referência a alguém mais próximo.

Seguem exemplos de falas que expressam algumas concepções construídas pelos(as) estudantes sobre a maconha, a cocaína e o crack, indicando o quanto estas concepções interferem em suas práticas e sensações.

Fumar maconha:

[...] com a maconha é uma relação muito tranquila [...] pra mim ela não provoca, não tem efeitos, assim, absurdos, degenerativos, que eu fico burra, retardada, pelo contrário, eu acho até que eu entendo melhor as coisas que eu tenho que fazer quando eu fumo antes de estudar [risos], me faz bem. Digo isso porque a grande mídia, ela sempre coloca no discurso essa imagem depreciativa de que quando o indivíduo consome a maconha, paulatinamente, ele vai ficando

burro, vai ficando retardado; porque existe um discurso biomédico que ratifica isso, falam que degenera os neurônios [...]. Pro meu estilo de vida e de alguns companheiros, é uma relação muito tranquila, então faz parte da sociabilidade, inclusive da universidade. (Ana, 22 anos, Ciências Sociais).

[...] a maconha, eu sempre tive uma curiosidade [...] a maconha eu sempre, tipo, comprava brinco, colar... [risos - mostrou um brinco de fibra de cânhamo], sempre tive assim, não sei, uma afinidade. [...] A maconha, eu não tenho o menor problema de falar... nunca tive... antes de usar eu tive orgulho [risos]... porque não me causa prejuízo mesmo. [...] eu acho que a maconha, pra mim, faz mais sentido... não só por ela ser natural, mas também pelos efeitos... Ah, não sei explicar direito, mas eu acho que eu sempre tive um preconceito contra as coisas que os homens, na verdade, constroem, assim, eu sempre fiquei assim, meio receosa quanto aos perigos que ele traz, então sempre fui mais a favor das coisas menos modificadas o possível. (Samira, 26 anos, Psicologia).

[...] conheço muitas pessoas que usam isso para estudar, que fica calmo, que fica de boa. A não ser nesse estudo aí da relação da maconha com o despertar de outras doenças, neurológicas e tal, problema nenhum. E isso eu acho que na universidade é muito difundido. As pessoas fumam, fumam de boa, toda república que você vai tem um ou outro que fuma maconha. [...] A maconha atualmente não me faz bem.... Mas eu penso em um dia, tranquila, se eu estiver trabalhando, um dia na praia, em usar novamente. (Maria, 25 anos, Ciências Sociais).

A cocaína cheirada:

Nunca gostei do ato de cheirar, vamos dizer assim, eu acho muito, não sei, parece que ataca a sua moral mais ou menos assim, você colocar alguma coisa no seu nariz, assim para mim não é... (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

A cocaína, de preferência, uso num local fechado. Que você não tenha acesso a outras pessoas, porque o doce e a maconha... a maconha, eu tenho a sensação que ela é mais aceita no meio universitário do que o pó. O pó é considerado, assim, como uma droga muito pesada e é mal vista, não tem como não ser... Eu prefiro fazer o uso da cocaína entre as pessoas que usam. [...] mais complicado fazer uso em festa. Quando você cheira, todo mundo percebe e fica zoando, comentando: "Nossa, você viu Fulano? Fica se mordendo...". E é desagradável. (Ana, 22 anos, Ciências Sociais).

A cocaína injetada:

[...] eu estive em contato o que posso dizer, uma cocaína de melhor qualidade [...] 50% perto do que a gente encontra na rua, que gira em torno de 15%, é muita coisa. [...] isso possibilita que você realmente

injete cocaína da forma que a gente idealiza: esse processo quase místico, né, que envolve as drogas que você injeta. Tirando isso, tentar injetar a cocaína com outras coisas é extremamente perigoso. Eu tive outros roxos no braço várias vezes. Uma conhecida minha perdeu uma parte do braço devido a isso. Mas nesse período que eu tive acesso a essas drogas de bastante qualidade, eu passei a fazer um consumo maior de cocaína injetável (Pedro, 20 anos, Psicologia).

Nunca injetei cocaína. Isso também é outra coisa que eu acho muito ofensivo pro meu corpo, que, não... (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

O crack:

Eu nunca fumei crack, tenho pavor, tenho terror dessa droga. Inclusive já perdi alguns colegas pra ela, né. [...] É uma relação financeira que surge entre o consumo do crack e o abuso. Dez reais uma pedra, isso tem uma facilidade muito grande de gerar esse ciclo de adição... então eu já vi algumas pessoas se perderem pra isso, realmente sumirem até do meio de convívio que já é, entendeu, segregado da sociedade comum corrente. Então já é um outro estágio de degradação humana onde o ser humano passa a parecer bastante com um animal... em algumas condições que você presencia dos consumidores. (Pedro, 22 anos, Psicologia).

Então... o consumo do crack foi... assim... foi numa festa, né... numa festa em que esse meu amigo, ele tinha e... eu não sei... nossa, foi uma sensação horrível, é um negócio que você fuma na lata e... não tem como você desassociar com a criminalização que faz em torno do crack... na hora eu fiquei muito tensa porque... me pareceu pesado consumir aquilo... aquilo não me trouxe a energia boa, a coisa boa que eu procuro quando eu estou utilizando qualquer tipo de substância (Ana, 22 anos, Ciências Sociais).

Distinções entre as formas de utilização do crack, entre o crack fumado na lata e o crack fumado misturado (mesclado) com a maconha:

[...] eu vejo o crack uma coisa bem, a pessoa inverte no crack e só quer... [...] não sei se eu consigo enxergar algum caso positivo no crack. O crack é meio que... Eu tento com minhas leituras teóricas relativizar o uso do crack, mas quando eu vejo as pessoas que usam, eu fico meio que com o pé atrás. (Gabriel, 23 anos, Ciências Sociais, durante a primeira entrevista).

Hoje se eu tivesse em uma roda e rolasse um cigarro de maconha com crack eu acho que eu fumaria (Gabriel, um ano após a primeira entrevista).

Crack... fumar mesclado, mesmo... fumava misturado... crack nunca puro mesmo, nunca fumei... sempre misturado com maconha... (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

A partir dos relatos, entendo que a prática do uso de substâncias psicoativas entre os(as) estudantes universitários(as) indica a formação de redes repletas de significados e sentidos individuais e coletivos, que não pareceram poder ser contidas ou inibidas com uma operação repressiva moralista, como temos assistido com o pânico moral em torno do crack e das "drogas" ilícitas.

O que pude constatar no uso de "drogas" destes(as) interlocutores(as) foi o processo constante de *embodiment* (incorporação ou "encorporação"), ou seja, a vivência do processo conjunto das percepções, sensações, concepções, valores e hierarquias socialmente construídos, que se organizam e se transformam de maneira dinâmica e relacional. Com isso, os efeitos do pânico moral existente em torno das "drogas" ilícitas podem ser variados e, no caso dos(as) entrevistados(as), não os(as) impediram de experimentar e se relacionar com as substâncias psicoativas, inclusive com o crack, o que suscita uma análise mais ampliada sobre o assunto.

O presente estudo traz experiências de uso entre estudantes universitários(as) diferentes das investigadas nos estudos de Vargas (2001) e de Rui (2007), sendo que os(as) estudantes aqui entrevistados(as) transitaram entre usos mais e menos intensos, com experiências recentes, senão atuais, de uso contínuo de cocaína, além de que um dos estudantes relatou uso constante de cocaína injetável. Outro consumo que apareceu apenas nesta pesquisa foi o uso de crack, em experiências pontuais entre os(as) entrevistados(as) e de forma intensa e constante por pessoas próximas a eles(as).

A importância em registrar estas diferenças está na constante análise de que as práticas de uso de "drogas" não são homogêneas e se transformam a cada momento histórico e também a cada momento de vida das pessoas que usam. O fato de ter emergido nesta pesquisa o uso de crack não indique na UEL há um uso diferenciado da UNICAMP ou da Universidade Federal de Juiz de Fora, e sim que os tipos de uso e de substâncias acessadas variam entre os múltiplos grupos constituídos no tempo universitário.

Outra diferença significativa emergiu entre o estudo de Rui (2007) e a presente pesquisa. Na pesquisa de Rui entre estudantes da UNICAMP, as categorias nativas de motivação como "expandir a mente", "questionar a realidade" ficaram mais polarizadas, ou seja, apareceram centralmente no objetivo relatado pelos(as) estudantes entrevistados(as) pela autora, de que as "drogas" e os corpos devem ser usados como veículos de *autoconhecimento* (RUI, 2007, p. 102) e como expressão libertária pela saída da casa dos pais (*Idem*, p. 99). Entre os(as) interlocutores(as) da UEL que aceitaram participar desta pesquisa, as motivações foram mais diversificadas, sendo as referentes à expansão da consciência uma entre outras identificadas, a saber: a curiosidade; a busca por prazer e por sensações intensas, que acessam sensações místicas e de êxtase; a fuga da solidão; o alívio da dor; o relaxamento; e a sociabilidade.

Este descentramento de motivações endossa a análise feita por Rui (*idem*, p.87): apesar de haver uma única linha de pensamento nas explicações sobre o porquê do uso entre a população que entrevistou, estas explicações não devem servir para entender as motivações intrínsecas e profundas sobre o uso, mas podem ajudar a compreender as características dos segmentos sociais a que pertencem e as formas de uso. Neste sentido, concordo com o fato de questões sobre expansão da consciência e alteração da realidade poder ajudar a entender o segmento social de estudantes universitários, o que encontra sentido neste tipo de pensamento ocidental. Entretanto, os dados observados, ao menos para este grupo específico, devem ser entendidos em conjunto com outros quatro elementos que permearam os modos de engajamento com o mundo destes(as) interlocutores(as) e que Vargas (2001) reuniu em duas categorias analíticas: a imbricada injunção entre a "plenitude do êxtase" e a "destruição agonística" e a relação entre os modos extensivos e modos intensivos de viver.

A partir das narrativas das trajetórias de uso de substâncias psicoativas e das trajetórias acadêmicas dos(as) jovens interlocutores(as), percebi que, para compreender os movimentos realizados por estes(as) jovens em suas trajetórias de vida, haveria a necessidade de suspender qualquer tentativa de causalidade entre o uso de "drogas" e o tempo universitário, pois o que emergiu desde os primeiros contatos foram relações complexas e mistas em suas motivações e em seus objetivos.

Outro ponto emergido durante a pesquisa foi o valor instrumental em relação ao estudo, em que há o uso de uma substância psicoativa com o objetivo de cumprir uma função específica que auxilie direta ou indiretamente na realização de alguma atividade acadêmica. Dentre os(as) entrevistados(as), cinco interlocutores(as) disseram ter um uso com determinadas substâncias psicoativas com o objetivo de auxiliá-los(as) no contexto acadêmico.

Jorge, do curso de Ciências Biológicas, contou que seu uso de maconha também serve para melhorar sua concentração, dizendo que ela lhe ajuda a superar dificuldades encontradas por sofrer de hiperatividade. Segundo o estudante, ele já foi diagnosticado com déficit de atenção, mas para ele os remédios utilizados para auxiliar nesse problema são *"muito pesados"*, então optou por não fazer tratamento medicamentoso. Com o tempo, depois que passou a fazer uso apenas da maconha, descobriu que sua utilização o ajuda a se manter concentrado. Jorge contou que seleciona atividades que exercerá sob o efeito e atividades em que não fará uso antes da sua execução, pois o efeito da maconha atrapalharia seu desempenho.

Gabriel e Ana, do curso de Ciências Sociais, também disseram usar a maconha em algumas atividades acadêmicas, principalmente as de cunho mais reflexivos. Gabriel e Ana ponderaram que não são todas as atividades que combinam com o uso de maconha e que fazem avaliações constantes sobre a combinação de uso de maconha e estudo, uma vez que perceberam, em um determinado momento do curso, que o consumo desta substância, durante o período letivo, estava atrapalhando e não ajudando seus desempenhos acadêmicos.

Suzana, do curso de Arquitetura, relacionou o consumo de cerveja e de maconha às suas atividades acadêmicas, mas de forma diferenciada do relatado pelos três estudantes. Para ela, o consumo de cerveja e de maconha funciona para diminuir a tensão provocada pelo excesso de atividades em seu curso de graduação. Suzana fez o seguinte relato:

[...] eu faço um curso que eu considero um dos mais difíceis, que é de arquitetura, então, chega uma hora que você fica noia, você só pode fazer isso... vira noia... dia e noite fazendo trabalho no computador. Então acaba que, pra descontrair, você toma uma cerveja no meio do trabalho, sabe... ou para acabar depois de uma semana que você tá fazendo um trabalho, você vai beber, então achoque acaba que é um relaxamento entre toda a tensão que é a

faculdade em si [...] Acaba que você vira noites, e noites, e noites... aí você acaba tendo que procurar alguma coisa, que no caso é a maconha e o álcool que funcionam na minha vida. Eu acho que cada um tem uma coisa.

Outro exemplo sobre uso com valor instrumental de substâncias psicoativas foi relatado por Pedro, do curso de Psicologia, que disse já ter usado cocaína em pó em situações específicas de trabalhos atrasados e provas.

Sobre o uso com valor instrumental agregado pelos(as) estudantes, pude observar que, enquanto para Jorge, Gabriel, Ana e Suzana, tais práticas não trouxeram grandes questionamentos sobre danos ou dificuldades para sua administração, para Pedro essa prática gerou riscos pelo fato de que vinha de um processo de uso intenso e abusivo de cocaína, do qual queria se distanciar. Em relação a esse modo instrumental de uso, o estudante concluiu:

[...] isso não é bom, né... isso afeta a relação com a cocaína no sentido de que você passa a inserir ela em outras atividades [...], inserir ela em todas as atividades depois de um tempo. [...] Eu acho que é isso, sabe... no final faz perceber que você precisa diminuir ou parar porque começa a te cobrar muito, você não aguenta nem sustentar o custo, nem sustentar o corpo, que começa a pedir pela droga, ou nem sustentar o compromisso [...].

A partir das falas dos(as) estudantes(as) sobre o uso com valor instrumental na universidade, parece que essa utilização pode adquirir significados e consequências diferentes, de acordo com o momento de vida de cada um e do tipo de relação estabelecida pelos usuários(as) com as substâncias eleitas para esse uso, ponderando que estas relações são móveis e instáveis e, portanto, passíveis de transformação nos sentidos dados a elas e nos efeitos de seus usos.

Voltando à discussão sobre os efeitos dos modelos hegemônicos biomédico e moral, instalados na sociedade brasileira, observo como o uso de qualquer substância psicoativa, sem fim medicinal, é sempre discutido pelo prisma exclusivo dos danos ou dos riscos. As pessoas que usam de outra forma, ou com outros objetivos, não conseguem ser escutadas em relação aos benefícios e aos ganhos percebidos por elas com o uso de uma substância psicoativa lícita ou ilícita. Como consequência desta surdez científica, temos o não investimento em pesquisas que possam ajudar a entender esses ganhos e de que forma avançar na administração de possíveis queixas que apareçam nesses usos cotidianos; além do

caminhar solitário das pessoas que usam alguma substância psicoativa sem fim medicinal, no caso aqui, dos(as) estudantes universitários(as) que não encontram com facilidade espaços para dialogar sobre a temática desde outra perspectiva que não a dos danos.

4.3 RISCOS PRESCRITOS, RISCOS VIVIDOS E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO

Em relação às representações destes(as) estudantes da atual política proibicionista e do paradigma “uso – doença – drogas”, houve proximidades nas falas, em que os(as) estudantes se posicionaram não apenas contrários ao domínio totalitário do discurso biomédico na compreensão das drogas e nas definições políticas, como também de maneira a manifestar que isso não os tem impedido de usar diversas substâncias psicoativas ilícitas. Durante as entrevistas, não houve nenhuma fala no sentido de que o fato de se tratar de substâncias ilegais fez com excluíssem a possibilidade de uso. Como disse Pedro: *“Eu estou disposto a aceitar essa carga ruim devido a... enfim... diversas vantagens, né... de consumir drogas, dos prazeres, da dimensão de todas as coisas ruins.”*

Apesar de se posicionarem contrários à justaposição do conceito drogas com abuso e doença, manifestaram dificuldades para falar do crack sem trazer à tona a imagem negativa que possuem desta substância e, portanto, suas representações corroboram com a justaposição social “crack – abuso – danos – doença”. Ana e Carolina, consideraram que suas experiências ruins com tal substância foram ocasionadas por dois fatores principais: o efeito da substância e a representação de que esta droga significa na nossa sociedade algo sempre ruim. Carolina, ao dizer que não gostou de sua experiência com o crack (misturado com a maconha em forma de mesclado), refletiu:

Eu acho que a sensação já tá no social também, porque a gente conhece pessoas que usam, que passam por problemas mais sérios, que foram internados e tem uma vida... não sei, né... que não é um tipo de relação com droga que eu acho legal, né?

Ana também diz que ficou muita “tensa” ao usar uma substância que não considera legal. Também viu um amigo muito próximo ter experiências negativas intensas a partir do uso compulsivo de crack. Para a estudante, *“é o tipo de droga*

que... não dá, né... é complexa... é muita química... não dá pra não querer moralizar a discussão e nem quero moralizar, é simplesmente uma substância que degenera muito o organismo... e acaba com a pessoa... assim..”.

Maria, que também teve algumas experiências com o uso de crack, relata que, para ela, o uso desta substância gera sentimentos antagônicos, pois se trata de “*um uso que pesa muito*”, “*é de uma intensidade muito grande, bate duma vez, então causa muito medo*”. Além disso, a sua experiência com o crack acompanhou a história de uso compulsivo de seu companheiro com a mesma substância, o que lhe fez não querer usar mais.

Apesar de abordarem aspectos múltiplos dos mais diversos usos das substâncias, como prazer, socialização, aventura, alteração de percepção, de forma bastante positivada, também relataram possíveis danos, consequências não desejadas que foram vivenciadas nestas experiências e sensações de mal-estar sobre a maioria das substâncias usadas. Houve relatos sobre decisões de se manterem mais distantes de determinadas substâncias (lícitas e ilícitas) por consequências que consideraram negativas. Também contaram sobre situações em que criaram estratégias para diminuir, controlar ou mesmo interromper o uso e lembraram outras que não surtiram efeito.

Sobre os danos da política proibicionista, apresento algumas falas que possibilitaram certas reflexões:

[...] Às vezes ao contrário, como no filme mesmo do ‘Bicho de sete cabeças’ você vê que aquilo que era uma coisa, vamos dizer, que não teria nenhum efeito para o futuro da pessoa, pode transformar as coisas de cabeça para baixo e tudo por causa de um preconceito assim (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas)

[...] Eu compro o mínimo possível por vez. Eu tento ir o mínimo possível nos lugares. Na verdade hoje em dia existem até uns disquedrogas. Eu não faço uso disso, porque sou preocupado com isto também [...] Então, eu vou realmente em bocada. (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

Eu tô torcendo para um dia acabar tendo a descriminalização, a legalização já para mim é um mito. Mas pelo menos descriminalizar pra... [...] Aqui é muito corrido pra pensar como um dia isso vai acabar dando certo. Eu espero que logo porque eu gostaria de não precisar mais depender do tráfico. (Jorge, 25 anos, Ciências Biológicas).

[...] sem dúvida alguma a informação permite a redução de danos. Agora, se vamos falar da real redução de danos a gente vai ter que falar da regulamentação da qualidade. O usuário de drogas está disposto a usar uma alta classe de outras substâncias extremamente danosas à saúde, muitas vezes até mais danosas do que a própria droga que ele pretende consumir que estão inseridas na mistura [...] a repressão da lei e do governo e do poder em geral é terrível...normalmente ela surte efeitos contrários, pelo menos isso é o que eu percebi na minha experiência... (Pedro, 20 anos, Psicologia).

Sobre as relações que estabelecem entre o uso de substâncias psicoativas ilícitas e as consequências da legislação proibicionista para estas pessoas, a legislação brasileira atual não funciona como protetora, uma vez que, em nenhuma das situações, estes(as) estudantes deixaram de usar as substâncias por se tratar de uma atividade ilícita. Uma das consequências que ficou aparente foi a de que a proibição aumenta o distanciamento dessas pessoas com relação às redes sociais e de serviços que sejam de confiança, impedindo a troca de ideias sobre o assunto e restringindo o diálogo entre os(as) amigos(as) que também usam. Com poucas exceções, os(as) entrevistados(as) que usam ou usaram cocaína e ou crack disseram não falar sobre suas práticas relacionadas a substâncias psicoativas com pessoas que não usam por terem receios de serem criticados(as). Muitos(as) manifestaram, em diversos momentos, desconfiança nas orientações que ditam regras de abstinência total, pois esta direção exclui a possibilidade de experimentação.

Outras consequências, também já discutidas nos meios científicos, foram: falta de controle na produção das substâncias consumidas; incentivo pela ilicitude da prática a um estilo de submundo ou alternativo, em que as saídas pela noite ficam ainda mais arriscadas; preconceito e discriminação que geram um mecanismo de proteção de tornar sua prática ilícita invisível; contato com o crime organizado, principalmente no momento da aquisição de alguma substância ilícita; contato com a oferta de diferentes substâncias, com distintos potenciais aditivos pelo fato de serem comercializadas pelo mesmo vendedor (traficante) e no mesmo local (a “boca”).

Para além das consequências danosas mais explícitas da política proibicionista, há algo em jogo o tempo todo: os conflitos entre o discurso biomédico e os saberes práticos das pessoas que usam substâncias psicoativas ilícitas. Estas

peças demonstraram ter clareza em diversos momentos sobre os sentidos (racionais, perceptivos e psicológicos/ individuais, sociais e culturais) de seus mais diversos usos, reforçando a noção de que o uso de drogas na nossa sociedade não pode ser analisado e interpretado apenas pelo caráter abusivo ou da compulsão.

Centrar a compreensão nos enfoques moralista e da doença, direcionando estratégias apenas com base nestes paradigmas, aumentará a distância entre os gestores de políticas ou profissionais da saúde e as pessoas que usam tais substâncias. Estes(as) estudantes tiveram que descobrir, sozinhos(as) ou em seus grupos, caminhos e estratégias de proteção, pois aparentaram resistência em expor a pessoas externas aos seus grupos suas dúvidas sobre estas práticas, provavelmente por temerem abrir um espaço não desejado para que lhes fosse ditado o que deveriam fazer com suas vidas. Como diz Foucault (1997, p. 80): “o controle da sociedade sobre o indivíduo não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”.

Houve entre os(as) estudantes entrevistados(as) uma série de estratégias de proteção e de redução de danos quando percebido abusos. As mais recorrentes foram: a decisão de se distanciar de determinada substância, evitando por um tempo situações em que ficariam mais expostos a sentirem vontade de usar (Alexandre, Maria, Ana); a decisão de se afastar de forma mais radical do contexto envolvente ao uso (Pedro, Samira, Suzana); especificação de situações e locais permitidos para a utilização de determinada substância (Gabriel); troca de ideias com amigos(as) sobre a tentativa de distanciamento de determinadas situações de vulnerabilidade (Samira, Carolina, Pedro); aproximação de processos espirituais, com aparente presença de rituais religiosos, com o objetivo de fortalecimento e reorganização (Alexandre, Jorge, Pedro, Gabriel); substituição de uma substância considerada como mais danosa, por outra menos danosa (Pedro substituiu o uso da cocaína pelo da maconha; Jorge substituiu o uso do tabaco pelo da maconha); usar instrumentos de proteção, como camisinhas e seringas descartáveis, no caso do uso de cocaína injetável.

O importante é compreender que tais práticas protetivas ocorrem cotidianamente na vida destes(a) estudantes, mas não de forma homogênea ou contínua. Ao narrarem suas experiências, deixaram transparecer o caráter vivo e, portanto, fluido das vivências. Tais estratégias foram construídas e colocadas em

prática no "dia a dia" do uso. Todos(as) os(as) entrevistados(as) reconheceram que em muitas situações as estratégias não funcionaram ou não foram utilizadas porque houve conflito entre o não usar, ou o usar moderadamente e a vontade de usar, ou a vontade de comungar uma determinada experiência com o grupo, ou ainda, a perda do controle, sendo que estas últimas prevaleceram nesses momentos.

Sobre a relação risco e práticas de proteção, alguns (mas) dos(as) entrevistados(as) transmitiram de forma clara que a complexidade do uso das substâncias psicoativas está no fato de que, em determinados momentos da vida, o desejo é usar para "sair do corpo", "perder o controle", "extravasar", "aproximar-se da experiência mística da cocaína" ou alcançar o nirvana". E que é muito difícil concorrer com a sensação obtida nestes momentos efêmeros e raros. O problema que levantaram é que esse tipo de uso consome muita energia, saúde e pode atingir limites que beiram a morte, por isso relataram recuar quando se perceberam numa relação muito intensa. Nestas situações, o corpo apareceu como indicador da intensidade, pelas expressões: "emagrecimento", "sem energia", "rosto chupado", "pele feia", "dentes amarelos". Outros indicativos de intensidade dados pelos(as) estudantes foram: "forte angústia", "tristeza", "ansiedade", "pânico", entre outros. O que fica claro sobre o agenciamento destas práticas de uso pelos(as) interlocutores(as) é que negociar com estes desejos de experiências intensivas com as substâncias psicoativas na sociedade contemporânea não é tarefa fácil, pois, além da força devido ao efeito químico próprio de cada substância, há também uma relação ou atenção ao mundo estabelecido na sociedade de consumo que favorece o acesso a modos fluidos e intensivos pelo consumo de objetos, no caso "as drogas". O que compreendi nesta pesquisa é que essa negociação ocorreu entre os(as) estudantes por meio de pequenas atitudes em que demonstraram capacidade de resistir aos fluxos sociais repressivos ou consumistas, estabelecidos de forma contraditória, que conseguiram encontrar com práticas que lhes fizeram sentido. A esse fenômeno Deleuze e Guatarri (1997) chamam "linhas de fuga".

Percebi também agenciamentos na negociação entre os usos intensivos de determinadas substâncias e outros objetivos e interesses de suas vidas, em que outros tipos de uso se mostraram mais compatíveis com algumas áreas de suas vidas e que também lhes geram alguma satisfação, agora mais amena e menos intensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a corporalidade nas sociedades ocidentais contemporâneas inclui analisar as transformações que o corpo teve ao longo da história moderna. Dentre os aspectos discutidos no presente estudo, sobre as experiências de uso de substâncias psicoativas pelos(as) estudantes universitários(as) entrevistados(as), destaco o aspecto relacional destas experiências, em que as categorias mente, corpo e contexto apresentam-se interconectadas. As motivações iniciais e as que levaram à continuidade do uso por parte dos(as) estudantes indicam uma dimensão multifatorial. Questões sociais revelam que as relações macrossociais envolvidas nas práticas de uso interligam-se com aspectos, como a forma de buscar o prazer, o alívio da dor e a mitigação do sofrimento, enquanto as relações microssociais estabelecem relações mais diretas com as práticas de uso de substâncias psicoativas pela interface estabelecida entre estes usos e as diferentes formas de sociabilidade.

Inseridos nos diversos estilos de vida construídos socialmente, compreendidos, por exemplo, através de expressões como "não ser careta", "ser aberto a novas experiências", "compartilhar músicas, literaturas, espaços de lazer (festas, encontros) e usos de 'drogas'", os(as) entrevistados(as) consideraram que, em muitos momentos, o uso de substâncias psicoativas ocorreu de maneira prazerosa e integradora, apesar do reconhecimento da existência de riscos. Um modo de engajamento presente nas trajetórias relatadas tem a ver com o conceito desenvolvido por Vargas (2001) de um modo intensivo de se engajar. Estes modos de engajamentos relatados se manifestaram mais ou menos intensos, dependendo de situações, ou mesmo variando entre épocas da vida destes(as) estudantes, sendo que aspectos subjetivos e de relacionamento com o mundo atravessaram constantemente estas experiências.

Considerando as regras e as normalizações dos corpos, que são características da sociedade disciplinar (FOUCAULT, 2008) e algumas ideologias refinadas na sociedade de controle (DELEUZE, 1992), como a busca pelo corpo ideal (VARGAS, 2001; ORTEGA, 2008) e a busca pela extensão da vida (VARGAS, 2001), as práticas de uso de substâncias psicoativas entre os(as) interlocutores(as) universitários(as) se mostraram subversivas, pois em suas narrativas emergiram

modos de engajamento no mundo que provocam experiências contrárias às lógicas postas pelos pensamentos hegemônicos de extensão da vida e de disciplinamento e controle dos corpos.

Alguns dos processos experienciados nas relações intensas estabelecidas com as substâncias psicoativas foram: "ansiedade", "angústia", "êxtase", "insônia", "emagrecimento", "euforia", "desmaios", "envelhecimento da pele", "dentes amarelos", rosto chupado", "sensação de paulada", "medo", "pânico" e "extremo prazer". Estes modos de engajamento com o mundo desafiam a missão da biopolítica (FOUCAULT, 2008), que tem entre suas tarefas "[...] organizar a vida, cultivá-la, protegê-la, garanti-la, multiplicá-la, regulá-la, controlar e compensar suas contingências, delimitando as suas possibilidades biológicas ao encaixá-las em um formato preestabelecido e definido como 'normal.'" (SIBILA, 2002, p. 161). Ou seja, as práticas destes(as) estudantes universitários(as), em muitos momentos, indicaram desobedecer a ordem de disciplinamento, de normalização, de sustentar a vida em sua extensão e de busca por um corpo ideal.

Porém, como brevemente apresentado no capítulo 1, atualmente nosso modo de viver, de governar e ser governado, também sofre fortes interferências do atual sistema capitalista, em que tanto a economia e a política quanto os governos e as instituições privadas entrelaçam-se de maneira que o poder não se encontra mais centralizado nos Estados, sendo pulverizado entre as empresas financeiras que compõem o mundo globalizado. De acordo com Sibila (2002), como consequência desse novo modo de governar, o poder passou a ser exercido pela produção de "sujeitos consumidores", havendo uma explosão no desenvolvimento de tecnologias, entre as quais uma vem assumindo grande importância, que é a tecnologia de controle da vida, que criou formas de manipulação dos corpos – com a decifração e o controle do código genético e a reprogramação dos circuitos do Sistema Nervoso Central - por meio da industrialização em escala mundial de remédios psicofármacos.

A interferência do atual contexto capitalista não pode ser ignorada em um estudo social sobre as "drogas". Entre os(as) interlocutores(as) universitários(as), além dos movimentos "subversivos", intencionais ou não, também emergiram algumas ambiguidades em suas práticas, indicando que, ao mesmo tempo que apresentam práticas contrárias à ordem hegemônica, seguem, de alguma

maneira, lógicas criadas e estimuladas pela ordem social vigente. Um exemplo, a busca de satisfação, de prazer, de autoafirmação pessoal e social e de pertencimento ao espaço universitário pelo consumo de um objeto, no caso "as drogas" e a utilização de intervenção química do corpo para acessar processos mentais valorizados por determinados segmentos no tempo universitário, implicam a racionalização do uso das substâncias psicoativas, a partir da ideia de que estes usos "ampliam a visão de mundo", "contribuem com a reflexão sobre a realidade" ou "expandem a consciência".

As análises indicam ainda que, durante o tempo universitário, o uso de substâncias psicoativas muitas vezes é compartilhado em momentos de sociabilidade, sendo as trocas de ideias entre os pares as mais aceitas e valorizadas. Esta forma de sociabilidade interfere tanto na intensificação do uso quanto na sua diminuição ou no uso mais controlado. Outro aspecto evidenciado nas entrevistas é que as interferências sociais que se sobressaíram não ocorreram intencional ou unilateralmente em forma de pressão do grupo e sim por situações compartilhadas que levaram os grupos a transformarem suas práticas de maneira recíproca.

Outro fator que os(as) interlocutores(as) relataram é que a confiança centralizada entre os pares tem sido reforçada pela forma repressiva com que a sociedade brasileira lida com a temática. A contribuição de Foucault, de sua obra "História da Sexualidade" (1985), em que analisa o deslocamento do uso dos prazeres do homem para a busca do seu controle nas sociedades ocidentais modernas, contribui para pensarmos na atual concepção moralista sobre as substâncias psicoativas, que toma como embasamento teórico o modelo biomédico para controlar os corpos, reprimindo as práticas de uso de substâncias psicoativas que não sejam medicinais.

A visão repressiva ou proibicionista gera ainda uma homogeneização fictícia das "drogas" pela ilicitude, o que impede a construção de um saber coletivo que consiga diferenciá-las a partir das características de interação com o corpo humano. Os(as) estudantes disseram ter aprendido esta diferenciação na prática e demonstraram buscar a transformação deste saber em poder ao longo de suas trajetórias de uso.

Seguem algumas estratégias aprendidas pelos(as) entrevistados(as) sobre esse processo de uso que, segundo estes(as) estudantes, possibilitaram uma melhor administração de seus usos: destinar o uso da cocaína e de LSD especificamente para determinadas situações de lazer, com companhias e em lugares específicos, reservando para esta substância um uso esporádico (Samira, Carolina, Ana, Maria, Gabriel); atentar-se quando o uso de uma determinada substância se intensifica, buscando sua diminuição ou interrupção, muitas vezes enfrentando sofrimento e dificuldades quando em abstinência (Pedro: cocaína, Samira: cocaína, Maria: álcool e cocaína, Gabriel: álcool e maconha); avaliar os danos de cada substância utilizada e interromper o uso de determinada substância que se considera mais prejudicial, mantendo o uso apenas daquela que não gera danos tão graves, como forma de suportar a abstinência, ou a falta da prática em si, ou ainda, a falta do efeito desejado (Pedro: substituição do uso de cocaína pelo uso de maconha e Jorge: substituição do uso de tabaco por maconha).

Apesar das trajetórias realizadas pelos(as) estudantes na criação de estratégias de proteção, a falta de espaços de diálogos democráticos, políticos, culturais e de saúde sobre a temática interfere negativamente nesse processo, pois as pessoas que experimentam substâncias ilícitas acabam fazendo isso de forma anônima e secreta, o que restringe as possibilidades de construção coletiva de um saber-fazer sobre tais substâncias.

Portanto, o proibicionismo gera um modo específico e controverso de engajamento no mundo dos(as) usuários(as) de drogas, pois, por um lado, seus estilos de vida estão em consonância com a sociedade atual, na busca de diversas formas de alterar a percepção e obter prazer imediato e, por outro, são colocados à margem por utilizarem substâncias proibidas, o que lhes traz poder de diferenciação, mas também pode ocasionar marginalização e isolamento.

A partir dos múltiplos aspectos levantados, não se deve entender o uso de substâncias psicoativas de forma homogênea entre a população universitária. Em primeiro lugar, considero que os(as) interlocutores(as) desta pesquisa constituíram um grupo específico entre muitos outros possíveis na Universidade Estadual de Londrina. Em segundo lugar, ressalto que, apesar de possuírem alguns contextos, estilos de vida, significados e desejos comuns, referentes ao uso de substâncias psicoativas, foram variadas as formas de consumo, a frequência, a intensidade e os danos vividos e percebidos em relação a cada tipo de substância psicoativa acessada.

Apesar do consenso entre os(as) estudantes de que a maconha é a substância psicoativa ilícita mais aceita socialmente no meio universitário, não se pode concluir que, de forma geral, esse seja o único uso que se faz presente na vida dessas pessoas. Outro dado importante para entender a complexidade do assunto foi a questão do uso de crack por estes(as) estudantes. Se, por um lado, houve o consenso entre os(as) interlocutores(as) de que se trata de um uso pouco disseminado entre os(as) universitários(as) e praticamente não visto, na contramão desta informação, constatei que pelo menos cinco entrevistados(as) tiveram experiências com o crack.

O fato de que há uso de crack entre estudantes universitários(as) não deve ser usado como argumento para causar alarde, pois ele por si só não evidencia uso abusivo desta substância pela população universitária, inclusive nenhum(a) dos(as) entrevistados(as) relatou uso contínuo ou abusivo do crack. Considero ser um fato de relevância analítica, mas pelos seguintes fatores: a dificuldade em se generalizar tipos de substâncias usadas por populações específicas, podendo incorrer em equívocos, como concluir que estudantes universitários(as) não consomem crack; e o problema da disseminação do pânico moral em torno do crack, pois esta estratégia política e midiática se mostrou ineficiente na inibição das experimentações entre estes(as) estudantes(as), além de que torna o uso invisível, já que eles(as) mesmos(as) demonstraram uma tendência a omitir esse uso, inclusive dos próprios pares, uma vez que é uma prática marginalizada e recriminada socialmente.

Ao realizar um exercício de articulação entre os estudos sociais que apontam controvérsias, as contradições estabelecidas na legislação e na política sobre drogas e as experiências de estudantes que usam substâncias ilícitas e lícitas, pude compreender que somente as pessoas que usam tais substâncias é que podem nos indicar os caminhos a serem seguidos, pois, os(as) estudantes falaram dos múltiplos aspectos, positivos e negativos, da prática do uso, da política proibicionista e das implicações na facilidade de acesso às "drogas" ilícitas, sem que estas substâncias passem por alguma regulação na produção, distribuição e comercialização.

Além disso, pela escuta e pela interação com estes(as) estudantes tive acesso às possibilidades e limites de agenciamento em relação às "intrincadas injunções" entre "modos extensivos e intensivos de engajamento com o mundo", entre "agonia e êxtase" (VARGAS, 2001) e entre modos subversivos e consonantes na relação com o sistema político, econômico e social estabelecido em nossa sociedade. Ou seja, em meio a estas "lutas inerentes às redes de poder" da "produção biopolítica" (SIBILA, 2002) da organização sociopolítica atual é que os(as) estudantes universitários(as) vivenciam suas práticas de uso das substâncias psicoativas, evidenciando agenciamentos, com iniciativas individuais e dos pequenos grupos de sociabilidade em busca de organizar e controlar alguns aspectos do uso, a saber: o *quantum* excedente (não desejado e por vezes, não esperado) de sensações consideradas ruins, a compulsão, entre outras consequências negativadas, advindas da relação com as substâncias psicoativas.

Estes agenciamentos foram percebidos em nuances da prática, principalmente quando pequenas reflexões ou atitudes interferiram em mudanças de posicionamentos. Identifiquei como um tipo de agenciamento a ocorrência de ponderações diante de algumas características inerentes ao uso de substâncias psicoativas, percebidas pelos(as) estudantes. Na sequência de suas falas, eles(as) associaram essas reflexões à possibilidade de mudança na relação abusiva com determinadas substâncias. Seguem algumas ponderações, tais como, compulsão (que pode se instalar): *"agora a minha pira com o tabaco está em eu saber da minha relação com ele, o que eu posso e porque preciso fumar em cada momento. Se eu tô em um lugar ou momento que não posso ou não devo, por que é que eu tenho que fumar? Perguntar-me sobre isso tem me ajudado a não usar nestes momentos e a ficar mais tranquilo"* (Gabriel, Ciências Sociais); impossibilidade de parar o efeito depois da substância ingerida: *"A cocaína causou esse incômodo [...] durante e depois [...] é uma ansiedade, não tem do que, exatamente e não tem o que fazer, na verdade porque está dentro de você, você pode até sair correndo, que essa ansiedade não passa, então eu acho que isso que é o ruim, mas eu acho que ela é bem viciante porque eu acabei usando muitas vezes, mesmo com tudo isso"* (Samira, Psicologia); limites no autocontrole: *"[...] eu sempre me considerei uma pessoa de muito autocontrole e tudo, e aí tinha percebido que, realmente, já tinha fugido (risos) de qualquer controle"* (Pedro, Psicologia).

Outra forma percebida de agenciamento emergiu por atitudes "espontâneas", não intencionais ou não pensadas, dos grupos de sociabilidade no sentido de mudar suas práticas coletivamente, à medida que foram percebidas determinadas consequências negativas que estariam afetando a todos ou a maioria dos membros, entre as quais: emagrecimento; deixar de realizar compromissos acadêmicos; exposição social a partir de uso em lugares não protegidos.

Ainda em relação aos movimentos entre os pares que compartilham o uso de substâncias psicoativas, houve manifestações de reconhecimento de que, em determinados momentos de suas vidas, quando sentiram necessidade de mudar sua relação com alguma substância, a ajuda e a solidariedade dos companheiros(as) e amigos(as) foram fundamentais para que conseguissem concretizar mudanças. Mas também houve relatos dizendo que, em muitas situações em que "viram" que algum amigo(a) estava vivenciando relações danosas com alguma substância, sentiram-se impotentes, pois não conseguiram acessar a pessoa em questão, o que fez com que os interlocutores(as), segundo eles(as) mesmos(as), acabassem se distanciando. Uma terceira situação ainda identificada foi a da existência de grupos em que não havia laços de solidariedade e comunhão, sendo a sua união mais efêmera e em torno do objetivo central do uso de substâncias e de curtição, o que diferenciei, a partir de Simmel (2006), como grupos em que havia uma certa socialidade, mas não laços de sociabilidade. Nestes grupos, a possibilidade de agenciamento coletivo pareceu mais restrita, em que o "*fazer sem pensar*", o "*ir na onda*", ou o "*sentir-se coagido*" apareceram em algumas falas sobre experiências pontuais, mas evidenciou que, nestas situações, o agenciamento foi mais difícil e restringiu-se ao nível individual.

Outro aspecto sobre o agenciamento e seus limites evidenciou-se na relação dos(as) interlocutores(as) com a política atual sobre as "drogas". Dos nove interlocutores(as), oito manifestaram, desde os primeiros contatos, disponibilidade em participar da presente pesquisa, por dois fatores. Primeiro, por considerarem importante a realização de estudos sociais sobre a temática e segundo, pelo entendimento de que é fundamental que, nestas pesquisas, haja espaço para a manifestação das pessoas que usam "*drogas*", como bem representa a fala de Jorge (Ciências Biológicas): "*[...] é importante o usuário ser ouvido em pesquisas como*

esta, das ciências sociais, isso pode ajudar a quebrar paradigmas, a desconstruir mitos".

Tais posicionamentos políticos dos(as) estudantes, somados aos diversos momentos em que manifestaram espontaneamente opiniões sobre a atual política proibicionista, sobre os modelos biomédico e moral vigentes, sobre a Redução de Danos como alternativa viável da política de saúde, bem como as indicações de leituras especializadas, apontadas pelos(as) entrevistados(as), levaram-me a concluir que a população acessada nesta pesquisa constituiu-se em uma população específica, que se interessa pelos aspectos sociais e políticos do tema "drogas".

Os(as) entrevistados(as) também se posicionaram na defesa de uma ampla discussão sobre o proibicionismo vigente no país, sendo que alguns falaram de descriminalização e outros de legalização das substâncias, fazendo também uma distinção entre legalizar a maconha e discutir como regulamentar e controlar outras substâncias de "uso mais pesado". como a cocaína e seus derivados.

Tais posicionamentos indicam que há uma atitude reflexiva da parte dos(as) estudantes frente à realidade que os cerca, não apenas dos seus consumos, mas do sistema envolvente. Por outro lado, foram poucas as referências às ações de cunho social ou político que tenham sido derivadas dessas críticas, o que fez com que estas críticas permanecessem restritas ao plano das ideias e aos níveis individuais e microssociais. Apenas dois dos entrevistados, Gabriel e Alexandre, disseram buscar como alternativa política discutir esta temática em seus trabalhos, disseminando a discussão pelas vias educativas e culturais.

Diante da atual conjuntura política proibicionista no Brasil e da consequente ausência de debates públicos francos e democráticos sobre a temática, compreendo que a existência de movimentos em espaços microssociais, como os que emergiram na presente pesquisa são fundamentais, mas não suficientes para uma mudança mais ampliada das lógicas repressiva e moralista postas. Esperar, delegar ou até mesmo exigir que iniciativas políticas críticas sejam mobilizadas exclusivamente por pessoas que usam substâncias psicoativas ilícitas é uma atitude individualista e perversa, pois delega a um grupo específico uma questão que diz respeito a toda a sociedade, além de que, para estas pessoas fazerem isso, precisarão se expor socialmente, colocando-se num lugar marginalizado.

Diante do exposto, as alternativas para um possível agenciamento coletivo da questão das "drogas", ou melhor, dizendo, da questão das substâncias psicoativas, são: o fortalecimento de redes sociais que lutam por direitos humanos e sociais de usuários(as) de substâncias psicoativas, sendo que estas ações foram iniciadas em todo o território nacional pelos Programas de Redução de Danos, porém encontram-se fragilizadas pelo desmantelamento dos Programas de RD devido ao encerramento dos financiamentos do governo federal; e o envolvimento nas discussões dessa temática por parte do maior número de segmentos sociais que lutam pela democracia, pelos direitos humanos e civis de populações minoritárias, na construção da educação para a autonomia, conforme defende Acselrad (2003, 2010).

No contexto universitário, chamo a atenção para a responsabilidade dos governos e das instituições públicas de ensino superior, que devem não apenas lembrar as finalidades da educação de nível superior, que segundo Finatti (2007, p. 57): "[...] podem resumir-se em transmissão do saber acumulado, produção de novos conhecimentos, formação profissional e extensão universitária", como também buscando a construção desse saber da forma mais horizontal e democrática possível, preocupando-se com os conhecimentos específicos de cada área profissional e elaborando espaços democráticos para discussões de temas de interesses coletivos.

Outras responsabilidades dos governos e das universidades públicas são: a abertura cada vez maior destes espaços "universais" e públicos, para a população oriunda de escolas públicas do ensino fundamental e médio e de populações minoritárias; e a criação de uma assistência estudantil que possibilite a permanência da população universitária na academia. Por fim, mais especificamente sobre as substâncias psicoativas, a partir da complexidade de aspectos levantados neste estudo e da consideração das controvérsias sociais apontadas sobre a temática, entendo que nas universidades devam ser construídos programas permanentes, com o objetivo de dialogar e ofertar intervenções psicossociais sobre a temática com os(as) estudantes universitários(as), mas que, necessariamente, estes programas sejam elaborados de forma integrada às ações mais ampliadas de assistência (social, de saúde, de direitos humanos e civis, de apoio acadêmico) e

discutidos amplamente com os(as) estudantes universitários(as) para que realmente atendam às suas necessidades e anseios.

As universidades públicas têm a obrigação de avançar nas discussões dos paradigmas biomédico e moral, postos de forma hegemônica na sociedade atual, pois se constituem espaços públicos, privilegiados para a construção de novos saberes. Para colaborar com este processo, levanto uma última consideração, apreendida a partir das trajetórias narradas dos(as) interlocutores(as) universitários(as): não precisamos temer discutir amplamente sobre o uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas em nossa sociedade, pois o fato de esta pesquisa ter suspenso a utilização dos modelos biomédico e moral como únicas vias para a compreensão desse fenômeno não gerou entre os(as) universitários(as) um discurso de "apologia ao uso" e sim suscitou elementos que podem contribuir para a produção de saberes socialmente compartilhados e para o avanço de regulações sociais mais efetivas em relação ao uso contemporâneo de substâncias psicoativas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma perspectiva nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANDRADE, T. M. de Reflexões sobre Políticas de Drogas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.12, p. 4665-4674, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-1232011001300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 fev. 2012.

ACSELRAD, G. Política de drogas e cultura de resistência. In: **Fórum SocialMundial**, 2003, Colômbia.

_____. A construção social do "problema" das drogas. **Democracia Viva**, 2010. Disp.em: <http://www.ibashe.br/modules.php?name=conteudo&pid=928&print=1>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

AZIZE, R. L. **A química da qualidade de vida: um olhar antropológico sobre uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisas em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 2.ed.1994.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: _____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.59-73.

_____. A crença e o corpo. In: _____. **O sentido prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.108-132.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas. **I Levantamento Nacional sobre uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

_____. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Jovens Acontecendo nas Trilhas das Políticas Públicas**. Brasília: CNPD, 1998, 2v.

BRAZ, C. A. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a bodymodification em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

CARNEIRO, H. S. **A fabricação do vício**. 2002a. Disponível em: <<http://www.neip.info>>. Acesso em: 20 maio 2008.

_____. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX.** 2002b. Disponível em: <<http://www.neip.info>>. Acesso em: 20 maio 2008.

_____. As drogas e a história da humanidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, ano 6, n. 6, p. 14-15, nov. 2009.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP - UEL). **Processo 7471/2011** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <carlapagnossim@gmail.com> acesso em: 13 jul. 2011.

COSTA, A. S. **A regra de exceção: poder soberano e biopolítica na “guerra às drogas”.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Pesquisas em versus pesquisa com seres humanos. In: VICTORA, C. et al. (Org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil.** Niterói: EdUFF: ABA, 2004. p. 33-44.

CSORDAS, T. J. Introduction: the body as representation and being-in-the-world. In: _____. (Org.). **Embodiment and experience: the existential ground of culture and self.** London: Cambridge University Press, 2003. p.1-24.

_____. **Corpo/Significado/Cura.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. DELEUZE, G. Post-Scriptum: sobre as Sociedades de Controle. In: _____. **Conversações.** Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Devir intenso, devir animal, devir-imperceptível. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 1997, v.4, p.11-112.

DOMANICO, A. **Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nórias!** 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DUARTE, L. F. D. Ética igual, pesquisas diferentes. **Instituto Ciência Hoje.** Disponível em: <www.cienciahoje.uol.com.br>. Acesso em: 30 jan. 2012.

FINATTI, B. E. **Assistência Estudantil na Universidade Estadual de Londrina/UEL.** 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

IORE, M. **Algumas reflexões a respeito dos discursos médicos sobre uso de "drogas".** Disponível em: <www.neip.info>. Acesso em: 08 maio 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** 9 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. O Nascimento da Medicina Social. In: _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v.21, p. 81-171.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUERRIERO, I. C. Z.; et al. **Ética nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais na Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

JEOLÁS, L. S. **Risco e prazer: os jovens e o imaginário da aids**. Londrina: Eduel, 2007.

JEOLÁS, L. S.; PAULILO, M. A.; CAPELO, M. R. C. (Org.). **Juventudes, desigualdades e diversidades**. Londrina: Eduel, 2007.

KOFES, S. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. LABATE, B.; et al (Org.). **Drogas e Cultura: novas perspectivas**. Salvador: Edufba/MINC, 2008.

MACRAE, E. O controle social do uso de substâncias psicoativas. In: PASSETI, E.; SILVA, R. B. D. da (Org.). **Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: IBICICrim/PEPG-PUC, 1997, p.107-116.

_____. **Redução de danos para uso da Cannabis**. São Paulo: UNIFESP, 2004. Texto apresentado ao Programa de Orientação e Apoio ao Dependente de Drogas (PROAD). Escola Paulista de Medicina. Disponível em: <www.neip.info>. Acesso em: 08 maio 2008.

MACRAE, E.; GORGULHO, M. Redução de danos e tratamento: posicionamento da Reduc. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. v.52, p. 371-74, set/out 2003. Disponível em: <www.neip.info>. Acesso em: 08 maio 2008.

MACRAE, E.; SIMÕES, J. A. A subcultura da maconha, seus valores e rituais entresetores socialmente integrados. In: BATISTA, M.; CRUZ, M. S.; MATIAS, R. (Org.). **Drogas e pós-modernidade: faces de um tema proscrito**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003.

MACRAE, E.; VIDAL, S. S. A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.49, n.2, p. 645-666, 2006.

MALUF, S. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**. Florianópolis, n.9, p. 87-101, 2001.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. O Corpo. In: _____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

_____. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. Resenha de: GIMENES, G. F. As incertezas do corpo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, jan-jun, 2011.p. 459-466.

REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia de pesquisa**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira. 2000.

RODRIGUES, T. **Controle internacional de drogas e estratégias políticas**. 2002. Disponível em:<<http://www.neip.info>>. Acesso em:20 maio 2008.

_____. Drogas e liberação: enunciadores insuportáveis. **Verve**, v. 6, p. 129-156,2004a.

_____. **Drogas, proibição e abolição das penas**. 2004b. Disponível em:<<http://www.neip.info>>. Acesso em:20 maio 2008.

RUI, T. C. Só se vive uma vez: uma reflexão acerca de distintas concepções e práticas do uso de “drogas”. **Mediações**: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v.12, n.2, p. 187-202, jul/dez 2006.

_____. **Uso de “drogas”**: marcadores sociais e corporalidades: uma perspectiva comparada. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Campinas, Campinas.

SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001.

SIBILA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Riode Janeiro: RelumeDumará, 2002.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

VALENÇA, T. **Consumir e ser consumido, eis a questão!** (parte II). Outras configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo. 2010. Tese(Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VARGAS, E.V. Que guerra é essa? A propósito da partilha moral entre drogas e fármacos. **Conjuntura Política**, Belo Horizonte, v.22, p. 1-4, 2000.

_____. **Entre a extensão e a intensidade**: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquias. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2ed, 2008.

VÍCTORA, C. G.et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VÍCTORA, C. et al. (Org.). **Antropologia e ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Braziliense, 1995.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista

Apresentação inicial

1. Apresentar a pesquisa e seus objetivos.
2. Falar todas as informações do Termo de Consentimento.
3. Perguntar se a entrevista pode ser gravada e se sim, ofertar possibilidade de chamá-lo(a) de outro nome.
4. Perguntar para o entrevistado se aceita participar da pesquisa.

História dos primeiros contatos com as substâncias psicoativas (drogas)

1. Quando? Como foi? Com quem? Quais drogas em cada momento?

História/ Percurso/Relações estabelecidas/Usos de drogas

2. Como se deram ou se dão estes usos ao longo de sua vida?
3. Drogas de uso mais contínuo? Formas? Contexto/Ocasões?situações? Frequência? Intensidade?
4. Quais drogas ainda usa?

Trajétoria para iniciar o curso de graduação. Como é ou foi realizar tal curso?

História/Trajétoria/Percurso destes usos na universidade e neste tempo/período

1. Como isto se deu ou se dá?
2. Percebe ou sente alguma mudança em relação aos seus usos anteriores?
3. Relações/Repercussões nas atividades intelectuais/ outras atividades/ relacionamentos/ outros aspectos.

Associações que faz sobre seus usos de drogas

1. O sente quando uso? O que busca ou encontra?
2. Quais associações (o que pensa) que faz deste uso com outros aspectos/ formas de viver/ experiências da vida/ amigos/diversão/prazer.
3. Onde e como entra esta experiência.
4. Repercussões/ Relações na sua vida em geral.
5. O que você pensa do uso de drogas na nossa sociedade? Como vê isto? Quais as repercussões/ relações?

Dados complementares

1. Você pode me dar dados como idade, sexo, raça ou etnia, classe social?
2. Posso entrar em contato caso precise voltar a conversar sobre o assunto da entrevista?
3. Se você desejar acrescentar algo, pode me ligar, ou escrever *e-mail* para marcarmos outra conversa.
4. Se estes dados (preservando o sigilo de sua identidade) podem ser utilizados, por mim, em pesquisas futuras sobre o tema do uso de drogas?